

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

LEONARLLEY RODRIGO SILVA BARBOSA

**JORNAL *FOLHINHA APLICADA ON-LINE*: UM EXERCÍCIO DE
AUTORIA.**

GOIÂNIA
2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

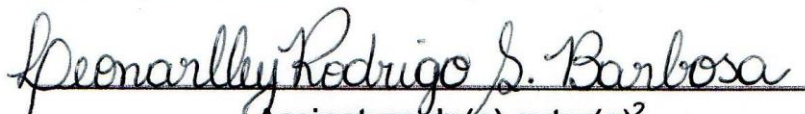
Nome completo do autor: LEONARLLEY RODRIGO SILVA BARBOSA

Título do trabalho: JORNAL FOLHINHA APLICADA ON-LINE: UM EXERCÍCIO DE AUTORIA

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 06 / 11 / 18

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

LEONARLLEY RODRIGO SILVA BARBOSA

**JORNAL *FOLHINHA APLICADA ON-LINE*: UM EXERCÍCIO DE
AUTORIA.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes.

Professora orientadora: Profa. Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha.

GOIÂNIA

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Barbosa, Leonarley Rodrigo Silva.

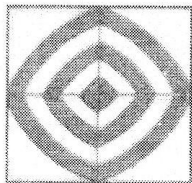
Jornal Folhinha Aplicada on-line: [manuscrito] : um exercício de
autoria / Leonarley Rodrigo Silva. Barbosa. - 2018.
CXXV, 125 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro
de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação
em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2018.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, mapas, gráfico.

1. Ensino. 2. Linguagem. 3. Sujeito. 4. Jornal. 5. Autoria. I. Rocha,
Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho, orient. II. Título.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ao primeiro dia do mês de outubro de 2018, às 14:00 horas, nas dependências do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, foi realizada a defesa de dissertação de mestrado **JORNAL FOLHINHA APLICADA ON-LINE: UM EXERCÍCIO DE AUTORIA** do mestrando **Leonarley Rodrigo Silva Barbosa**, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Ao término da defesa a banca examinadora (Port. nº 070/PPGEEB/2018 de 01 de outubro de 2018), considerou a dissertação apresentada

Aprovada

Não aprovada

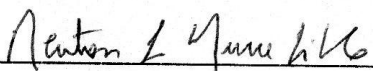
Observações:

Proclamado o resultado, o (a) presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata com os outros membros da banca examinadora.

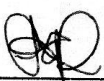
Goiânia, 01 de outubro de 2018.



Profa. Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha (PPGEEB/CEPAE/UFG) – Presidente



Prof. Dr. Newton Freire Murce Filho (PPGEEB/CEPAE/UFG) – Membro interno



Profa. Dra. Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues (FL/UFG) – Membro externo

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha família, aos meus amigos e aos alunos, que muito contribuíram para que esse trabalho fosse concretizado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu Deus, que me permitiu dar mais um passo a caminho do conhecimento. Tudo vem de Ti! Tudo é Teu!

À minha família, em especial minha mãe, que desde sempre esteve comigo em todos os momentos, um exemplo de vida que deve ser reconhecido. Amo-te! Aos amigos, pelo apoio e carinho, pois muitas vezes me ausentei para escrever esse trabalho.

À Profa. Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha, que, com suas orientações, pudesse desenvolver essa dissertação. Obrigado também pela amizade, compreensão e pela oportunidade de ser seu aluno e marcar em mim novas reflexões sobre o ensino na educação básica. Enfim, por me desafiar a produzir o melhor.

Aos alunos dessas duas escolas: Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae/UFG) e Escola Municipal Nossa Senhora da Terra pela valiosa contribuição nesse trabalho. Um pedacinho de vocês está aqui.

Aos diretores, professores, administrativos dessas duas escolas pelo apoio. Foi em momentos de planejamento pedagógico que surgiu a questão que norteia a dissertação. Valeu!

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Educação Básica (PPGEEB-Cepae-UFG) pela rica oportunidade de realizar este trabalho.

À banca examinadora, que, através de suas orientações, contribuiu para a organização dos conhecimentos aqui apresentados.

Aos meus colegas de curso (Turma 2016), que, em meio a vivências e discussões em sala de aula nesses dois anos, pudésemos criar um vínculo de amizade e troca de experiências.

Enfim, a todos que diretamente e indiretamente me apoiaram nessa minha trajetória.

RESUMO

Sabe-se que a maioria das práticas de leitura e escrita na escola ocorrem centradas na ideia de linguagem como comunicação, o que reduz muito a oportunidade de os alunos realizarem experiências de leitura e escrita de modo mais ativo e autoral. Discutir essa questão e apresentar uma proposta que contribuísse para o ensino de Língua Portuguesa na escola, principalmente nas séries iniciais, fomentando um protagonismo estudantil, foram objetivos dessa dissertação. Para isso, optou-se por abordar teoricamente concepções decorrentes da hipótese do Inconsciente, tal como abordada por Freud e Lacan, de modo a ampliar as ideias de sujeito e linguagem, bem como defender um exercício de autoria. Afinal, um texto, oral e/ou escrito, carrega as marcas e os efeitos de como cada sujeito elabora seu encontro com o mundo. Assim, após um estudo bibliográfico e utilizando-se das tecnologias digitais, foi possível transformar um jornal estudantil impresso em um *site*, o *Folhinha Aplicada*. Ele é o produto educacional resultado deste trabalho, vinculado ao Departamento de Pedagogia do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás como projeto de extensão e ao projeto de pesquisa Arte, psicanálise e educação: os procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância. Com esse formato, tornou-se mais acessível, interativo e obteve um registro oficial. Espera-se que, dessa forma, contribua para fomentar experiências de ensino mais inclusivas e com possibilidades de ampliar um processo de autoria do aluno, valorizando seu percurso pela escola, não apenas em relação ao ensino de Língua Portuguesa, mas de outras disciplinas também. Além disso, o exercício de significação que apresenta é valorizado, não como produto final, mas como processo, a fim de que o aluno possa experimentar e descobrir. Enfim, acredita-se que o *Folhinha Aplicada* pode contribuir para fomentar experiências com o saber, com o outro e com o mundo.

Palavras-chave: Ensino. Linguagem. Sujeito. Jornal. Autoria. Tecnologias.

ABSTRACT

It is widely known that most of the reading and writing practices at school occur based on the idea of language as communication, which significantly reduces the opportunity for students to fulfill reading and writing experiences in a more active and authorial way. To discuss this issue and present a proposal that would contribute to Portuguese language teaching at school, especially in the initial grades, encouraging student protagonism, were the objectives of this dissertation. Hence, it was decided to approach conceptions derived from the hypothesis of the Unconscious theoretically, as done by Freud and Lacan, in order to broaden the ideas of subject and language, as well as to defend an exercise of authorship. After all, a text, oral and/or written, carries the marks and effects of how each subject elaborates their encounter with the world. Thus, after a bibliographic study and usage of the digital technologies, it was possible to transform a printed student newspaper into a website, the Folhinha Aplicada. The result of this work is linked to the Departamento de Pedagogia of the Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação of the Universidade Federal de Goiás as an extension project and to the research project Arte, psicanálise e educação: os procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância. In the website format, the student newspaper became more accessible, interactive and obtained an official record. It is hoped that, in this way, it will contribute to promote more inclusive teaching experiences with possibilities to expand a student's self-assessment process, valuing its course through the school, not only regarding Portuguese language teaching, but other subjects as well. In addition, the exercise of acceptations it presents is valued, not as a final product, but as a process, so that the student can experience and discover. Finally, it is believed that the Folhinha Aplicada can contribute to further experiences with knowledge, with the other and with the world.

Key-words: Teaching. Language. Subject. Newspaper. Authorship. Technologies.

*A mim a criança ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me para todas as coisas que há nas
flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
quando a gente as tem na mão
e olha devagar para elas.
A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção de meu olhar é o seu dedo
apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os
sons
são as cócegas que ela me faz,
brincando, nas orelhas.
Ela dorme dentro da minha alma
e às vezes acorda de noite
e brinca com os meus sonhos.
Vira uns de perna para o ar
Põe uns em cima dos outros
e bate as palmas sozinha
sorrindo para o meu sono...
A criança nova que habita onde vivo
dá-me uma mão a mim
e a outra a tudo que existe
e assim vamos os três pelo caminho que
houver,
saltando e cantando e rindo
e gozando o nosso segredo comum
que é o de saber por toda a parte
que não há mistério no mundo
e que tudo vale a pena.*

FERNANDO PESSOA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	18
1.1 A centralidade nos métodos	18
1.2 A linguagem como comunicação e o ensino de habilidades linguísticas.....	22
2. LINGUAGEM E SUJEITO	28
2.1 A linguagem como processo de constituição de sujeitos	28
2.2 Linguagem e Inconsciente: um estudo a partir de Freud	30
2.3 Língua: possibilidades de significações	34
3. AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: CONTRIBUIÇÕES E ELABORAÇÃO DO <i>SITE FOLHINHA APLICADA</i>	41
3.1 As contribuições das tecnologias digitais para a Educação Básica	41
3.2 O periódico impresso <i>Folhinha Aplicada</i>	47
3.3 O <i>site Folhinha Aplicada</i> : o produto educacional	52
4. <i>FOLHINHA APLICADA</i>: EXERCÍCIOS DE AUTORIA	60
4.1 As produções e a autoria	60
4.2 Acessibilidade e interatividade do <i>site Folhinha Aplicada</i> em números	68
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
6. BIBLIOGRAFIA	79
7. ANEXOS	82
Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	82
Anexo II – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....	86
Anexo III – Termo de Compromisso	89
Anexo IV – Ofício de solicitação da realização de pesquisa à Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia	90
Anexo V – Autorização da Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia para a realização da pesquisa	91
Anexo VI – Termo de Anuência da Escola Municipal Nossa Senhora da Terra.....	92
Anexo VII – Termo de Anuência do Cepae/UFG	93
Anexo VIII – Reportagem do Jornal <i>O Popular</i> na sessão Almanaque sobre o <i>Folhinha Aplicada</i>	94

Anexo IX – Edições impressas do <i>Folhinha Aplicada</i> e suas modificações	96
<i>Folhinha Aplicada</i> – Vol. 01, Nº 01, Abril/2006.....	96
<i>Folhinha Aplicada</i> – Vol. 01, Nº 02, Setembro/2006	100
<i>Folhinha Aplicada</i> – Vol. 02, Nº 03, Abril/2007.....	104
<i>Folhinha Aplicada</i> – Vol. 03, Nº 04, Fevereiro/2012	108
<i>Folhinha Aplicada</i> – Vol. 06, Nº 22, Agosto/2015	114
<i>Folhinha Aplicada</i> – Vol. 08, Nº 32, Setembro/2017	120

INTRODUÇÃO

O jornal *Folhinha Aplicada* (o qual teve o nome escolhido em um concurso pelos alunos) foi um projeto de extensão do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (Cepae/UFG), do qual participei a partir de 2012¹. Ele foi um periódico dos anos iniciais do ensino fundamental que contemplou, por exemplo, produções escritas, desenhos e gráficos elaborados preferencialmente pelos alunos e também pelos pais, professores, diretores e convidados. Suas edições foram impressas para aproximadamente 600 alunos.

Efetivamente, duas escolas participaram do projeto: o Cepae/UFG e a Escola Municipal Nossa Senhora da Terra, local onde trabalho. Mensalmente, os alunos enviavam produções, recebiam o jornal *Folhinha Aplicada*, que era trabalhado dentro da sala de aula por meio de diversas atividades, tais como leituras, escrita de vários gêneros textuais e análise de conteúdos.

Conheci este projeto em 2012, época em que eu estava no Cepae/UFG como professor substituto. A professora coordenadora me convidou para participar do *Folhinha*, pois precisava de alguém para fazer a diagramação e participei deste trabalho também como revisor e colaborador. Mesmo com o meu contrato como professor substituto da primeira fase tendo se encerrado no Cepae/UFG, por onde trabalhei levei o projeto e vários de meus alunos enviaram seus textos e desenhos.

Assumindo o concurso da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia em 2014, o projeto de extensão foi levado para a escola onde fui lotado. Os alunos publicaram vários textos: resenhas literárias, cartas, dicas de filme, relatos e também vários desenhos. Líamos, debatíamos em sala de aula cada edição publicada, surgiam opiniões sobre diversos assuntos, novas ideias de produção de texto, publicações que tinham a ver com a temática que estávamos estudando, analisávamos as estruturas dos gêneros textuais que havia no *Folhinha* e muito mais.

Elaborar um jornal na escola em que se buscava explorar a palavra na sua dimensão social da escrita, tal como propunha o *Folhinha Aplicada*, permitiu apresentar aos alunos os diversos gêneros textuais que existem na sociedade. Essa direção era tomada para atender ao que propunham os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, ou seja, o ensino deve fazer com que o

¹ A coordenadora do projeto era a Profa. Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha, professora do Cepae/UFG.

aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita [e oral], ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (BRASIL, 1997, p. 32).

Trabalhar com as instâncias públicas de uso de linguagem nas aulas de Língua Portuguesa foi um dos objetivos para realizar o projeto do periódico, conforme a justificativa dos participantes, ou seja, as atividades pedagógicas

devem focalizar os diferentes enunciados e gêneros discursivos que rodeiam o sujeito da linguagem, significando e ressignificando o mundo. E, é essa experiência que realmente importa, não só nas aulas de Língua Portuguesa, mas em todas as outras do currículo escolar, ou seja, é no exercício de leitura e escrita ocorrido diariamente, que se experimenta a riqueza da linguagem, suas infinitas possibilidades (BARBOSA; CARVALHO; COSTA; MOTA; SOUZA, A. A., 2014, p. 56).

O *Folhinha Aplicada* tentava possibilitar isto, pois o aluno era convidado a estar envolvido no mundo da escrita, ou seja, ler e escrever para um jornal que circulava pela escola. Nele o aluno podia ter vez e voz, se emocionar ao encontrar sua produção divulgada, aumentar seu repertório de elementos linguísticos, rir quando lesse um quadrinho, emitir opiniões etc.

O jornal, nessa perspectiva, podia contribuir também no letramento de modo geral. Soares (2004) explica que separar alfabetização e letramento é um engano, pois, quando o sujeito entra no mundo da escrita, ocorrem simultaneamente estes dois processos, ou seja, adquire o sistema convencional da escrita (alfabetização) e participa das práticas sociais que envolvem a língua escrita (letramento).

O *Folhinha Aplicada* buscava atingir tais objetivos, como se pode atestar pelas falas de alguns alunos entrevistados para uma reportagem de um jornal regional de grande circulação. Eles dizem: “O *Folhinha*, além de informar, faz com que as pessoas pensem e formem suas opiniões sobre o mundo” (Débora Lígia da Silva, 11 anos). “Escrever pensando em publicar no jornal fica muito mais interessante” (Filipe Araújo, 8 anos)².

Percebi que este projeto era muito rico, pois estimulava os alunos a produzir textos, contribuindo ainda mais para sua formação. Pensando neste incentivo que o *Folhinha* trazia, cogitei ampliar este projeto, visto que somente os alunos da primeira fase do Cepae/UFG e a turma onde era professor regente na escola tinham acesso ao *Folhinha*, cujos

² Nomes dos alunos publicado no Jornal *O Popular*. (Ver Anexo VIII – pág. 91).

exemplares impressos recebiam. Outras turmas da escola onde trabalhava viam, queriam ler e participar do projeto, entretanto, não havia exemplares suficientes, somente o Cepae/UFG arcava com as impressões e ficava difícil aumentar as tiragens.

Havia também um outro entrave, a redução das cotas de impressão na Universidade dificultou a manutenção do número de cópias. Os próprios colegas, professores da escola onde trabalhava, tinham interesse em publicar os trabalhos dos alunos, mas o projeto apresentava sinais de que iria ser encerrado. Em uma reunião de planejamento coletivo mensal que havia na Escola Municipal Nossa Senhora da Terra, os professores questionaram essa situação: como publicar os trabalhos dos alunos e eles não receberem o exemplar? O próprio Cepae já estava sem condições de mantê-lo como inicialmente. Assim, o que fazer para atender à demanda dos alunos e dos professores em relação ao *Folhinha Aplicada*? Como viabilizar a continuidade deste projeto? Não se poderia ampliar a perspectiva do trabalho com os gêneros textuais, afinal, ele não viria *a posteriori*? Ou melhor, o jornal não poderia ser mais um espaço de elaboração/autoria do que apresentar os gêneros textuais aos alunos, com uma perspectiva muito mais ampla de linguagem?

Além disso, o *Folhinha* era apreciado por toda a comunidade escolar, assim decidi ter o jornal *Folhinha Aplicada* como meu objeto de estudo. Pensei em reestruturá-lo conceitualmente, principalmente referendando a possibilidade de entender a palavra como algo maior, semelhante à ideia de Sousa (2012), que escreve:

No falar, ouvir, ler e escrever a palavra, nos dizemos – me faço eu mesmo. Sem as palavras e os outros signos, não participo ativamente do que é a vida humana, não me incluo no diálogo que toda palavra estabelece. No múltiplo universo das palavras, algumas nos pertencem. Fazemos escolhas, vivemos muitos dos nossos dias com as palavras, acumulamos uma enciclopédia pessoal com elas. Por trás dessa exteriorização, fabricamos os sujeitos que somos – as palavras me compõem, fazem parte de mim (p. 53).

A partir desta defesa em relação à palavra, fui delineando o projeto de estudo na linha de pesquisa “Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes” do Mestrado em Ensino na Educação Básica do PPGEEB do Cepae/UFG, que incluía a elaboração de um *site* do jornal *Folhinha Aplicada*, relacionando estudos sobre linguagem, sujeito e ensino na perspectiva da psicanálise, a partir do vínculo ao Projeto de Pesquisa Integrado Arte, psicanálise e educação: os procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância³.

³ Projeto de Pesquisa Integrado, registrado na PRPPG/UFG, coordenado por Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha, professora do Cepae/UFG.

Essa aproximação aos estudos da psicanálise poderia subsidiar uma reestruturação teórico-metodológica do *Folhinha*. As tecnologias digitais também permitiria a continuidade e a ampliação do jornal, podendo explorar aspectos de interatividade bem contemporâneos e que despertam bastante interesse dos alunos.

As publicações dos alunos em um *site* podem ser transformadas em HTML⁴ para publicação via internet em servidores de informação. Eles seriam fonte de estudo, pesquisa, exercitariam uma autoria, bem como alavancariam seu alcance, isto é, ampliariam o número de participantes e leitores do periódico.

Além disso, a linguagem específica de um *site* produz novas formas de estudo e de conhecimento, o que contribuiria também para a formação do aluno. Rodrigues e Teixeira (2006) explicam que, conectados à internet, podemos estar em contato com diferentes linguagens como: “portadores de voz humana, textos, dados estatísticos, sons e imagens”. Esses instrumentos “favorecem a interação, a sociabilidade e o acesso a diferentes formas de ensinar e aprender” (p. 264). Com um *site*, essas diferentes linguagens contemporâneas oferecidas pela internet podem produzir novas formas de pensar e aumentar as diversas situações em que a linguagem comparece e que podem fazer parte da vida cotidiana do aluno.

É este projeto que apresento aqui nesta dissertação, após estudos bibliográficos sobre o tema em livros, artigos, periódicos, documentos, dissertações, teses, em textos impressos e *on-line* e depois de colocar em circulação o *site* produzido. No primeiro capítulo, discuto o ensino de Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental, chamando atenção para uma centralidade nos métodos da escola, onde a maioria das práticas de leitura e escrita são realizadas abordando a linguagem como comunicação, o que reduz muito a oportunidade de os alunos realizarem experiências de leitura e escrita para além da sala de aula.

No segundo capítulo, retomo os conceitos de linguagem e sujeito, a partir de Freud e Lacan, de modo a sustentar a compreensão de exercício de autoria defendida neste trabalho, isto é, elaboração de significação, efeitos singulares de como cada um elabora seu encontro com o mundo. O terceiro capítulo aborda as tecnologias digitais, pois, com os recursos que a internet dispõe, foi possível ampliar o número de participantes do *Folhinha Aplicada* e inseri-los de modo educativo em plataformas mais interativas.

⁴ HTML significa HiperText Markup Language. Segundo Lenza (2009), “é uma linguagem padrão para a apresentação e formatação de documentos na Web, que permite que a estrutura dos documentos Web, bem como os vínculos (link) a outros documentos e recursos da Internet, sejam incorporados diretamente no formato de texto” (p. 127).

O quarto capítulo relata a concepção do jornalzinho estudantil, como inicialmente foi produzido e como ganhou esse novo formato. Estabeleceu-se para o *Folhinha* novos critérios para a editoração, diagramação, cores, interatividade, buscando obter seu registro oficial. Ademais, analisamos alguns textos publicados no periódico com o intuito de destacar o exercício de autoria e trazer dados de como o *Folhinha* foi acessado: localidade, tipos de dispositivos, entre outros.

Por fim, nas *Considerações Finais*, registra-se o quanto o *Folhinha Aplicada online* pode potencializar o ensino, não apenas o de Língua Portuguesa, mas de outras disciplinas também. Além disso, o exercício de significação que apresenta é valorizado não como produto final, mas como processo, o que ajuda a diminuir a pressão do “correto” em relação à gramática da Língua Portuguesa. Essa cobrança, muitas vezes, impede o sujeito de experimentar e usar a língua de modo potencial. Desse modo, o *Folhinha Aplicada* poderá contribuir para fomentar experiências com o saber, com o outro e com o mundo.

1. ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Neste capítulo, abordaremos como o ensino de Língua Portuguesa foi influenciado por métodos, desde o final do século XIX, e como até hoje, de maneira ainda mais contundente, continua privilegiando o caráter comunicacional da língua. Essa ênfase comparece também nos Parâmetros Curriculares Nacionais e continua mais recentemente na proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

1.1 A centralidade nos métodos

De acordo com os estudos de Soares (2017), nas décadas finais do século XIX, começa no Brasil o fortalecimento do sistema público de ensino e, com ele, a inclusão de um processo de escolarização que garantisse às crianças o domínio da leitura e da escrita. Nesse momento histórico, a escola pública começa a ganhar corpo e, com ela, a preocupação de estabelecer métodos para garantir ao máximo possível a alfabetização das crianças comparece com muito vigor.

Nesse período, o ensino era marcado pela soletração da língua, processo de ensino-aprendizagem que consistia em aprender a grafar a língua, como se esta representasse seus sons. Assim,

considera-se que aprender a ler e escrever dependia, fundamentalmente, de aprender as letras, mais especificamente, os nomes das letras. Aprendido o alfabeto, combinavam-se consoantes e vogais, formando sílabas, para finalmente chegar a palavras e frases. Era o método da *soletração*, com apoio nas chamadas *Cartas de ABC*, nos abecedários, nos silabários, no $b + a = ba$. Uma aprendizagem centrada na grafia, ignorando as relações oralidade-escrita, fonemas-grafemas, como se as letras *fossem* os sons da língua, quando, na verdade, *representam* os sons da língua (SOARES, 2017, p. 17, grifos da autora).

Esse entendimento levou à criação de uma sistematização que buscava apresentar um modelo de ensino de língua em uma escala ascendente, do conhecimento mais simples para o mais complexo. Primeiro, apresentavam-se as vogais, depois as consoantes, em seguida as sílabas e, de maneira gradual, chegava-se às frases e/ou pequenos textos. A aprendizagem acontecia de forma controlada, com atividades centradas nessa graduação. Até hoje essa forma de organizar o ensino é bastante utilizada e popularizada por meio de cartilhas, mas

atualmente pode ser encontrada nas orientações e exercícios propagados por muitos *sites* na internet com o objetivo de orientar professores.

Pode-se dizer que esse modelo tornou-se um meio prático de elaborar atividades, deixando o sujeito fora do processo, afinal, essa graduação é totalmente arbitrária. Ela não parte do aluno, pelo contrário, ela o vê como alguém sem subjetividade, que apreende o mundo de uma determinada maneira, igual a um outro. Nessa visão, a língua passa a ser compreendida como um objeto qualquer, passível de ser ensinada de modo transparente, por isso o forte apelo aos métodos e cartilhas.

Se, no início, esse método silábico foi bastante usado, logo apareceram outros e, como afirma Mortatti (2014), na história da alfabetização no Brasil, com o foco na escolarização inicial das crianças, nas décadas finais do século XIX até os dias atuais, observa-se um movimento entre métodos.

Independente de os métodos serem trocados ou não, as cartilhas fizeram parte da história do ensino da língua materna na escola, sendo utilizadas pela grande maioria dos professores, sejam eles das instituições de ensino públicas ou privadas. Eram elas que regiam o processo de ensino/aprendizagem do aluno, bem como orientavam os professores.

Cartilhas e métodos de alfabetização fizeram e fazem parte de uma cadeia de produção cultural para escolarizar a alfabetização e a infância. Sua intertextualidade foi/é marcada pelo discurso da modernidade, bem como pelas revisões da pós-modernidade em contextos diversos, marcadas por continuidades, descontinuidades, rupturas e deslocamentos de vários discursos. (TRINDADE, 2011, p. 228).

Essa cadeia produtiva, como afirma Trindade (2011), era bem-vista e desejada, pois se apresentava como a solução para o combate ao analfabetismo e dinamizava uma economia, bem ao gosto do sistema capitalista. Entretanto, produzia a crença no poder de um material, o livro, para solucionar o problema da escolarização, mas também aprisionava o professor.

Nas últimas décadas do século XIX e no início do século XX, houve duas vias de evolução que abriram o campo dos métodos, os sintéticos e analíticos, segundo Soares (2017). Assim como a soletração, ainda podemos encontrá-los como métodos de ensino nas escolas nos dias de hoje.

Os métodos sintéticos dão “prioridade ao valor sonoro das letras e sílabas, de modo que, do nome das letras, isto é, da soletração, avançou-se para métodos fônicos e silábicos” (SOARES, 2017, p. 17). Já os métodos analíticos consideravam “a realidade

psicológica da criança, a necessidade de tornar a aprendizagem significativa e, por isso, partir da compreensão da palavra escrita, para dela chegar ao valor sonoro de sílabas e grafemas” (SOARES, 2017, p. 18).

Os métodos sintéticos se assemelham aos de soletração. Seu foco está na letra, no fonema e na sílaba, ou seja, começando do simples para o complexo. Já o método analítico parte do todo para as partes menores da língua, ou seja, começa da palavra ou frases para o ensino das sílabas, letras, fonema, entre outras. Percebe-se que os dois métodos têm suas diferenças, mas há também semelhanças, por exemplo, a língua escrita como representação da língua oral e a análise do sistema de grafia.

Mesmo com controvérsias, os dois métodos eram defendidos e geravam constantes mudanças metodológicas. Mas o objetivo era o mesmo, pois, segundo Soares, “palavras são intencionalmente selecionadas para servir à sua decomposição em sílabas e fonemas, sentenças e textos são artificialmente construídos, com rígido controle léxico e morfossintático, para servir à sua decomposição em palavras, sílabas, fonemas (SOARES, 2017 p. 19).

Como analisa Soares (2017), esses métodos não trouxeram mudanças significativas, continuou-se a propagar uma instrumentalização da língua e ainda uma grande ênfase em metodologia. As questões conceituais ou eram pouco exploradas, ou não se apresentavam na discussão sobre o ensino da língua.

Mortatti (2014) esclarece que foi a partir da introdução da teoria construtivista nas discussões sobre alfabetização na década de 1980, que os manuais de ensino iniciais de leitura e escrita, utilizados pelos métodos anteriormente discutidos, foram “dispensados”. E sua influência teórica “resultou em progressivo processo de “desmetodização da alfabetização” (MORTATTI, 2014, p. 216).

Sobre o construtivismo,

o processo de aprendizagem da língua escrita pela criança se dá por uma construção progressiva do princípio alfabético, do conceito de língua escrita como um sistema de representação dos sons da fala por sinais gráficos; propõe que se proporcione à criança oportunidades para que construa esse princípio e esse conceito por meio de interação com materiais reais de leitura e de escrita – textos de diferentes gêneros e em diferentes portadores: textos “para ler”, e não textos artificialmente elaborados “para aprender a ler”. (SOARES, 2017, p. 21).

Essa proposta promove então a interação, pois o aluno não seria somente o receptor de conteúdos, mas participa ativamente do processo de ensino, na medida em que

poderia questionar, duvidar e construir seu conhecimento, a partir de sua interação com o mundo. Ele poderia aproveitar um ambiente cheio de estímulos, que o colocaria em contato com as letras e os textos, ou seja, literatura em geral, tal como se encontra na sociedade e não em textos elaborados com a intenção de ensinar as partes menores da língua. No construtivismo,

o foco é transferido de uma ação docente determinada por um método preconcebido para uma prática pedagógica de estímulo, acompanhamento e orientação da aprendizagem, respeitadas as peculiaridades do processo de cada criança, o que torna inadmissível um método único e predefinido (SOARES, 2017 p. 22).

O contraste teórico entre os métodos e o construtivismo era grande. Por isso, houve um grande investimento nos programas educacionais do governo, bem como em cursos que formassem professores. Obras dos pesquisadores dessa linha investigativa, como as de Emilia Ferreiro e colaboradores, foram difundidas, assim como serviram de base para as formulações curriculares oficiais. De acordo com Mortatti (2014),

Tendo-se deslocado o eixo das discussões para o processo (psicogenético) da aprendizagem, tanto a secular discussão sobre os métodos de *ensino* inicial de leitura e escrita das crianças quanto suas concretizações em cartilhas de alfabetização e em manuais de ensino passaram a ser tidas como “tradicionais”. Foram, assim, gradativamente abolidas do discurso oficial e do discurso pedagógico. Não desapareceram, porém, os antigos métodos de alfabetização, cartilhas e instruções de ensino. Ainda que implícita e silenciosamente, continuam atuando, uma vez que foram incorporados à tradição – de que são constitutivos – (p. 216).

Como bem observou a pesquisadora, citada anteriormente, houve uma intensa preocupação em incluir discussões e novos procedimentos para o trabalho com a Língua Portuguesa na escola. A seguir, continuaremos essa discussão, apresentando um grande aliado para que isso fosse concretizado, de modo mais oficial nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1997 e mais recentemente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), embora tenha sido observado que, ao longo da história do ensino da leitura e da escrita, só mais recentemente as questões conceituais sobre linguagem, sujeito e língua começaram a aparecer, pois muitas pesquisas se utilizaram de autores como Freud (2011), Saussure (2006) e Lacan (1998_a, 1998_b). Estes autores serão trabalhados no próximo capítulo. Pouco proveito dessa discussão comparece nos documentos oficiais que orientam a escola atualmente. A seguir, continuaremos essa discussão, apresentando a análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1997.

1.2 A linguagem como comunicação e o ensino de habilidades linguísticas

Alcântara e Stieg (2016) explicam que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96 (LDB 9.394/96) é a principal reforma do ensino que enfatiza a educação infantil, a formação de professores e a gestão democrática do ensino. Sobre o ensino da língua, essa lei trouxe novamente o nome da disciplina “Língua Portuguesa”, antes denominada “Comunicação e Expressão”, para as séries iniciais do ensino fundamental, e “Comunicação em Língua Portuguesa” para a segunda fase do ensino fundamental e médio.

A partir dessa lei, houve a criação do Plano Nacional de Educação (PNE), com a finalidade de a cada dez anos promover o diálogo sobre a educação brasileira, de modo a estabelecer algumas metas a serem atingidas para qualificar a educação ofertada. Embora tenha saído com bastante atraso e em vias de ser extinto, houve por parte do governo, antes de ser assinado, um Plano Decenal de Educação para Todos (1993-2003) e também a produção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997). Este último documento teve como objetivo principal servir de referência para a elaboração das orientações curriculares das diversas disciplinas que compunham a grade do ensino brasileiro.

Para a Língua Portuguesa, os PCNs enfatizam as habilidades linguísticas, ou seja, orientam que o aluno deve pensar sobre a linguagem para compreendê-la e utilizá-la de modo adequado em situações e propósitos já definidos. Assim, a linguagem é definida a partir da noção de interação realizada nas várias esferas sociais. A pretensão dos PCNs é consolidar a concepção de linguagem como “[...] ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998 *apud* ALCÂNTARA; STIEG, 2016, p. 129).

Como se pode observar, de novo vemos a língua sendo tratada como instrumento, com uma finalidade específica, comunicar. Para isso, o professor deve trabalhar com conteúdos que visem preparar o aluno para lidar com o conjunto de signos, organizados por regras, a fim de transmitir uma determinada mensagem. Tal perspectiva recebeu muitas críticas, uma delas foi a de Geraldí, C. e Geraldí, J. (2012). Eles dizem que os PCNs vieram concretizar uma imposição, isto é,

eles vieram na forma de PCNs, e não dá para deixar de salientar: são parâmetros. Eles não foram elaborados como propostas ou programas, mas como parâmetros com base nos quais as provas seriam elaboradas. Não sendo programas, não são

obrigatórios. Mas sendo parâmetros, tornam-se mais impositivos do que os velhos programas nacionais (GERALDI, C.; GERALDI, J., 2012, p. 40).

Os PCNs, nesse sentido, vieram para legitimar a língua como um meio de comunicação, ressaltando o desenvolvimento de habilidades linguísticas, além de aproveitar para estender um viés avaliativo, tal como a política de governo estava sendo estabelecida. É por meio do entendimento da língua instrumentalizada, orientado pelos documentos oficiais, que o governo enfatiza suas avaliações como por exemplo, a Provinha Brasil, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), entre outros. Eles “informam de onde sairão os mais preparados trabalhadores, num tempo em que o capital está explorando mais do que a força física, exigindo capacidades intelectuais e de liderança do operariado” (GERALDI, C.; GERALDI, J., 2012, p. 40).

Coordenadores pedagógicos e professores da Educação Básica se preocupam e muito com as avaliações. Sempre há um reforço de que é preciso trabalhar determinados conteúdos para que os alunos tenham bons resultados. Embora discutam interação, limitam a ação dos alunos e professores. Pode-se dizer que os PCNs são

como parte necessária da política de avaliações do sistema, em busca de eficiência e qualidade. Parâmetros e avaliação caminham juntos para construir outra domesticação: aquela dos professores. Estes deverão adaptar todo seu ensino aos parâmetros para que, nas provas nacionais, seus alunos consigam obter resultados positivos. (GERALDI, C.; GERALDI, J., 2012, p. 41).

Nessa perspectiva, as questões conceituais de que falávamos anteriormente são substituídas pela discussão sobre desempenho. Como o foco é este, as atividades de leitura e escrita passam a ser trabalhadas de modo a treinar os alunos, preparando-os para um resultado positivo. Neste caso, “fortaleceu-se o viés da avaliação na perspectiva técnica e econômica, com o objetivo de colaborar com aqueles que defendiam o funcionamento da escola com as mesmas regras do mercado” (ROCHA, 2011b, p. 239).

Para Rocha (2011b), as evidências dos resultados destas provas nacionais aplicadas nas escolas pelo governo a fim de gerar impactos positivos são poucas na questão da qualidade do ensino. O que gerou mesmo foi a comparação entre as unidades escolares que são classificadas com fins de fortalecer o papel regulador/avaliador do Estado. “Tomar o sistema de avaliação de maneira censitária é preocupante, pois estimula a competição e pode desencadear um processo de usos de resultados para premiação ou punição das escolas” (ROCHA, 2011b, p. 243).

É apresentado para a população o *ranking* das “melhores escolas”, fazendo com que a população avalie a instituição escolar por meio destas notas. A cobrança também recai para o grupo gestor da escola, havendo cobranças constantes para que a escola melhore a média e que suba de posição no *ranking*.

Tomamos consciência então de que os estímulos para que os alunos se saiam bem nas avaliações são as premiações. Quanto maior é a nota da escola, mais chance esta terá de bonificação, bem como de ter o nome destacado como “a melhor instituição de ensino”. A perspectiva capitalista entra no sistema educacional a fim de premiar escolas que alcancem as médias propostas. A comunidade escolar, ao ver exposta a nota, faz comparações entre uma escola e outra, gerando conflitos no sistema educacional.

A competição é estimulada entre as instituições, e os pais, sem saber o que está por detrás destas propostas impostas pelo governo, concluem que as melhores escolas são as que têm as notas mais altas, transferindo seus filhos de uma instituição para outra. Com tanta competição, a escola com menor nota é até desestimulada, e a cobrança do ensino voltado para as provas será ainda maior.

Ainda tomando de empréstimo as palavras de Geraldi, C. e Geraldi, J. (2012), o MEC sempre soube que só a existência dos PCNs e das avaliações não era suficiente, era preciso criar outros programas para que os professores dessem conta das propostas dos PCNs. Foram elaborados dois programas, o “Parâmetro em Ação”, que é uma formação continuada dos professores, e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que são compras de livros didáticos selecionados por professores universitários indicados pelo MEC e ofertados para a escolha das escolas e professores. Isto fez com que a autonomia do professor acabasse bruscamente diminuída (GERALDI, C.; GERALDI, J., 2012).

Na questão da conceituação e formalidade sobre o que é o ensino da língua nos PCNs, Alcântara e Stieg (2016) observam que há problemas, pois os PCNs trazem em seus textos perspectivas sociointeracionais e estruturalistas. Assim, o texto, em várias partes, acaba por confundir tais conceitos. Mesmo o texto tendo contradições, houve implementação de programas voltados para a formação docente.

Percebemos, dessa forma, com a LDB 9.394/96 e mesmo antes dela, a implementação e consecução de documentos e programas, verticalmente, ou seja, *de cima para baixo*, sem consulta prévia ou participação efetiva dos professores e profissionais envolvidos com a educação, culminando em ações sucessivas com o intuito de garantia dos preceitos requeridos. Ao encontro dessa efetivação, encontramos também a modificação dos editais que balizaram e balizam a produção de livros didáticos, provocando alterações ditadas pelos novos referenciais. Dessa

forma, o Programa Nacional do Livro Didático – doravante PNLD – também concorreu para o alcance da reforma educacional que se pretendia (ALCÂNTARA; STIEG, 2016, p. 130).

Os livros didáticos foram peças-chaves para engessar ainda mais as propostas dos PCNs. Sem participação dos professores para a elaboração dos livros, reforça-se ainda mais as propostas defendidas pelos documentos, fazendo com que os professores aceitem passivamente os programas educacionais do governo, de modo vertical.

Com a implementação dos gêneros textuais nos livros didáticos, Alcântara e Stieg (2016) dizem que “ao buscar as mudanças ocorridas, grande parte das pesquisas depara-se com livros didáticos ‘recheados’ de gêneros textuais, porém trazendo-os como pretextos para o ensino das unidades menores da língua” (p. 131). Isto acontece desde a primeira fase do ensino fundamental até o ensino médio. Infelizmente, os textos são pretextos para ensinar gramática, impossibilitando outras formas metodológicas para trabalhar a língua dentro da sala de aula, privando o aluno de uma abordagem mais subjetiva.

Temos, dessa forma, os gêneros textuais como os novos objetos da língua em substituição ou em conjunto às *antigas* metalinguagens por meio das quais se estudam(vam), principalmente, a morfologia e a sintaxe; o que, em muito pouco ou nada, concorre(u) para mudanças significativas no que tange ao trabalho com a língua nas aulas de Língua Portuguesa (ALCÂNTARA; STIEG, 2016, p. 131).

Nesta discussão, vimos que, historicamente, o ensino da Língua Portuguesa no campo escolar continua privilegiando o caráter comunicacional da língua, as habilidades linguísticas e as premiações por meio das avaliações aplicadas pelo governo. Recentemente, foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no dia 15 de dezembro de 2017, mas ainda está em fase de discussão e adequação. Muitos pesquisadores e professores questionam o conteúdo dela, por exemplo, Bagno (2016 *apud* SILVA, A. A.; SILVA, F.V, 2017.)

O tratamento dado pela Base Nacional Comum Curricular à disciplina Língua Portuguesa não deve se limitar a estabelecer objetivos de aprendizagem que tenham como suportes apenas as teorias do gênero, do texto e do discurso, mas conceder igual espaço e rigor de apresentação aos conhecimentos linguísticos no sentido de recursos e mecanismos que fazem funcionar a gramática da língua (p. 62-63).

O autor percebe que a BNCC dá muito enfoque aos gêneros textuais no currículo de Língua Portuguesa e que deveria também dar um enfoque de igual tamanho para a gramática. Nesta parte gramatical, poderia ser valorizado o português falado, pois é algo que

está no cotidiano de todos os alunos. Infelizmente, podemos perceber que na maioria das vezes não se reconhece o que a criança escreve, pois, ao produzir um texto, por exemplo, ela elabora a partir de suas vivências e isto se reflete na escrita: palavras marcadas por meio da relação com o meio e, já no início de sua alfabetização, é exigida a língua padrão, algo que ainda não foi vivenciado pelos alunos.

Perini (2010) explica que a gramática ensinada nas escolas não é de caráter científico, pois não dá espaço para discussão e ainda conclui que o ensino gramatical está muito longe do português falado. Ele é trabalhado semelhante à língua escrita de cem anos atrás, e que o padrão de língua que é exigido na escola nem é usado em textos formais.

Semelhante a Perini, Gontijo (2015) faz crítica à BNCC, ele acredita que o documento visa

somente a criar parâmetros para a avaliação em larga escala. Se estiver correta, penso que esse documento poderá não contribuir para que a educação básica se torne, como sugerem as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, “o tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivo-emocionais, socioemocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças” (Parecer CNE/CEB no 7, 2010, p. 17), podendo, desse modo, dificultar a construção de um projeto nacional pautado na liberdade e na pluralidade e a construção da escola como espaço de produção de cultura (p. 182).

Estudos recentes já apontam que historicamente vai se construindo um currículo que preza a avaliação, a BNCC reforça ainda mais este objetivo, não tendo, portanto, momentos em que o aluno se posicione como sujeito, dialogue, discuta, expresse suas opiniões. Ainda nas palavras de Gontijo (2015), as bases conceituais de ensino de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental enfocam a instrumentalização para atender a uma demanda social, visam à língua e à linguagem a partir do sistema, ou seja, reduzindo-a comunicação verbal, signos, unidades da língua etc. Percebemos então que estes objetivos instalados na educação servirão para formar sujeitos a fim de ampliar a mão de obra e a melhoria de índices de desempenho avaliativos.

A preocupação é com a instrumentalização técnica dos sujeitos para responderem a demandas sociais e profissionais colocadas pela sociedade moderna. Ao mesmo tempo, há uma forte tendência em pensar a escrita como base para que as crianças continuem sua trajetória escolar com sucesso, inclusive em outros componentes curriculares (p. 187).

De modo geral, poucas iniciativas vão na contramão desse viés, que sutilmente domina o ensino, seus professores e alunos. Ainda assim, é preciso resistir, estabelecer parcerias com outras escolas e professores para fomentar um ensino que realmente convide o aluno a ser sujeito, isto é, que o coloque em exercício constante com a língua e o insira no campo da linguagem, pois sem essa entrada ele fica realmente excluído e não se posiciona como sujeito.

Para que o aluno esteja em constante exercício com a língua, é preciso que ele experencie, que seja incentivado a participar, a trocar, a produzir enunciados orais e/ou escritos. Quando chega à escola, percebemos que estas convocações são praticamente inexistentes, os exercícios são controlados, o leitor é apenas o professor, o “certo” é exigido desde o princípio ao privilegiar convenções de um repertório ainda distante dos alunos. Alguns destes alunos conseguem subverter essa dinâmica, mas a maioria não.

A proposta do *site Folhinha Aplicada* pode ajudar nesse sentido, ao convidar o estudante a tomar a palavra sem inibição, pois, ao fazer isso, está elaborando, produzindo significações e, mesmo que sua escrita apresente equívocos, ela pode gerar discussões e estudos. Foi observado que, ao longo da história do ensino da leitura e da escrita, só mais recentemente as questões conceituais sobre linguagem, sujeito e língua começaram a aparecer para subsidiar um trabalho mais amplo com a Língua Portuguesa e outras disciplinas, a partir dos estudos de Freud (2011), Saussure (2006) e Lacan (1998_a, 1998_b). O próximo capítulo pretende explorar algumas proposições desses autores que poderão contribuir nesse sentido e deram também suporte teórico-metodológico à construção do objeto dessa dissertação.

2. LINGUAGEM E SUJEITO

Neste capítulo, iremos abordar como o sujeito é constituído pela linguagem. É com ela e por meio dela que um sujeito percebe o mundo, elabora suas experiências e constitui sua subjetividade. Ao reconhecer a linguagem por esse viés, pretendemos evocar uma concepção de língua que permita uma ampliação do modo de conceber seu ensino nos anos iniciais, especificamente a Língua Portuguesa na Educação Básica. Essa discussão acontecerá em virtude de esta dissertação apresentar um produto educacional⁵ que favorecerá o exercício de autoria, observando-se uma subjetividade em construção.

2.1 A linguagem como processo de constituição de sujeitos

Início esta discussão tomando como ponto de partida a afirmação de Souza, A. P. (2012, p. 54): “A linguagem é uma atividade, por ela o sujeito se constitui, bem como dá forma a suas experiências, ao que sabe do mundo e de si mesmo”. Esse professor e pesquisador, nessa proposição, chama atenção para o papel da linguagem na vida de um ser, atribuindo uma importância fundamental a ela. Embora o autor (op. cit.) não cite Freud e seus precursores em seu artigo, a psicanálise vem tentando problematizar essa “atividade de linguagem” em suas pesquisas e o que ela vem discutindo permite uma abordagem mais ampliada de linguagem, do sujeito e da língua que pode subsidiar o ensino em uma perspectiva mais produtiva.

Para a psicanálise, uma vida humana começa antes mesmo do nascimento. Logo, ao saber de um possível bebê, o casal já o incorpora à cultura, ou seja, cria expectativas sobre ele. Imagina um sexo, um nome etc. A partir do momento em que a criança nasce, isso que foi imaginado se confirma ou não, no entanto, essa perspectiva o envolve, materializando uma forma de existência que o precede.

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; a subjetividade e a consciência de si só podem ser atingidas por contraste, ou seja, o eu diante de um tu, falando de um terceiro elemento, ele (pessoa ou assunto). A linguagem é a única possibilidade de subjetividade (LONGO, 2006, p. 52).

⁵ O produto educacional é uma exigência do Mestrado Profissional do PPGEEB/Cepae/UFG.

A partir desse entendimento, Longo (2006) explana que não tem como classificá-la em nenhuma categoria dos fatos humanos e não se pode deduzir sua unidade, nem mesmo quando a concebemos como atividade. Devido a essa compreensão, não se pode pensar que possa haver regras e metodologias universais para inserir alguém neste campo da linguagem. A inserção de cada um é subjetiva, pois cada um vai tomar, por exemplo, a palavra de modo imprevisível.

Sobre a questão de produção da subjetividade, Larrosa (2002, p. 20-21) explica que “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação”. O que o autor quer explicar é que as palavras fazem coisas conosco e também fazemos o mesmo com elas. Ele acredita no poder e na força das palavras, defendendo que

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (LARROSA, 2002, p. 21).

Assim como Larrosa, Souza, A. P. (2002) destaca que “a base do domínio da linguagem de todos é o cotidiano. Ali nascem as palavras, as informações e a interação com os outros, com o mundo, consigo mesmo” (p. 54). A palavra, como linguagem, tem um grande potencial para a subjetivação do homem. Ela nos determina e nos faz viver por meio dela. Ela dá sentido ao que somos e nos acontece quando a palavra nos afeta, nos marca, pois somos envolvidos pela linguagem por todos os lados. Ela é viva em nós, não algo qualquer que podemos usar como bem entendermos, algo instrumental. E isto só é possível através do cotidiano, pois é nele que interagimos com os demais pelo viés da linguagem.

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra (LARROSA, 2002, p. 21).

Rodari (1982) também explica que a palavra

Produz ondas de superfície e de profundidade, provoca uma série infinita de reações em cadeia, agitando em sua queda sons e imagens, analogias e recordações,

significados e sonhos, em um movimento que toca a experiência e a memória, a fantasia e o inconsciente, e que se complica pelo fato de que essa mesma mente não assiste passiva à representação, mas nela intervém continuamente, para aceitar e rejeitar, relacionar e censurar, construir e destruir (p. 12).

Aqui podemos notar que a palavra não é de caráter instrumental, não é passiva no sujeito. Há uma série de manifestações que ela pode causar no interior da pessoa. A palavra lançada à mente se relaciona com as demais marcas que o sujeito carrega, com o que tem de subjetivo, fazendo com que novas marcas sejam interiorizadas, além de manifestar os outros tipos de linguagem em sua mente adquiridos através dos sentidos: sons, imagens etc.

Esse entendimento dos autores citados anteriormente possibilita a discussão de que a linguagem não é uma ferramenta como qualquer outra, somos movidos por ela. É através das marcas deixadas pela linguagem que manifestamos nossas opiniões, sensações, elaboramos conceitos, enfim, manifestamos o nosso eu. E em cada espaço social somos moldados pela via da linguagem. Isto acontece todo tempo, pois somos sujeitos porque nos relacionamos uns com os outros com e pela linguagem.

Até aqui discorri sobre como somos constituídos pela linguagem. Esta discussão é importante, pois neste trabalho será valorizada a linguagem como potência de subjetivação, já que o aluno, ao escrever um texto ou desenhar, expressa suas experiências, sentimentos, do que sabe sobre o mundo e de si mesmo. A discussão será fundamental para analisar os textos dos alunos publicados no jornal *Folhinha Aplicada*, pois iremos perceber estas questões ao longo das discussões e reflexões. A seguir, trarei estudos sobre linguagem a partir de Freud, pois a sua contribuição teórica ressalta o papel fundamental da linguagem na constituição do sujeito.

2.2 Linguagem e Inconsciente: um estudo a partir de Freud

Começaremos com aquele que é considerado o Pai da Psicanálise, Sigmund Freud. Foi ele quem desenvolveu as pesquisas iniciais atribuindo um papel fundamental à linguagem na psique a partir do conceito de Inconsciente, que ao longo de sua obra foi sendo elaborado. Ele começou dividindo o aparelho psíquico em três partes, o consciente (Cs), o pré-consciente (Pcs) e o Inconsciente (Ics), e nessa perspectiva apresentou discussões importantes sobre a questão da linguagem.

Freud (2011), no texto *O eu e o Id* (1923), explica o aparelho psíquico dizendo que a consciência é a superfície do aparelho psíquico. O homem, ao contrário do que se

acredita, não age o tempo todo de forma consciente, há algo mais que o invoca, ou seja, há manifestações Inconscientes em vários sinais do comportamento humano, seja no gesto, na fala, na escrita, na pintura, no olhar etc. Sobre a consciência, argumenta que “desde o início *cs* são todas as percepções que vêm de fora (percepções sensoriais) e de dentro, às quais chamamos de sensações e sentimentos” (FREUD, 2011, p. 17).

Há também a pré-consciência, que fica entre o consciente e o Inconsciente. Nela estão os resíduos de memória, ou seja, não estão no nosso consciente, mas podem ser acessados facilmente e vir à tona para a consciência. Na citação abaixo, Freud (2011) faz essa diferenciação, entre consciente e pré-consciente:

...fiz a suposição de que a verdadeira diferença entre uma ideia *ics* e uma *pcs* (um pensamento) consiste em que a primeira se produz em algum material que permanece desconhecido, enquanto na segunda (a *pcs*) acrescenta-se a ligação com *representações verbais*. Foi esta uma primeira tentativa de oferecer, para os sistemas *Pcs* e *Ics*, traços distintivos que não sejam a relação com a consciência. A questão: “Como algo se torna consciente?” seria, mais apropriadamente formulada: “Como algo se torna pré-consciente?”. E a resposta seria: pela ligação com as representações verbais correspondentes (p. 17).

Mais adiante, o autor (op. cit.) explica o que são representações verbais. Essas representações são resíduos de memória que em algum momento da nossa vida foram percepções que podem voltar à consciência.

Essas representações verbais são resíduos de memória; foram uma vez percepções e, como todos os resíduos mnemônicos, podem voltar a ser conscientes. Antes de seguirmos tratando de sua natureza, ocorre-nos, como uma nova descoberta, que apenas pode tornar-se consciente aquilo que uma vez já foi percepção *cs*, e que, excluindo os sentimentos, o que a partir de dentro quer tornar-se consciente deve tentar converter-se em percepções externas. O que se torna possível mediante os traços mnemônicos (FREUD, 2011, p. 17).

Então, por exemplo, pode-se dizer que a criança internaliza tudo que está em sua volta a partir dos sentidos do corpo, ou seja, das percepções sensoriais. Tudo o que a criança percebe, vê, ouve, apalpa, enfim, é apreendido, porque alguém já inserido na linguagem o significa para ela. E mesmo assim há “coisas” que não conseguimos representar, no entanto, elas afetam singularmente o sujeito.

Freud então esclarece que o Inconsciente também tem materiais que não são acessíveis, enquanto o pré-consciente pode tornar-se consciente por meio das representações verbais (resíduos de memória que já foram conscientes). É através da fala que podemos acessar nossas lembranças. Conforme o sujeito interage com o outro indivíduo e/ou objeto,

dependendo das circunstâncias e do contexto em que está inserido, ele pode tornar conscientes essas lembranças guardadas. São percepções que de alguma forma memorizamos e que já foram conscientes em algum momento da nossa vida. São fenômenos mentais movidos pelos estímulos socioculturais.

Ainda sobre as representações verbais, Freud expõe que “derivam essencialmente de percepções acústicas, de modo que ao sistema *Pcs* é dada como que uma origem sensorial especial” (FREUD, 2011, p. 18). Então, entende-se que a criança, ao nascer, quando ouve outras pessoas dialogarem, internaliza e, futuramente, fará disso a sua fala, ou seja, a linguagem da fala é a palavra ouvida, é o resíduo do que já foi memorizado (mnemônico).

Entretanto, Freud não descarta as outras possibilidades sensoriais para a representação verbal. Um exemplo disso é que ele reconhece que há pessoas que, ao nascerem surdas, têm como representação verbal as percepções visuais e que pode também torná-las conscientes.

Pode-se inicialmente ignorar os componentes visuais da representação verbal como secundários, adquiridos mediante a leitura, e assim também seus acompanhamentos motores, que, exceto no caso dos surdos-mudos, têm o papel de sinais auxiliares [...] Mas não podemos, em nome da simplificação, esquecer a importância dos resíduos mnemônicos óticos – das coisas – ou negar que é possível, e em muitas pessoas parece ser privilegiado, que os processos de pensamento se tornem conscientes mediante o retorno aos resíduos visuais (FREUD, 2011, p. 18).

Ainda nas palavras de Freud (2011), as representações verbais fazem a mediação do que foi internalizado, transformando as percepções. Todo conhecimento adquirido pelo sujeito vem do meio externo, ou seja, o sujeito, em seu contexto social, apreende o mundo através da linguagem, das percepções sensoriais.

O papel das representações verbais é agora perfeitamente claro. Pela sua intermediação, processos de pensamento internos são transformados em percepções. É como se fosse demonstrada a proposição de que todo saber tem origem na percepção externa. Num superinvestimento do pensar, todos os pensamentos são percebidos realmente – como de fora – e por isso tidos como verdadeiros (FREUD, 2011, p. 21).

Aqui é comprovado o que foi dito sobre a subjetivação do sujeito por meio da linguagem. A criança, mesmo não falando, dentro do contexto social, apreende modos de dizer, de ser entendida e não propriamente apreende exclusivamente a língua. O bebê ainda não usa a língua como seu meio de comunicação. Ela faz uso de outras linguagens para apreender o que está em sua volta, ora se faz entendida, ora não. O adulto ou quem está com

ela vai significando. Apreendemos o mundo por meio de e com as linguagens, valendo de suas infinitas modalidades: a fala, o gesto, o desenho, a pintura, a brincadeira, a escrita, entre outras.

Freud nos explana que a mente humana é formada por marcas deixadas por meio das experiências vivenciadas através da linguagem. O autor elucida estas marcas usando um brinquedo infantil chamado bloco mágico, que metaforicamente explicaria melhor a estrutura da mente humana. Esta analogia será importante, pois indica o não controle do sujeito e a primazia do Inconsciente sobre um sujeito, isto é, como efeito de linguagem. Ao realizar o *site* e analisar os textos e/ou os desenhos das crianças, iremos perceber como essa singularidade é convocada nos exercícios de autoria que promove.

Freud diz:

é uma tabuinha feita de cera ou resina marrom-escura, com margens de papelão, sobre a qual há uma folha fina e translúcida, presa à tabuinha de cera na parte superior e livre na parte inferior. Consiste ela mesma de duas camadas, que podem ser separadas uma da outra nas bordas laterais. A camada de cima é uma película de celuloide transparente, a de baixo é um papel encerado, ou seja, translúcido. Quando o aparelho não é utilizado, a superfície de baixo de papel encerado cola-se levemente à superfície de cima da tabuinha de cera (FREUD, 2011, p. 244).

Para escrever no bloco mágico, não é necessário algo que escreve na superfície, como faz um lápis ou um giz, por exemplo. Freud diz que é utilizado um estilete pontiagudo que “arranha a superfície, e os sulcos assim deixados vêm constituir a escrita” (FREUD, 2011, p. 244). Este estilete não age diretamente na cera por causa da folha de celuloide e sim pressionado com a tábua de cera, que, conforme vai escrevendo, vai tornando visível a escrita. Quando quiser apagar, é só levantar a folha de celuloide, que não está presa à tabua. Voltando em contato com a cera, torna-se vazia novamente, pronta para escrever novas informações.

As marcas deixadas ao escrever no bloco mágico ainda podem ser vistas através de uma iluminação adequada debaixo da tábua com cera. Assim, este brinquedo não tem somente uma superfície receptora, mas também traços duradouros da escrita, e é dessa maneira que o aparelho psíquico realiza a função perceptiva (FREUD, 2011).

É a tábua de cera que equivale ao Inconsciente, enquanto a folha de celuloide seria o consciente. Pensando nesta perspectiva, podemos perceber como a linguagem funciona no aparelho psíquico. É por meio dela que as marcas do passado se entrelaçam com o presente e novos sentidos vão sendo formados, ou seja, as marcas do Inconsciente de alguma forma

dialogam com as marcas do consciente e isto só é possível pela via da linguagem. É neste formato que o sujeito é constituído, marcado por experiências vividas.

A importância da linguagem na constituição de um sujeito, tal como observado por Freud e por psicanalistas posteriores, delineia algumas implicações que precisariam ser consideradas no trabalho escolar. Muitos de nós, professores, não tiramos consequências desse entendimento para problematizar e realizar ações educativas.

Quando alfabetizamos e até mesmo quando propomos atividades para o ensino de Língua Portuguesa, por exemplo, lançamos mão de procedimentos que instrumentalizam a linguagem e acabam anulando os efeitos dessa implicação entre sujeito e linguagem. Privilegiamos modalidades, hierarquizamos, reduzimos o processo de aprendizagem como algo direto, passível de controle e sistematização.

A instrumentalização das linguagens, mais especificamente a língua, não contribui para a constituição da subjetividade dos alunos. Tenta-se trabalhar a língua por meio de regras gramaticais como se fosse possível objetualizá-la. Acreditamos que podemos, sim, planejar trabalhos pedagógicos para fomentar uma autoria, como propor experiências diversas que explorem a língua de forma criativa e transformadora, instigando o aluno a experimentar e não apenas obter informações.

No produto educacional que estamos propondo, foi possível verificar essa possibilidade, pois os alunos não ficam presos em padronizações, a partir do que enviam é que o *site* é organizado, embora, para instigá-los, mantenhamos uma série de editoriais. A seguir, iremos apresentar como uma concepção de língua, aliada a essa perspectiva sobre a linguagem, favoreceria um trabalho mais efetivo, de forma a dar visibilidade e reconhecimento às singularidades dos diversos sujeitos.

2.3 Língua: possibilidades de significações

Iremos agora discutir a língua com base em Saussure, autor que é considerado o fundador da Linguística e exerceu grande influência na área. Ele criou um novo objeto para se pensar nesta área, considerando a língua como uma instituição social, colocou-a como um único e exclusivo objeto de estudo, tornou-a uma ciência autônoma e independente das outras áreas de conhecimento, mesmo que a linguística mantenha relações bem estreitas com os outros campos de estudo. Embora seja criticado por isto, foi a partir daí que se pode pensar no

modo de funcionamento da linguagem que precede o sujeito e, de certa forma, permite a simbolização do mundo.

A Linguística que conhecemos hoje começa com *O Curso da Linguística Geral*, uma obra publicada em 1916 com as anotações de aulas reunidas de Ferdinand de Saussure por dois alunos: Charles Bally e Albert Sechehaye. Embora se reconheça a possibilidade de equívocos, pois os alunos não tinham os manuscritos de Saussure, essa obra inaugura os estudos sobre a língua, ao solicitar um campo próprio de investigação para ela, a partir da seguinte definição:

Ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Assim, é preciso investigar suas regras internas, seus elementos constitutivos, sua estrutura, enfim, suas leis de funcionamento etc. Saussure reconhecia que a faculdade de articular palavras “não se exerce senão com a ajuda de instrumentos criados e fornecidos pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem” (SAUSSURE, 2006, p. 18).

A língua é um “sistema de signos”, um conjunto de unidades organizadas formando um todo (SAUSSURE, 2006). O signo é uma associação entre significante (imagem acústica) e significado (conceito), isto é,

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (SAUSSURE, 2006, p. 80).

O exemplo que traz é que, sem movimentar nossos lábios, conseguimos falar conosco mesmos ou recitar um poema mentalmente. Essa explicação sugere que o signo é representação psíquica e nada sugere uma positividade entre coisa e palavra. Saussure então sugere duas características da língua: a linearidade e a arbitrariedade.

Na linearidade, a representação psíquica é entendida por uma extensão, ou seja, é uma linha. Por exemplo, escrevemos uma sequência de palavras que pode estar em uma representação gráfica ocupando um determinado espaço. O mesmo acontece quando falamos,

pensamos ou escrevemos: não dizemos duas ou mais palavras ao mesmo tempo, mas sim uma sequência de palavras, ou seja, uma após a outra.

A linearidade do signo linguístico

gera certos constrangimentos para o pensamento, uma vez que para tornar nossos pensamentos conhecidos só temos a linguagem. O problema reside no fato de o pensamento e a linguagem serem de ordens diferentes, em que pese, ainda, a faculdade de a linguagem realizar-se tão somente no âmbito de uma língua – que se desenvolve, é pujante, ágil, desorganizado, criativo, caótico, nossa fonte de ideias e soluções, e funciona em termos de “x lembra y que lembra z que lembra... etc.” e assim *ad infinitum*, através de associações livres e simultâneas, sem linearidade, muito menos causalidade (LONGO, 2006, p. 32).

Essa citação esclarece que o nosso pensamento não é linear, é mais dinâmico e fazemos associações rapidamente, ou seja, não tem uma regra ou uma lei que determina uma ordem, mas a língua exige um certo ordenamento, construção essa que é dada arbitrariamente. Sobre isso, Longo (2006) afirma:

Mas a língua exige causalidade. Para tornar nosso pensamento conhecido para um ouvinte, é preciso restringi-lo a uma linearidade (e a uma causalidade, para que o ouvinte não se perca) que não lhe é natural. É preciso “forçar o encaixe” do pensamento dentro de uma forma que lhe é alheia. E isso tem relação com parte de nossos tropeços na fala e na escrita (p. 33).

A união do significado ao significante é considerada como arbitrária. Por exemplo, quando pegamos o signo árvore, ele poderá ser chamado com qualquer nome, não importa qual seja. Existe uma ideia, porém será representada por uma imagem acústica que é a representação psíquica do som, sendo ela arbitrária. Então o significante é arbitrário. Reforçando nas palavras de Saussure (2006):

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o *signo linguístico é arbitrário*. Assim, a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro (p. 81-82).

Outro estudioso que aborda a questão do significante e do significado é Lacan. Este psicanalista, sucessor de Freud e que acaba por dar continuidade aos estudos sobre a linguagem na constituição do sujeito, afirma que devemos nos livrar “da ilusão de que o

significante atende à função de representar o significado, ou, melhor dizendo: de que o significante tem que responder por sua existência a título de uma significação qualquer” (LACAN, 1998a, p. 501). Esta questão de o significante representar o significado está enraizada em muitas áreas epistemológicas que colaboram para propagar uma concepção de língua de forma instrumental e objetivada.

Lacan (1998a) dá um exemplo para ilustrar essa questão ao descrever uma cena em que dois irmãos viajam de trem. Eles, ao chegarem à estação e avistarem um desenho de duas portas idênticas acima das quais está escrito “HOMENS” e “MULHERES”, discutem sobre a qual lugar chegaram, se a Homens ou a Mulheres. Nesta ilustração, Lacan quer corroborar de fato como o significante entra no significado, ou seja, o significante não atende à função de representar o significado. Em suma, para muitos leitores de Saussure, o significante e o significado estabelecem relação entre si (que um dependeria do outro), Lacan contesta essa leitura, por meio das leituras de Freud, chamando atenção para a barra no algoritmo saussureano. Ele mostra que o significante se sobrepõe ao significado e que às vezes não há relação de um com o outro, que há uma barra que os separa.

Além de Lacan explicar que o significante não pode ter relação unívoca com o significado, ele também diz que o Inconsciente é estruturado como uma linguagem, os significantes estão sempre aparecendo no discurso, somos sujeitos imersos na realidade por meio deles, por via da relação simbólica com as outras pessoas que estão em nossa volta. O Inconsciente se manifesta por meio da linguagem.

Ora, a estrutura do significante está, como se diz comumente da linguagem, em ele ser articulado.

Isso quer dizer que suas unidades, de onde quer que se parta para desenhar suas invasões recíprocas e seus englobamentos crescentes, estão submetidas à dupla condição de se reduzirem a elementos diferenciais últimos e de os comporem segundo as leis de uma ordem fechada (LACAN, 1998a, p. 504).

Quando Lacan diz que o Inconsciente é estruturado como uma linguagem, isso quer dizer que o significante elucidado por ele surge através do discurso em forma dos seguintes modos: metáfora e metonímia. A obra de Saussure não trouxe essa possibilidade de leitura do Inconsciente a partir de Freud, então, Lacan coloca mais esses dois elementos para melhor compreensão do Inconsciente.

A metáfora está interligada à semelhança de sentidos, ou seja, uma comparação que é subentendida. Para que isso aconteça, é preciso que os sentidos tenham algo em comum. Por exemplo: “Cuidado, você está brincando com fogo!” O sentido que se dá a essa frase é

que o fogo pode queimar e também matar. Por isso, é relacionado ao perigo que a pessoa está correndo. Lacan diz que na metáfora não há comparação e sim identificação. Nas palavras do autor:

A metáfora supõe que uma significação seja o dado que domina, e que ela inflete, comanda o uso do significante, tão bem que toda espécie de conexão preestabelecida, diria lexical, se acha desatada. Nada que esteja no uso do dicionário pode, por um instante, sugerir-nos que um feixe possa ser avaro, e muito menos odioso. E, no entanto, é claro que o uso da língua só é suscetível de significação a partir do momento em que é possível dizer *Seu feixe não era nem avaro, nem odioso*, isto é, em que a significação arranca o significante de suas conexões lexicais (LACAN, 1998b, p. 249).

Já a metonímia diz respeito a substituições de palavras e, com isso, elas devem ter uma relação de proximidade com os sentidos. Com isso, podem acontecer diversos sentidos e associações. Um exemplo: “Eu adoro ler Freud”. Neste caso, nós não lemos a pessoa Freud, e sim seus livros. Aqui, os livros de Freud foram substituídos pelo nome do autor. A metonímia “concerne à substituição de alguma coisa que se trata de nomear – estamos, com efeito, ao nível do nome. Nomeia-se uma coisa por uma outra que é o seu continente, ou a parte, ou que está em conexão com” (LACAN, 1998b, p. 252).

Voltando aos estudos de Saussure, o que ela chama de sistema na questão da organização interna da língua, seus sucessores chamam de *estrutura*. A ideia é que cada elemento da língua só adquire um valor na medida em que se relaciona com o todo de que faz parte. Com esse embasamento, de acordo com a obra saussuriana, observam-se dois tipos de relações dependentes entre si, porém distintivos, as relações sintagmáticas e as relações associativas.

As relações sintagmáticas se organizam na linearidade. Exibem combinações internas que geram sentidos, conforme o contexto discursivo. Já nas relações associativas, “as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas” (SAUSSURE, 2006, p. 143). Ou seja, a língua se constitui por meio de relações.

O autor ainda expõe que “a relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une *in absentia* numa série mnemônica virtual” (SAUSSURE, 2006, p. 143). Ou seja, a sintagmática repousa sobre elementos presentes na cadeia da fala, ao contrário da

associativa, em que há ausência efetiva na cadeia da fala. Suas associações são feitas virtualmente na memória.

A criança, ao nascer, além de ter contato com a linguagem em geral, adquire a língua a partir do momento que ouve e elabora. Pode até não falar, mas, em constante contato com a língua materna, a criança internaliza e, a partir daí, constrói um saber sobre a língua. “Cada língua é um universo diferente. Aprender uma língua envolve a aquisição e a compreensão de uma forma específica de ver, nomear e organizar o mundo” (LONGO, 2006, p. 14).

Por isso mesmo, aprender uma língua é simultaneamente conhecer os universos cultural, social e individual dos quais essa língua fala. Ou seja, a língua diz bem mais do que se pensa. Não é somente um “instrumento de comunicação”. Ao aprender uma língua, conhecemos como se organiza o campo das significações que ela reflete, tanto do indivíduo (campo da psicanálise) quanto de uma comunidade linguística (campo sociolinguística) (LONGO, 2006, p. 14).

Esse posicionamento de Longo (2006) confirma a necessidade de o ensino da língua materna, no campo escolar, considerar as implicações entre a linguagem, sujeito e língua. Ao reconhecer tal dependência, os professores poderiam organizar os acontecimentos pedagógicos de modo mais amplo, tentando promover uma experiência de ensino-aprendizagem em que a língua não se reduziria a um instrumento qualquer, mas que promoveria um estar no mundo.

Esse é o objetivo do produto educacional, o *site Folhinha Aplicada*. Nas produções dos alunos, sejam textuais ou desenhos, podemos observar como essa constituição subjetiva comparece, a qual tentaremos abordar como exercício de autoria. Nas elaborações de escrita dos educandos, podem aparecer indícios do Inconsciente, à semelhança de metáforas e de metonímias, substituições e combinações. Quando a criança começa a escrever sem inibições, conforme o que elabora, encontramos dados singulares, sinalizando um percurso e, como tal, deve ser incentivado e reconhecido.

Claro que esses indícios misturam e refletem fluxos combinatórios de diferentes discursos orais e escritos nem sempre reconhecidos e, segundo Perini (2010), é preciso ter uma atitude menos dogmática em relação ao ensino de nossa língua. Esse pesquisador linguista realiza estudos que desmistificam o ensino da língua restrita ao universo de uma gramática autoritária. Segundo ele, essa perspectiva não leva o aluno a escrever melhor, pelo contrário, afasta-o de seu estudo.

Após apresentar que a linguagem faz parte do processo de constituição do sujeito, iremos para a próxima discussão que são as tecnologias digitais para a Educação Básica. Queremos no próximo capítulo mostrar as contribuições para a elaboração do *site*, afim de que as linguagens utilizadas para a construção contribuam para a formação do sujeito, bem como potencializar um exercício de autoria.

3. AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: CONTRIBUIÇÕES E ELABORAÇÃO DO *SITE FOLHINHA APLICADA*

Neste capítulo, faremos uma discussão sobre as contribuições das tecnologias digitais na Educação Básica, através de cujos dispositivos produzimos o *site do Folhinha Aplicada*. Em seguida, retomaremos o projeto *Folhinha Aplicada*, situando-o como inicialmente foi realizado para depois descrever como foi transformado em *site*, apresentando a construção passo a passo.

3.1 As contribuições das tecnologias digitais para a Educação Básica

Várias pesquisas sinalizam a contribuição das tecnologias digitais no campo educacional, mas a tecnologia não determina como esse processo poderia ser encaminhado. Sobre isso, Mendonça (2009) diz:

A tecnologia não determina a sociedade, e nem a sociedade, isoladamente, define o curso da transformação tecnológica, que depende, em última análise, de um complexo e altamente interativo conjunto de fatores, entre os quais se inserem a pesquisa, a educação, os educadores e as próprias possibilidades criadas pela comunicação mediada por computadores interligados em redes. (p. 31).

Assim, é importante discutir questões que envolvem as tecnologias, sua importância no meio social e quais potencialidades provocam para o uso de cunho educativo, pois

enquanto não se tiver uma reflexão mínima sobre a tecnologia, esta servirá apenas para atender aos objetivos de uma minoria da sociedade. Portanto, predominará a utilização da tecnologia como instrumento de controle e dominação da classe hegemônica. (OLIVEIRA, 2008, p. 3).

De fato, na atualidade, cada vez mais as pessoas estão conectadas no mundo digital por meio de *smartphone*, *tablet*, *iPad*, *notebook*, computadores etc. De acordo com Toschi (2005), as tecnologias não são somente equipamentos e/ou aparelhos, é toda uma rede cultural que também envolve questões éticas, políticas, econômicas e educacionais. Perceber isso acaba instalando um desafio aos educadores, que, no entendimento de Gómez (2002), é pensar as tecnologias para além de sua instrumentalidade, pois “transformar a escola vai além da incorporação das novas tecnologias, exige a desnaturalização da lógica do mercado que

orienta seu uso e desenvolvimento” (p. 89).

Reforçando o pensamento de Gómez, cito Toschi (2005), que afirma que as tecnologias não podem estar na escola somente para ter o sentido de inovação, do novo, de novidade. Para ajudar a escola,

é preciso saber pra que as tecnologias estão dentro da escola. É preciso que este para quê incorpore as dimensões ética, política, cultural, social, pedagógica e didática, de forma a que professores não se submetam às imposições políticas de organismos centrais (p. 39).

É preciso então que se discuta isso, mas também se perceba que há vários fatores que impedem o uso da tecnologia na escola. Um deles é a falta de uma política pública de implementação das tecnologias digitais, principalmente nas escolas públicas que são de responsabilidade do governo. Gómez (2002) comenta a importância da consciência e da vontade política e de outras organizações para promover qualitativamente o uso das tecnologias:

Não estou sugerindo que tudo depende de tais instituições sociais. O problema transcende qualquer tipo de instituição, já que é um problema geral, globalizado. No entanto, quero colocar a ideia de que as instituições sociais, em especial as educativas e culturais, e todas as instituições de comunicação, acadêmicas e de mercado, têm de assumir e enfrentar o desafio a partir de sua própria especificidade, com o objetivo de contribuir para um futuro mais humanizado que o presente e, esperamos, um pouco mais democrático também (GÓMEZ, 2002, p. 59).

Espera-se que, com investimentos e conscientização das pessoas, possamos enfrentar esse desafio de acordo com o contexto social, pois vivemos em um mundo cibernético, mas ao mesmo tempo fora dele, seja devido à exclusão digital ou à falta de entendimento do manuseio.

Hoje, nós nos vemos imersos no mundo cibernético e tecnológico, mas, ao mesmo tempo, separados dele, seja pela dificuldade de acesso ou de compreensão dos processos tecnológicos nos modos de produção e nas relações sociais (RODRIGUES; TEIXEIRA 2006, p. 263).

As tecnologias digitais, se usadas de modo pedagógico, podem apresentar outras alternativas para o processo de ensino-aprendizagem, ampliando o acesso a novas linguagens disponíveis no mundo digital. Mas para que isso aconteça é preciso que os professores tenham acesso a essas tecnologias de informação e comunicação. “São eles que tomam as decisões

didáticas na sala de aula, assim, são eles que oferecerão aos seus alunos a formação cultural básica que será o suporte da educação tecnológica” (TOSCHI, 2005, p. 39).

Além da afirmação acima, nós devemos reconhecer que em tempos da era digital “o lugar ocupado pelas crianças e adolescentes nessas redes é de sujeitos ativos, protagonistas e não mero telespectadores, o que gera significativa diferença com sua atuação no âmbito escolar” (RODRIGUES, 2018, p. 117).

Isto quer dizer que nossos alunos já estão fazendo uso das mídias digitais fora da escola, usando de acordo com seus interesses, seja para entretenimento, comunicação ou busca de informações. São sujeitos ativos na utilização das mídias e, na área da educação será uma grande potencialidade, desde que o professor faça uso das tecnologias digitais como mediador no processo de aprendizagem dos alunos.

Sobre a mediação dos professores, Girardello *apud* Rodrigues (2018), explica que há poucos docentes neste processo, pois preferem priorizar aulas expositivas e material impresso. Entretanto, o uso da internet pelos alunos só tem crescido. Podemos concluir que os professores não podem deixar de lado os conhecimentos que os alunos adquiriram no meio social, é preciso aliar as mídias digitais com os conhecimentos formais.

Gómez (2002, p. 62) explica que “devido a razões de mercado, grandes setores ficam fora dos benefícios tecnológicos, ou têm de se contentar com benefícios tecnológicos de menor qualidade, quando, tecnicamente, poderiam desfrutar do mesmo que as minorias mais afortunadas”. Ou seja, novamente o mercado determina quem usa ou quem deixa de usar os benefícios tecnológicos, que ficam restritos às pessoas com melhores condições econômicas.

Sobre a questão da comunicação diversificada, análise de estudo e planejamento de estratégias de educação, Gómez (2002) afirma que

as novas tecnologias devem se articular como suporte de uma comunicação educativa mais diversificada, através do aproveitamento de variadas linguagens, formatações e canais de produção e circulação de novos conhecimentos. Por outra parte, as novas tecnologias devem constituir-se também em objetos de análise e estudo, através de processos de pesquisas dos seus efeitos, usos e representações culturais. Sobretudo através do planejamento de estratégias de educação dos usuários que tenham como objetivo formar interlocutores capacitados para uma recepção e produção comunicativa ao mesmo tempo múltipla, seletiva e crítica (p. 57).

O autor reforça também a questão das tecnologias como objetos de análise para que possamos elaborar metodologias mais condizentes com nossa realidade e oferecer

maiores impactos educacionais, culturais, sociais, formando sujeitos ativos na sociedade, indo na contramão do modo pelo qual estão sendo usadas as ferramentas tecnológicas.

Nascimento (2014) explica que o processo de ensino e aprendizagem de crianças, jovens e adultos vem sendo rediscutido e redirecionado para as novas formas de ver e pensar, buscando compreender como se pode fazer um uso crítico das mídias digitais, possibilitando assim maior acesso a fontes diversificadas de cultura.

Toschi (1995) explica que o jovem atual tem muita facilidade com as tecnologias digitais. A geração de hoje já nasceu vendo TV, videogame, computador etc. Sendo assim, a juventude irá receber com prazer as novas tecnologias digitais na sala de aula em suas atividades escolares, facilitando e ampliando os processos de interação entre professor e aluno e alunos e alunos. As crianças também têm facilidade com as tecnologias digitais, elas estão conectadas, brincam com os jogos digitais com muita atenção e desenvoltura.

É necessário que o professor tome a iniciativa, contribuindo para que os alunos percebam que as tecnologias podem ser algo benéfico e natural na escola. Em vez de coibir seu uso, precisa discutir e promover seu uso de modo a contribuir para a formação do aluno.

Apesar, porém, da facilidade dos jovens com as tecnologias, o processo comunicativo do grupo deve ser iniciado e estimulado pelo professor. Se o professor conseguir deixar evidente aos alunos, especialmente durante as aulas, a sua disposição comunicativa, este elemento pouco a pouco se acrescentará ao processo de ensino, tornando-se algo naturalmente incorporado ao processo educativo, podendo trazer, conseqüentemente, criticidade aos conteúdos (TOSCHI, 1995, p. 98).

O professor, ao usar pedagogicamente as tecnologias digitais, deve lembrar que ele não é o detentor do conhecimento, mas sim um articulador, parceiro, que está aberto também a aprender e orientar o aluno para tirar proveito das tecnologias digitais.

É possível afirmar que a educação assume lugar imprescindível no desenvolvimento humano, uma vez que é por meio de um ensino adequadamente organizado que as crianças são inseridas em um contexto favorável à apropriação dos objetos historicamente criados pela humanidade (NASCIMENTO, 2014, p. 54).

De acordo com Rodrigues e Teixeira (2006),

Esse artesanal tecnológico com o princípio da conectividade de diferentes linguagens, que possibilita a compatibilidade entre os diferentes sistemas – portadores de voz humana, textos, dados estatísticos, sons e imagens –, são expostos à sociedade como instrumentos favoráveis às formas de comunicação entre as pessoas. Pode-se dizer que são esses processos comunicativos mediados pelas

tecnologias que favorecem a interação, a sociabilidade e o acesso a diferentes formas de ensinar e aprender (p. 264).

As tecnologias digitais têm um alto valor na educação e na sociedade, pois possibilitam as múltiplas linguagens a serem realizadas nos espaços educativos, despertando a capacidade humana de articular os sentidos. A escola, em grande parte, usa predominantemente a linguagem verbal, e com isso, reduz-se a capacidade de articulação com o meio social, pois a sociedade não convive somente com a linguagem verbal. Há outros tipos de linguagens que são utilizadas e é preciso que sejam estudadas e analisadas para melhor vivência em sociedade.

Com as tecnologias digitais, podemos possibilitar às crianças experiências com várias linguagens como: leituras, vídeos, jogos na internet, podemos conhecer diferentes culturas, ampliar conhecimentos de um modo rápido e imediato. Percebe-se que as múltiplas linguagens podem ser trabalhadas com mais fluência, e os alunos, na sua maioria, já sabem manuseá-las, muitos deles convivem com as tecnologias digitais. Segundo Rodrigues e Teixeira (2006), precisamos escolher entre sermos ativos ou passivos, nessa sociedade global.

Como cidadãos do mundo, participantes ativos ou passivos desta sociedade global, temos duas opções: ou penetramos no palco da disputa pelo conhecimento, apropriando-nos das potencialidades das tecnologias de informação e comunicação (TICs) ou nos colocamos em um mundo doméstico, em que as TICs não são consideradas significativas, apenas luxo (p. 263).

É preciso buscar informações de como as tecnologias podem auxiliar e contribuir na sociedade para quebrar o paradigma de que elas são somente um artigo de luxo e, desse modo, usá-las em nosso favor. Outro aspecto que pode ser apontado neste trabalho é a apropriação adequada dos professores na questão da utilização dessas tecnologias. Ainda há professores que estão incorporando as tecnologias digitais em suas aulas enquanto outros nem sequer as utilizam. Para que os professores se apropriem das novas tecnologias de comunicação e informação, é preciso capacitação desses docentes, oferecendo cursos específicos a fim de refletir sobre suas vantagens, bem como realizar algumas práticas no manuseio delas para que o professor possa perceber que só tem a se beneficiar com as ferramentas tecnológicas.

É de suma importância o professor saber manusear as tecnologias tecnicamente e pedagogicamente. O manuseio inadequado das tecnologias digitais fará com que se perca a credibilidade, bem como o trabalho pedagógico. É uma exigência da sociedade atual o

desempenho desses educadores nessas questões.

Os novos e múltiplos produtos criados a partir dos usos diferenciados das tecnologias de última geração têm suas especificidades. Eles se diferenciam em seus usos e nas formas de apropriação pedagógica, nem sempre facilitando as aprendizagens. Muitas vezes o mau uso dos suportes tecnológicos pelo professor põe a perder todo o trabalho pedagógico e a própria credibilidade do uso das tecnologias em atividades educacionais (KENSKI, 2003, p. 50).

Outro ponto interessante é que não é suficiente apenas capacitar os docentes para o uso das tecnologias digitais, é preciso também haver disposição. Para Toschi (1995),

a comunicação, a interação propiciada pelas tecnologias da informação e comunicação, pode cumprir esse papel, mas atingir o objetivo de contribuir para mudar para melhor a sociedade vai depender da disposição de cada um dos envolvidos nos processos educativos, em especial o professor (p. 99).

É importante frisar também que o profissional docente necessita de tempo para discutir e refletir sobre as novas tecnologias e suas complexidades, para perceber suas possibilidades e limites, para fazer escolhas conscientes, se o grupo de alunos se adequará a estas ferramentas, enfim, é necessário tempo para elaborar práticas educativas mais adequadas.

Gómez (2002) salienta que, neste mundo contemporâneo, a educação estará cada vez mais vinculada com os meios tecnológicos de informação e que, mais cedo ou mais tarde, irá modificar através do tempo os processos educativos e comunicativos. O autor (op. cit.) reforça que é fundamental “antecipar o papel que tanto educadores quanto comunicadores devemos tomar nele, para que o sentido e a direção das inevitáveis transformações sejam as mais relevantes para nossas sociedades” (p. 69).

Ainda sobre a questão da educação e a importância do professor como mediador do processo de aprendizagem,

a escola não é mais o lugar privilegiado de acesso ao conhecimento, pois as tecnologias de informação e comunicação potencializam esse acesso. A escola não insere as tecnologias nos projetos de ensino cotidianos apenas na organização administrativa. A autoaprendizagem se dá a partir da iniciativa do estudante com acompanhamento do sistema educacional por meio de ferramentas das tecnologias de informação e comunicação. Afinal, as informações estão em todos os lugares e nem todos os sites são confiáveis ou toda informação é fonte segura. Cabe à escola e ao professor direcionar esses alunos no uso dessas ferramentas em favor da aprendizagem (RODRIGUES, 2018, p. 121).

Podemos então perceber a importância do professor como mediador ao utilizar as tecnologias digitais. O conhecimento está aberto a todas as pessoas, pois as mídias favorecem o acesso. E a escola precisa estar preparada para orientar os alunos na busca desse conhecimento. Se não tiver a mediação nossos alunos irão buscar fontes que não são seguras que podem prejudicá-los na sua formação. Agora com o advento das *fake news*⁶ é preciso reforçar ainda mais a mediação do professor buscando *sites* seguros para serem trabalhados com os alunos.

Embora encerre aqui essa discussão, ela foi fundamental para democratizar o acesso ao *Folhinha Aplicada* e propor o seu *site*, considerando toda a reflexão anterior. Nossa intenção foi trabalhar todas as linguagens possíveis que o *site* oferece, possibilitando, além de informações (conteúdos), conhecer novas formas de produzir significações.

3.2 O periódico impresso *Folhinha Aplicada*

O jornal *Folhinha Aplicada* era um projeto de extensão do Departamento de Pedagogia do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, vinculado às pesquisas “Arte, psicanálise e educação: os procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância” e “Letramento e infância: estudos interdisciplinares”.

Inicialmente, a primeira edição, criada em abril de 2006, tinha como proposta ser um boletim escolar informativo, idealizado pela professora Sirley Aparecida de Sousa, docente e na época coordenadora da primeira fase de educação básica do Cepae/UFG. Tinha como objetivo principal ser um veículo de transmissão de informações entre a escola e os alunos. Nesta edição se observou o interesse dos alunos e, em reunião coletiva de professores, foi solicitado que esse boletim fosse redefinido para atender a objetivos mais amplos, de modo a contribuir com a formação do aluno e incentivá-lo a participar da elaboração dele.

A reconfiguração de um novo modelo para o periódico ficou a cargo da professora Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha, que até o último número impresso coordenou o projeto. O boletim acabou ganhando outro estatuto, apresentando-se como um Projeto de Extensão com o objetivo de ser um periódico que publicasse produções dos alunos da primeira fase do Cepae/UFG e de escolas parceiras.

⁶ *Fake news* significa notícias falsas. São boatos ou desinformações espalhadas nas mídias sociais. Este tipo de notícia é escrito e divulgado com a intenção de enganar com manchetes sensacionalistas, exageradas para chamar a atenção de um determinado público.

A justificativa apresentada para esse novo formato foi a de que um periódico poderia contribuir também para enfrentar o baixo rendimento dos alunos em leitura e escrita de textos, tanto no âmbito escolar quanto fora dele. Em uma das avaliações do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb – MEC), na época, constatou-se que nestes quesitos os alunos apresentaram grande deficiência. O Cepae/UFG, nesta avaliação, se saiu muito bem, ficando em primeiro lugar em Goiás. Mesmo tendo esse bom desempenho, sabia-se da necessidade contínua de oferecer para os alunos atividades que promovessem a leitura e a escrita, convidando outras escolas a participar desse desafio.

Ademais, um periódico com uma formatação mais atrativa e com a possibilidade de envolver os alunos em todo o processo de produção poderia atingir os objetivos apresentados no Projeto de Ensino de Língua Portuguesa. Segundo este plano, a realização da alfabetização e letramento, com base nos gêneros discursivos,

provavelmente levará a criança a produzir gêneros de textos semelhantes aos que circulam socialmente (textos expositivos, argumentativos, cartas, notícias de jornais etc.), se lhe forem dadas as condições adequadas. O letramento escolar deve ser considerado como processo de aquisição dos gêneros, mesmo nos processos iniciais de aprendizagem de leitura e de produção textual porque são práticas discursivas que, sendo usadas pela escola, ajudam o desenvolvimento cognitivo dos alunos, proporcionando-lhes condições de aprendizagem quanto à natureza composicional, estilística e temática do gênero trabalhado (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2011, p. 5-6).

Assim, os objetivos traçados em 2006 para cadastrar o projeto na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec/UFG) foram:

- Incentivar o desenvolvimento de alunos leitores/escritores autônomos, não só no universo escolar, mas também pensando na importância da leitura e do uso que se faz da escrita na sociedade.
- Proporcionar a circulação de textos produzidos pelos alunos e por toda a comunidade escolar.
- Promover vivências nas instâncias das condições de produção textual, pois elas vão determinar os recursos linguísticos textuais selecionados para o texto a ser publicado.
- Disponibilizar para a leitura textos dos diversos gêneros que circulam na nossa sociedade.
- Sistematizar um periódico com uma linha editorial específica para a primeira fase do ensino fundamental (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2006, p. 4-5).

O periódico organizou-se de acordo com os gêneros encontrados em um jornal comum, privilegiando aqueles que mais se aproximam do leitor da primeira fase. O conteúdo

das matérias veiculadas foi de acordo com os interesses dos alunos, bem como abrangeu as diversas áreas do conhecimento.

Houve também uma preocupação sobre a visualização geral do *Folhinha* no momento da leitura. As imagens e textos não poderiam causar estresse visual, e o uso de cores frias, por exemplo, o verde e o azul, poderia criar um aspecto de suavidade ao periódico. Outro ponto apontado foi o de não sobrecarregar as páginas com grandes textos e muitas imagens, para evitar que fossem “pesadas” aos olhos da criança.

Quando foi escrito o projeto, o *Folhinha* ainda não tinha nome, assim propôs-se um concurso em que todos os alunos (Cepae e escolas parceiras) participassem. A proposta era que as crianças sugerissem os nomes e o mais votado seria o vencedor. Foi feita uma seleção dos nomes para ver qual se adequava mais ao periódico mensal. A votação foi feita entre professores, servidores e estagiários. Na contagem dos votos, o vencedor foi *Folhinha Aplicada*. O nome eleito foi divulgado para os alunos e teve uma boa aceitação.

Em junho de 2006, um projeto gráfico e editorial do jornal foi elaborado por Vinícius Batista Rocha, que na época cursava Comunicação Social, habilitação em jornalismo, na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. Através da disciplina Planejamento Gráfico e Editorial, sob a orientação do professor Cláudio Aleixo, o graduando, a partir do seu interesse, elaborou um projeto gráfico e editorial para o *Folhinha*, que já circulava.

O graduando observou que até a quarta edição não existia uma elaboração gráfica e editorial bem definida para o periódico. Assim, ele teve a oportunidade de fazer o seu trabalho de conclusão da disciplina Planejamento Gráfico e Editorial. Repassou a ideia para a coordenação pedagógica da primeira fase do Cepae, para a coordenadora do *Folhinha Aplicada* e o seu orientador da disciplina, recebendo posteriormente a autorização para a criação do projeto.

As primeiras edições foram produzidas impressas, em frente e verso, no papel formato A3 (287 mm/420 mm), usando metade da folha para cada página, resultando assim em quatro páginas que deram formato ao jornalzinho, cada uma com as dimensões de 297 mm por 210 mm. As cópias foram produzidas em monocromia (preto e branco). Havia dentro da equipe do jornal o desejo de que ele fosse impresso em policromia (colorido), mas a limitação financeira do projeto impedia sua realização.

Para criar uma certa padronização no jornal e facilitar seu processo de produção, Vinícius sugeriu alguns temas à professora Maria Alice. Após discussões, ficaram decididas

as editorias, deixando-as abertas para modificações, remoções, acréscimos ou qualquer outro tipo de intervenção que a coordenação responsável achasse necessário. Estas editorias foram publicadas no livro “Veredas Escolares: partilhando experiências criativas de ensino e aprendizagem do Cepae/UFG”. São elas:

1. **Aos leitores** - espaço reservado à equipe do jornalzinho para a comunicação com os leitores. Questões sobre o jornal, as matérias, notícias, assuntos mais importantes que envolvem o colégio.
2. **Folhinha Cultural** - editoria reservada para expor matérias que se relacionam com a temática cultural. Aspectos da cultura goiana e brasileira, folclore, lendas, mitos, eventos culturais, músicas, artes plásticas, entrevistas com artistas, são sugestões para o espaço.
3. **Pesquisa Aplicada** - sob orientação, uma equipe tem a missão de fazer algum tipo de pesquisa com informações, dados estatísticos, gráficos, etc. Exemplo: Pesquisas de opiniões sobre algum acontecimento relevante.
4. **Cantinho de Leitura** - textos diversos para leitura, como, por exemplo, crônicas, poesias, histórias em quadrinhos e charges.
5. **Dicas da Folhinha** - dicas sobre livros, filmes, CDs, DVDs, teatro, cinema, etc.
6. **Diversão** - palavras cruzadas ou cartum com o objetivo de entretenimento.
7. **Mãos à obra** - espaço para, além de entreter, exercitar a capacidade criativa das crianças como experiências científicas e origami por exemplo.
8. **Você Sabia?** - curiosidades em geral, por exemplo: questões que envolvem o corpo humano, animais, plantas e o Planeta Terra.
9. **Para saber mais** - textos selecionados ou produzidos sobre temas mais complexos, como políticas, direitos e deveres, sociedade, etc.
10. **De olho na natureza** - curiosidades sobre a natureza, preservação e importância do meio ambiente.
11. **Va(ler)** - resenhas e resumos de livros, CDs, DVDs, exposições, teatros, por exemplo.
12. **Cultura corporal** - curiosidades sobre os variados tipos de esportes, como regras, pontuação, histórias, esportistas famosos, etc.
13. **Fala leitor** - sugestões, opiniões e críticas (BARBOSA; CARVALHO; COSTA; MOTA; SOUZA, A. A., 2014, p. 58).

A partir de 2009, o *Folhinha* não foi publicado, pois sua coordenadora entrou de licença para fazer doutorado e nenhum professor tinha disponibilidade para dar continuidade ao projeto. Ele foi retomado em 2012, época em que eu estava no Cepae/UFG como professor substituto. Ela me convidou para participar do *Folhinha*, pois precisava de alguém para fazer a diagramação e fiquei responsável por esta parte. Depois de várias tentativas de diagramar, saiu a edição do mês de fevereiro de 2012. Daí por diante, participei como diagramador, revisor e colaborador.

Meu contrato como professor substituto no Cepae/UFG finalizou em fevereiro de 2013 e, mesmo assim, participava do jornalzinho, realizando as mesmas funções. Nas escolas por onde trabalhei, levei o projeto de extensão. O primeiro foi o Colégio Estadual José Silva Oliveira, da cidade de Goianira, onde trabalhei como vice-diretor e depois coordenador

pedagógico. As duas turmas do 5º ano desta escola participaram das edições, publicando seus trabalhos juntamente com os alunos do Cepae/UFG. Logo em seguida, assumi como professor no concurso da Prefeitura de Goiânia no mês de setembro de 2014 e fui lotado na Escola Municipal Nossa Senhora da Terra nas turmas E (5º ano) e F (6º ano) do período vespertino, que também participaram do projeto. Ministrava as disciplinas de Português, Ciências e Geografia.

Ao assumir a Turma C (3º ano), em 2015, no período vespertino, incentivei os alunos durante todo o ano a publicar textos como: resenhas literárias, cartas, dicas de filmes e também desenhos, entre outros. A cada edição, as crianças ficavam eufóricas para ver suas produções no *Folhinha*. Líamos, debatíamos, e com isto surgiram várias opiniões sobre diversos assuntos e também ideias para publicar. Além disso, usávamos o jornal para trabalhos dentro da sala de aula, por exemplo: líamos os textos e, além de discutir o conteúdo escrito pela criança, analisávamos também como era estruturado o texto (resumo, resenha, gráficos, crônicas etc.). Textos informativos sobre a história de Goiânia, sistema respiratório, indicações de filmes e tirinhas foram usados como atividades de leitura e escrita na sala de aula. E assim foi com as turmas C (3º ano – 2016) e D (4º ano – 2017).

Em seguida, o professor Santiago Lemos entrou no Cepae/UFG como professor substituto e conheceu o projeto de extensão. Formado em Artes Visuais, ele promoveu um outro projeto gráfico para o *Folhinha Aplicada*, modificando as fontes de letras, ilustrações, qualificando o visual e tornando-o mais interessante. Ele também definiu, por meio de concurso com os participantes do projeto (alunos), logotipos que continuam aparecendo atualmente.



Figura 1. Resultado final do concurso da nova logo do *Folhinha Aplicada*.

Desde 2012, estou envolvido no projeto e percebo o quão rico é este trabalho, principalmente por incentivar a produção de textos e contribuir para a formação humana do sujeito. Então, pensando nesta proposta que o *Folhinha* realiza, queria ampliá-lo, para atingir outros alunos e também outras escolas, bem como analisar o exercício de autoria. Apenas minha turma da Escola Municipal Nossa Senhora da Terra participava, enquanto as demais não tinham acesso ao projeto. Os próprios colegas professores questionaram essa situação em uma reunião de planejamento coletivo, que é realizada mensalmente na escola onde trabalho. Tinham interesse em publicar os trabalhos dos alunos, mas não tinham condições, pois não existiam exemplares para todos os alunos.

De fato, os gastos com as impressões foram crescendo, inicialmente eram 400 cópias mensais, depois aumentou para 700, apenas o Cepae custeava. Ficava difícil aumentar a tiragem, por outro lado, a redução das cotas de impressão estava dificultando a manutenção da impressão. A ideia de ampliar o periódico era comum aos participantes do projeto, pois o envolvimento dos alunos e o que ele promovia eram observados por muitos.

Por meio de estudos sobre as tecnologias digitais, mais especificamente em plataformas *on-line* de criação e edição de *sites*, percebemos que elas possibilitavam a criação do *site*, viabilizando a continuidade do *Folhinha* a partir de sua reformulação teórico-metodológica pelo viés dos conceitos de sujeito, linguagem, língua, abordados em capítulo anterior.

3.3 O site *Folhinha Aplicada*: o produto educacional

Aproveitando as possibilidades que as tecnologias digitais podem oferecer para a formação do aluno, o produto educacional, o site www.folhinhaaplicada.com, foi elaborado. A partir dele, pretendíamos fomentar o exercício de autoria, ao promover práticas de leitura e escrita, interatividade e acessibilidade.

O aluno, como qualquer outro sujeito, está submetido às leis do Inconsciente e, nesse sentido, o que escreve e/ou lê apresenta indícios de sua subjetividade. Esta se manifesta de diferentes maneiras, compondo elaborações a partir de associações diversas que representam suas vivências e aprendizagens. Elas nem sempre estão organizadas na lógica que a escola determina, conforme os saberes transmitidos.

Os arranjos e rearranjos que os alunos produzem devem ser considerados, pois o protagonismo de suas elaborações é que compõe sua experiência singular. Ter um espaço para

poder se expressar promove não só o seu reconhecimento, mas também garante o seu exercício de construir uma cidadania, de poder se posicionar como sujeito e também respeitar o outro. Ao partilhar suas opiniões e conhecimentos, o aluno está também colaborando para que o outro amplie seu conhecimento.

Por ser um *site*, o aluno pode acessá-lo durante a semana e no horário que achar mais adequado, podendo ter ou não o auxílio dos pais e amigos. Ele poderá consultar quantas vezes quiser, retomar algum item que preferir e/ou mesmo selecionar na ordem que lhe convier.

Ademais, o *site* oferece aos alunos também outras linguagens, como música, vídeos, fórum de discussão, por meio das quais podem discutir temas que são trabalhados na sala de aula e do seu cotidiano. Assim, a linguagem é mais diversificada e extrapola a predominância do texto verbal. O site foi elaborado na plataforma de hospedagem chamada *Wix* (<https://pt.wix.com/>), que pode ser encontrada na internet.

Essa plataforma foi escolhida em função da facilidade do seu manuseio, não tendo sido preciso contratar terceiros para sua elaboração, e ofereceu um preço acessível na compra do domínio, ou seja, o endereço do *site* e seus recursos, pois estávamos com poucos recursos financeiros. O *site* foi custeado pela Associação de Pais e Mestre do Cepae (APM), que prontamente o assumiu em função dos objetivos e do grande interesse dos alunos pelo projeto. Ela pagou o valor de R\$ 228,00 para o período de um ano (16 de novembro de 2017 até 16 de novembro de 2018).

Durante a construção do *site*, a plataforma *Wix* disponibiliza também a construção de *sites* para uso em computadores (editor *desktop*) e celulares e *tablets* (editor *mobile*), o que torna o acesso ainda mais fácil através do mesmo endereço. No percurso da elaboração do *site*, tivemos que editá-lo nestas duas versões.



Figura 2. Editor no modo *desktop*.

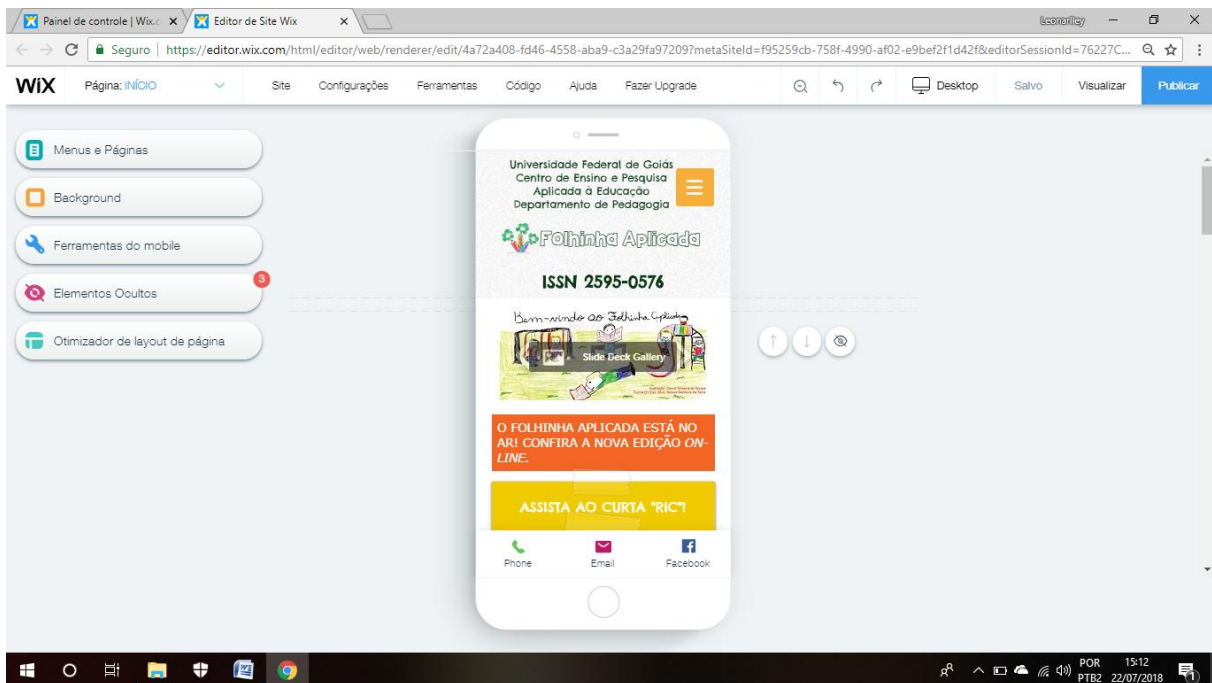


Figura 3. Editor no modo *móvil*.

Mas, antes de comprar o domínio do nosso produto, primeiramente fizemos toda a construção do *site* na edição gratuita para explorar os recursos que ele tinha disponíveis, bem como aprender a manusear. Só após a conclusão do *site* é que compramos o domínio. Durante o manejo na plataforma, vimos que ele oferece alguns *templates* grátis (modelos de páginas),

que o internauta pode escolher para basear a construção do seu próprio *site*. Escolhemos um *template* que acreditávamos que fosse ideal para crianças, pois nele havia cores brilhantes, fontes divertidas e um estilo voltado para o nosso público-alvo. Foi a partir deste que fomos estruturando o folhinhaaplicada.com, retirando, colocando e modificando alguns itens.

Trabalhamos durante três meses (agosto, setembro e outubro de 2017), sendo que antes pesquisei outros *sites* semelhantes ao que queríamos fazer, principalmente tendo em vista a ideia de possibilitar a interatividade. Na primeira quinzena de novembro de 2017, concluímos e postamos a primeira edição *on-line* do nosso jornalzinho, com a compra do domínio. No dia 16 de novembro, começamos a divulgar a nossa *homepage* nas redes sociais (*WhatsApp*, *Facebook*, *e-mails*, *Instagram*) e também nas escolas do projeto (Cepae/UFG e Escola Municipal Nossa Senhora da Terra), por meio de comunicados escritos, apresentações do *site* nas salas de aula, usando *datashow* e no laboratório de informática.

Na página principal, que é chamada de *Home*, a *homepage* oferece aos visitantes uma visão geral de onde se pode explorar o *site*, através dos menus. Ao descer para visualizar toda a página principal, o usuário encontrará vídeos, notícias de última hora, depoimentos de alunos que escrevem para jornal, entre outros.



Figura 4. Página principal do *site* da parte de cima. Aqui são encontrados: a logo do *Folhinha Aplicada*, nome do jornal, os menus e um *Slideshow* de largura total. Neste elemento, colocamos algumas informações de como navegar no *site* e uma ilustração feita por um aluno desejando boas-vindas ao visitante.

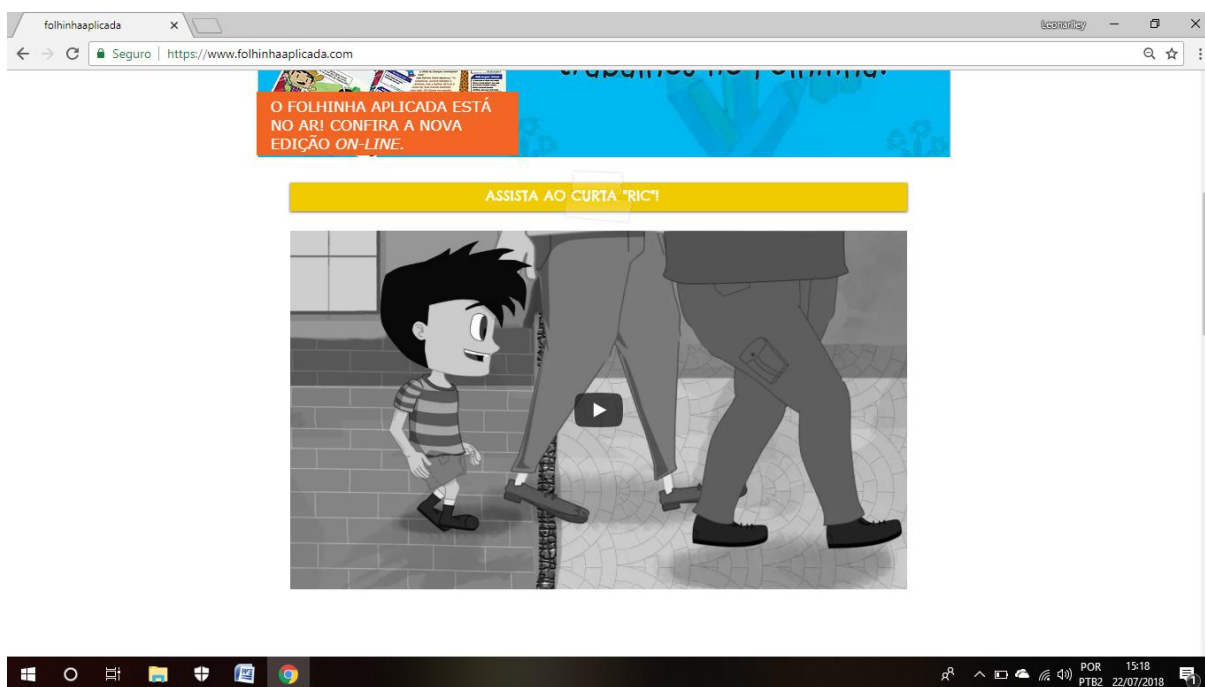


Figura 5. Continuando a página principal do *site* da parte central. Aqui há um curta chamado “Rici”.



Figura 6. Parte de baixo do *site* na página principal. Aqui há algumas opiniões de alunos sobre o *Folhinha Aplicada*, Últimas notícias e um item que leva o visitante para um fórum de discussão.

No Menu, que fica na página principal, o internauta encontrará os itens “Sobre”, “Categorias”, “Participe”, “Edição atual”, “Edições anteriores”, “Galeria” e “Fale conosco”. Ao clicar nos submenus, o visitante tem acesso aos textos, desenhos, jogo dos sete erros, tirinha, todos feitos pelos alunos e publicados na íntegra etc. Há também informações sobre a

história do *Folhinha Aplicada*, quem faz o *Folhinha* (corpo editorial), como e o que enviar, as produções, entre outros.

Sobre o corpo editorial, os professores que participam são do Cepae/UFG e da Escola Municipal Nossa Senhora da Terra. São doutores, doutorandos, mestres, mestrandos e técnicos administrativos cuja função é avaliar os trabalhos enviados para o jornalzinho, sendo o seu parecer o maior parâmetro para a seleção do que deve ser publicado e também uma das exigências para receber o código ISSN, que veremos mais à frente.



Figura 7. Os botões de menu.

Na paleta de cores, priorizamos os tons de verde, rosa, laranja, amarelo e azul. As fontes utilizadas foram *KB Stickto It* para o nome *Folhinha Aplicada* na página principal, *Chelsea Market* para títulos e *Patrick Hand*, para o corpo do texto. Seleccionamos estas por serem fontes atraentes e divertidas, já que é voltado para o público infantil e infanto-juvenil.



Figura 8. Nome do jornal na fonte *KB Stickto It*.

HISTÓRIA DO FOLHINHA APLICADA

Figura 9. Exemplo de título de texto escrito na fonte *Chelsea Market*.

JORNAL FOLHINHA APLICADA

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da
Universidade Federal de Goiás (Cepae/UFG)

Avenida Esperança, S/N - Campus Universitário, Goiânia - GO, CEP: 74690-900
E-mail: folhinhaaplicada@gmail.com

Figura 10: Exemplo de texto escrito na fonte *Patrick Hand*.

Depois da conclusão da elaboração do *site Folhinha Aplicada*, queríamos dar mais um passo primordial para que o periódico tivesse uma identidade única. Para isto, pensamos em adquirir o código ISSN, segundo o *site* do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).

O ISSN (*International Standard Serial Number*), sigla em inglês para Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas, é o código aceito internacionalmente para individualizar o título de uma publicação seriada. Esse número se torna único e exclusivo do título da publicação ao qual foi atribuído. Por ser um código único, o ISSN identifica o título de uma publicação seriada durante todo o seu ciclo de existência (fase de lançamento, circulação e encerramento da revista), seja qual for o idioma ou suporte utilizado (impresso, online, CD-ROM e demais mídias). O ISSN é composto por oito dígitos distribuídos em dois grupos de quatro dígitos cada, ligados por hífen e precedido sempre por um espaço e a sigla ISSN. Exemplo: ISSN 1018-4783. A partir do momento em que o ISSN foi atribuído para uma publicação seriada, ele deve aparecer em cada exemplar (Fonte: *Ibict*).

Para aceitar esse código, preenchemos um formulário e junto com ele enviamos o *link* do *Folhinha* para análise. Depois de algumas solicitações de correções de alguns itens (pois, para obter o ISSN, é preciso seguir uma padronização de *site* exigida por eles), conseguimos obter o código. Foi preciso corrigir todas as numerações de cada edição (da primeira até a última edição dos periódicos que foram impressos e que estavam no formato PDF), no item “Fale Conosco” colocar por extenso o nome da universidade, pois estava abreviada (UFG) e qual seria a periodicidade da publicação. Após estas correções, recebemos um *e-mail* com o código.

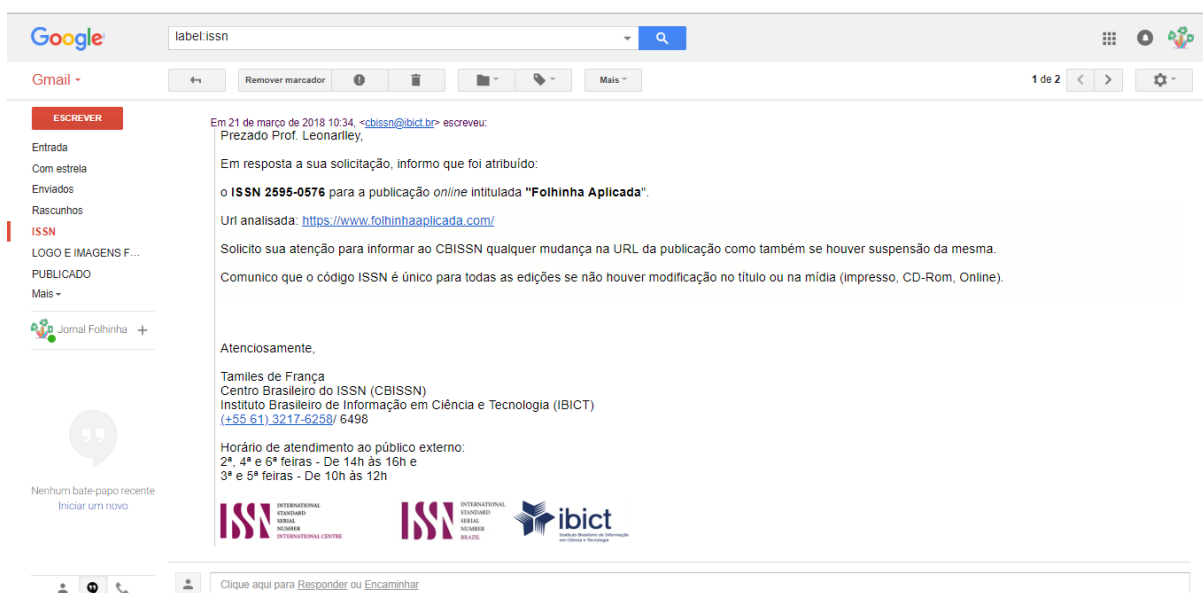


Figura 11. Recebimento do *e-mail* com o código ISSN.

Este código está no topo, na página principal do *site*, abaixo do nome *Folhinha Aplicada*.



Figura 12. Topo do *site* com o código do ISSN.

Assim, demos ao *Folhinha Aplicada* uma individualização ao título com um código que o faz único e exclusivo além de contar também como produção intelectual e até mesmo pontuações no Currículo Lattes.

Enfim, o *site* pode ser acessado em qualquer lugar do mundo e o espaço geográfico deixa de ser uma dificuldade, devido ao acesso à internet. O professor pode usar esta ferramenta em suas práticas de ensino. Vale lembrar que a expansão do jornal é garantida porque agora não serão somente uma ou duas escolas que participarão, outras serão incluídas. Agora, qualquer criança, escola ou professor que tenha interesse poderá submeter suas produções, independentemente da localidade. Assim, mais crianças participarão desse exercício de autoria promovido pelo *Folhinha Aplicada*.

4. FOLHINHA APLICADA: EXERCÍCIOS DE AUTORIA

Neste último capítulo, analisaremos algumas produções dos alunos, publicadas no periódico, com o intuito de destacar o exercício de autoria que ele possibilita. A autoria aqui é concebida como indícios de elaboração, sob o efeito do Inconsciente, da trama que nos tece desde que nascemos. São indícios que dizem respeito ao funcionamento da linguagem (metáfora e metonímia), ao uso das palavras que convocam afetos (sentimentos, sensações, reações), representações de si e do outro, equívocos, lapsos, subjetividades, entre outros.

4.1. As produções e a autoria

O primeiro texto analisado foi produzido depois que os alunos da turma D (4º ano) do turno matutino da Escola Municipal Nossa Senhora da Terra participaram do projeto de extensão Sessão Corujinha do Cepae, assistindo no Cine UFG ao filme animado de gênero fantasia “Meu amigo Totoro”, do diretor Hayao Miyazaki. O filme conta a história de duas irmãs e seu pai, que é professor. Eles mudam para uma casa e nesta as crianças conectam-se com espíritos da floresta, um deles é o Totoro. Depois de assistirem, os alunos discutiram o filme e falaram um pouco dos seus amigos imaginários. Em seguida, foram solicitados a produzir um texto contando a experiência deles em relação aos amigos imaginários. Alguns alunos escreveram, e outros ilustraram o texto para ser publicado no *site*. Abaixo o que selecionamos para fazer algumas observações:

Cantinho da leitura

AMIGA IMAGINÁRIA
Texto: Geovanna dos Santos
 Ilustração: Gabriel Teodoro Mendes da Silva
 Turma D1 Escola Municipal Nossa Senhora da Terra.



Eu tive uma amiga imaginária que se chamava Júlia. Eu e minha amiga Ana Flávia brincávamos de escolinha, eu era a aluna e ela a professora. Aí eu fingia ter muitos amigos e amigas imaginárias para serem meus colegas de classe e meu nome era Roberta e da Ana Flávia era Seissa. Quando a gente brincava tinha tarefa, lanche, recreio e ia embora, era muito legal e até hoje a gente faz isso. Também brincamos de mamãe e filhas: a Ana é a mãe e eu a filha mais velha e a outra filha era a pequena. A gente inventava o pai e eu amo essa brincadeira.

Figura 13. Produção de texto e ilustração dos alunos, baseada no filme *Meu amigo Totoro* com o tema “amigo imaginário”.

No texto escrito e também na ilustração, podemos verificar os elementos culturais e simbólicos incorporados pelas vivências na escola e em casa. Por meio de uma amiga imaginária, Júlia, a aluna elabora as situações vividas, desempenhando papéis do mundo adulto como professora e mãe. Ela utiliza os nomes de seus próprios colegas e professores (Seissa, Júlia, Roberta, Ana Flávia). O desenho de Gabriel, que ilustra o texto, também demonstra como é organizada a escola, mais especificamente a sala de aula onde estuda, ao organizar os elementos da sala de aula, a posição de cada um, sugerindo o papel desempenhado.

De acordo com Freud, a consciência é formada por percepções que vêm de fora, através dos sentidos sensoriais, e de dentro, que chamamos de sensações e sentimentos. Ao relacionar o texto e a ilustração com a teoria freudiana, percebemos que há elementos que foram marcados no sujeito (nome dos colegas, professores, disposição da carteira e quadro na ilustração etc.), e isto se deu através das percepções sensoriais linguageiras que vêm de fora e que, ao brincar de escolinha, as crianças expressaram através de outras linguagens, ou seja, houve um estímulo externo que provocou nas crianças um sentimento positivo pelas características dos sujeitos com quem convivem no ambiente escolar e de casa. É a faculdade simbólica das crianças. São apreensões externas passíveis de representação, enfim, é por meio da linguagem que representamos o que nos afeta.

Na brincadeira relatada pela criança no texto, ela de certa forma supre a ausência, ao fazer de conta que é a mãe, a filha, a professora etc. E nesse jogo, além de representar a ausência da figura adulta, ainda elabora suas percepções de como fazer essa representação: modo de falar, de cuidar dos filhos, as reações, os gestos, entre outros. A criança faz isso a partir das percepções que teve ao ver, no seu convívio social, as funções de cada um na sociedade, elaborando na brincadeira.

Como Freud observa, as crianças, na brincadeira, assumem uma posição ativa, representando o que viveram passivamente. Elas incorporam funções, imitam vozes, gestos, modos de vestir, entre outros. Ao descrever sua experiência com o amigo imaginário, a criança elabora simbolicamente sua vivência com o mundo e o encontro com as pessoas.

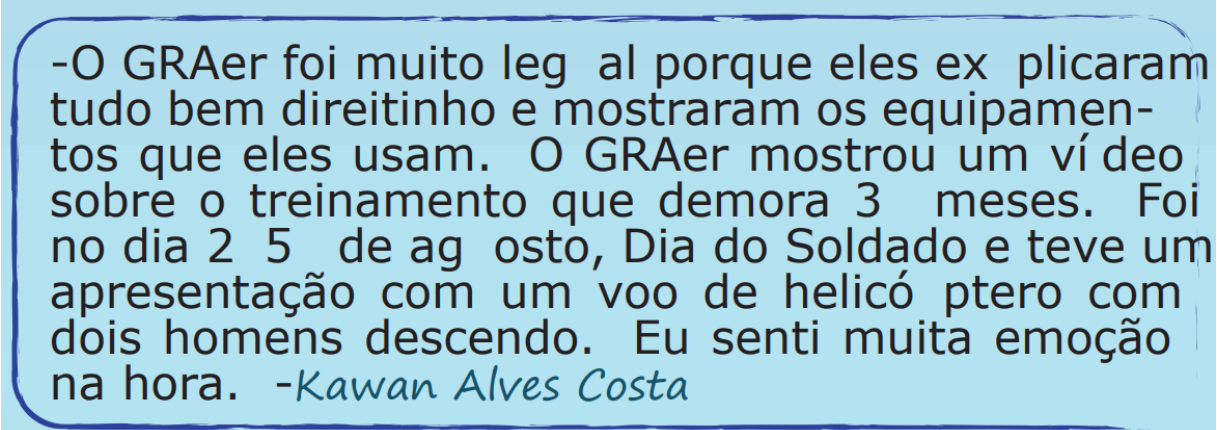
Se a brincadeira permite isso, a ilustração e a escrita também podem auxiliar a promover essa elaboração. Sobre isso, Rocha (2011a, p. 57) diz que “se ao brincar a criança interpreta uma experiência vivida e elabora uma repetição com traços do encontro faltoso com o real, além de posicionar-se subjetivamente, o escrever também engendraria essas

possibilidades”.

Desta forma, quando a criança produz um texto ou uma ilustração, coloca ali sua subjetivação, ou seja, escreve o que diz respeito a ela. Por isso, a importância da valorização da escrita, reconhecendo que ali há uma singularidade, um exercício de autoria. Para Lacan, o símbolo representa algo que está ausente. A criança, ao brincar, usa objetos para suprir uma ausência, por exemplo, a boneca é o amigo, a tampa de uma caixa vira o quadro-negro, o espaço da cama vira a escola etc.

Ao escrever, desenhar e pintar, as crianças usam elementos de seu Inconsciente, sinalizando representações que elaboraram ou que tentam elaborar sobre a vida. Por exemplo, no texto verbal, ela escreve: “Também a gente brincava de casinha... eu era ... e o pai a gente inventava”. Nas entrelinhas, encontramos indícios de autoria, singularidades do Inconsciente, dos traços que vão constituindo a subjetividade do sujeito. Esse fato de “e o pai a gente inventava” diz muito da solução encontrada pelas crianças.

O próximo texto analisado é de um aluno que, no dia 25 de agosto de 2016, foi a um passeio no Grupo de Radiopatrulha Aérea/PM-GO (GRAer). A visita neste local se deu no Dia do Soldado. Lá os alunos tiveram informações sobre o trabalho dos soldados, por meio de demonstrações, apresentação de vídeos com informações sobre acidentes, primeiros socorros, armas etc. O texto foi publicado na editoria Fala leitor, um espaço para sugestões, opiniões e críticas. Neste espaço, os alunos tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões em relação à visita. Este texto foi publicado no jornal impresso.



-O GRAer foi muito legal porque eles explicaram tudo bem direitinho e mostraram os equipamentos que eles usam. O GRAer mostrou um vídeo sobre o treinamento que demora 3 meses. Foi no dia 25 de agosto, Dia do Soldado e teve uma apresentação com um voo de helicóptero com dois homens descendo. Eu senti muita emoção na hora. *-Kawan Alves Costa*

Figura 14. Produção de texto do aluno, baseado no passeio no Dia do Soldado.

Como se observa, o texto descreve o passeio e os sentimentos evocados por essa visita, destacando o momento de maior emoção da criança, “um voo de helicóptero com dois

homens descendo”. Observa-se a espontaneidade dela ao se referir ao passeio, no início já dizendo “O GRAer foi muito legal” e o seu final “Eu senti muita emoção na hora”. Embora não tenha seguido o padrão costumeiro de um relato, o texto apresentou características condizentes com esse gênero.

Muitas vezes, os gêneros são trabalhados em sala de aula com um enfoque instrumentalizante, sem a devida compreensão de que ele, numa situação de comunicação, vem *a posteriori* (BECSKEHAZY, 2017). Ou seja, na maioria das vezes, enfatiza-se a estrutura do texto e poucas vezes se valoriza esse tipo de autoria. É preciso perceber que não é somente a estrutura, há algo a mais no texto que é preciso ser reconhecido.

Muitos professores, ao solicitarem dos alunos uma produção textual, o fazem no sentido de correção, limitam-se a corrigir erros ortográficos, se a estrutura do texto está correta etc. A proposta do *Folhinha* é para ir além das correções da norma padrão da Língua Portuguesa, é reconhecer a escrita com elementos de autoria e suas subjetividades.

Quem escreve um texto está submetido a uma cadeia associativa, em que um elemento convoca outro por diferentes pontos, por uma aproximação fonológica, por uma sintaxe etc. As leis de funcionamento da linguagem precedem o sujeito e é no jogo que um sujeito pode apreender sua gramática. Ou seja, o aluno, ao construir um texto, usa palavras que convocam seus sentimentos e suas sensações. Ele expressa em seu texto autoral suas reações e, ao ler o relato, nós percebemos isto por meio das palavras que escolheu, demonstrando mais uma vez uma subjetividade.

É tão perceptivo que, no início do seu relato, já expôs primeiramente sua opinião “O GRAer foi muito legal porque eles explicaram tudo bem direitinho” e, no final do texto, expressou suas reações ao passeio “Eu senti muita emoção na hora”.

O excesso de conteúdos observado na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), conforme Becskehazy (2017), limita a produção linguístico-discursiva do aluno, pois, a fim de cumprir a meta curricular, o professor não tem muito tempo para promover atividades de escrita como essas do *Folhinha*, nas quais o aluno escreve conforme o que elabora, não ficando submetido exclusivamente aos padrões, pois o que apresenta é valorizado sempre. Ainda que não esteja de acordo com as normas de textualidade pertinentes à gramática padrão, o texto expressa uma autoria, as combinações que comparecem expressam opiniões, dúvidas, etc.

Lidar com as regras gramaticais da língua é objetivo também a ser perseguido, no entanto, a leitura e a escrita devem propiciar mais que a sua apreensão, deve promover uma

autoria, não subjugando ninguém por não ter uma familiaridade com elas. Até porque os sujeitos estão em constante busca de conhecimentos. Até nós, adultos, nos atrapalhamos no momento da escrita. O texto acima não apresenta parágrafos, a pontuação está confusa, mas a falta de elementos da gramática da língua não compromete a manifestação do(s) sentido(s) que esse passeio proporcionou ao aluno.

Ele conseguiu, em nossa opinião, expressar o efeito da experiência que teve e a escolha de elementos constitutivos de um relato foi comparecendo à medida que um elemento convocou outro. Ao escrever, contando a visita que fez aos leitores do jornalzinho, à sua maneira singular, a escrita do aluno de certa forma imprime um tom “afetivo” no texto, possibilitando o relato. São textos como esse que encontramos no *Folhinha*, todos eles de certa forma anunciam, como diz Lacan, “uma coisinha do sujeito” (ROCHA, 2011a, p. 43).

O mesmo aconteceu no próximo texto do *Folhinha Aplicada*. Trata-se de um bilhete, escrito em função da comemoração em agosto do Dia dos Pais. Vejamos:

Você é muito legal, mas as vezes
você é chato. Eu queria que você
ligasse mais pra mim e parasse de
brigar. Rafael Blanco Tavares, 2º ano B.

Figura 15. Produção de texto do aluno para o dia dos pais.

Em meio a outros bilhetes que reforçavam uma representação idealizada dos pais, encontramos esse que, bem à vontade, tentava lidar com as contradições da função paterna (“você é muito legal, mas as vezes você é chato”) e evocava demanda (“eu queria que você ligasse mais pra mim”). Observar se essas questões são “verdadeiras” ou “falsas” não nos diz respeito neste trabalho, mas sinaliza um papel da escrita no exercício de autoria, função que o *Folhinha Aplicada* vem tentando construir paulatinamente.

Em uma data comemorativa como a do Dia dos Pais, em que o comércio difunde o discurso de um dia para celebrar a paz, o amor, dar presentes e dizer/escrever coisas carinhosas para a figura paterna, o bilhete permite o efeito de sentido que problematiza tal ideia. Quem leu os bilhetes deve ter ficado surpreso com ele, pois de certo modo suspendeu

um discurso totalitário e que exclui contradições. Ou seja, a criança foi contra a proposta de escrever um bilhete homenageando o seu pai, pelo dia e mês de comemoração. Na produção de texto, o aluno teve a oportunidade de expor o seu sentimento referente ao seu pai, suas reações e observações feitas com o convívio entre eles.

Elementos do Inconsciente aparecem no texto, a relação não muito positiva com o pai, como explica Freud, um sentimento contraditório sendo apresentado e que nem sempre se discute sobre essas relações. Era essa a intenção do menino? A repetição do pronome “você” parece favorecer esse entendimento ou seria falta de conhecimento sobre as manobras linguístico-discursivas? O “você” parece mais indicar uma demanda do que propriamente a falta de compreensão sobre o funcionamento linguístico, e parece indicar, conforme os pressupostos teóricos que embasam este trabalho, expressão de autoria, representações Inconscientes, a despeito do sujeito. Como adverte Lacan (1998a, p. 440), “o inconsciente é esse discurso do Outro em que o sujeito recebe, sob a forma invertida que convém à promessa, sua própria mensagem esquecida”.

Sobre as especificidades que o ato de escrever convoca, Riolfi (2008, p. 120) diz que “cada um traz complexidades próprias ligadas aos objetivos de seus usos. No processo de produção escrita, dispomos de recursos externos, como caderno, caneta e computador. O corpo aparece não mais de forma direta, mas indireta”.

O último texto a ser analisado é uma resenha de um filme. Lembra daquela discussão que fizemos anteriormente sobre instrumentalização da língua na questão de o professor trabalhar somente a estrutura do texto? Pois bem, a seguir o texto:

DICAS DE FILME

O filme "Zootopia : Essa cidade é o bicho", direção de Byron Howard, Richard Moore, foi lançado em 17 de março de 2016, no último dia 05 de fevereiro, a animação já havia vencido seus prêmios no Annie Awards, o Oscar da animação.

A animação conta a história da Judy Hopps que é uma pequena coelha de uma fazenda isolada, filha de agricultores que plantam cenouras há décadas. Mas ela tem sonhos maiores: pretende se mudar para a cidade grande, zootopia, onde todos os animais vivem em harmonia, na intenção de se tornar a primeira coelha policial. Judy enfrenta o preconceito e as manipulações dos outros animais, mas quem te ajuda é a raposa Nick Wilde, conhecida por suas malícias e suas infrações. A dupla está dedicada a busca dos outros animais desaparecidos, descobrindo uma conspiração que afeta a cidade toda.

Indico o filme porque é muito bom, podemos aprender mais sobre o preconceito, podemos também ajudar os outros para melhorar as coisas e fazer novas descobertas que ainda não sabemos e não aprendemos.

Dica feita por: Amaralina Gomes Fernandes



Figura 16. Produção de texto – resenha de filme – produzida pela aluna.

Primeiramente, a aluna inicia o texto escrevendo as informações técnicas do filme. No parágrafo seguinte, ela continua o texto explicando um pouco do que se passa no enredo. Depois ela emite sua opinião, indica o filme e diz ter aprendido mais sobre o preconceito, finalizando que, ao ver o filme, podemos descobrir algo que “não sabemos e não aprendemos”. Aqui nesta frase parece abordar a questão da igualdade de gênero. Quis evidenciar que esta temática é ampla e que precisa ser discutida? Difícil ter essa certeza, mas parece indicar a importância de discutir a relação homem e mulher na sociedade atual, temática que está bem presente nos noticiários e problematizações nas redes sociais, livros infantis inclusive.

Ao escrever, o sujeito coloca ali suas marcas, o que o afetou e assim relaciona suas experiências. É preciso instigar uma elaboração e, como diz Rodari (1982), as palavras provocam em nós uma infinita série de reações em cadeia, recordações, significados, toca a experiência, a memória. A mente não é passiva, ao escrever, relacionamos palavras, censuramos outras, construímos e desconstruímos outras. Combinamos frases para produzir significações, isso é experienciar.

Mesmo sendo um gênero textual mais elaborado, encontramos indícios de subjetividade. A aluna, ao ver o filme, relaciona o preconceito do gênero feminino no espaço social quando uma coelha tenta ser a primeira policial, um trabalho determinantemente masculino. Aqui encontramos elementos que a aluna quis trazer em relação à igualdade de gênero, demonstrada em seu último parágrafo onde expõe sua opinião.

Observamos um texto com maior inserção à gramática da língua escrita, embora com algumas inadequações, mas também com autoria. De alguma forma, ela relacionou o filme com a temática preconceito, que poderia ter visto nas aulas sobre esta questão, bem como em sua convivência social, leituras, discussões etc. Podemos viver o mesmo espaço social, ter as mesmas referências de mundo, porém cada um elaborará suas percepções e opiniões conforme o que o afeta, pois cada um é afetado aspectos diferentemente do outro.

Agora vamos para a análise de dois desenhos publicados no jornal impresso.



Figura 17. Desenhos publicados no *Folhinha Aplicada* impresso na editoria *Desenhos no Folhinha*.

O exercício de autoria também aparece em desenhos. Na primeira ilustração, o aluno, por sua iniciativa, tem o desejo de desenhar para publicar no *Folhinha Aplicada*. Este desenho foi entregue para os responsáveis do jornal. Assim como no segundo desenho, os alunos fizeram suas ilustrações por vontade própria, ou seja, não foi solicitado pelo professor em um trabalho de disciplina. Percebemos que esta manifestação própria em mandar seus trabalhos para publicação tem muito a ver com o reconhecimento que o jornalzinho traz, onde várias pessoas podem ver e apreciar seus gostos, vontades, desejos etc. Cabe aqui ressaltar que o *Folhinha* vai além de publicações de trabalhos realizados em sala de aula. O leitor pode ficar à vontade para enviar o que quiser, embora até o momento nunca recebeu nada que não fosse possível publicar.

No primeiro desenho, o aluno ilustra o Naruto, um personagem de uma série de mangá (história em quadrinhos feita no estilo japonês), escrita e ilustrada por Masashi Kishimoto. Posteriormente, o mangá foi adaptado por uma série de animes (animação produzida por estúdios japoneses) com vários episódios vendendo milhões de cópias em vários países. Qual foi o desejo desse aluno ao querer desenhar este personagem para publicação? Longo (2006) explica que a constituição do sujeito vem por meio da linguagem que vem de fora, das coisas que já estão no mundo, apreendidas a partir do real, das experiências que o indivíduo tem no meio social.

Como muitos de seus amigos, ele está imerso nas produções animes e o de que

parece mais gostar são as séries do Naruto. O mesmo acontece com o segundo desenho, A Mulher-Raio. Por estar imersa em desenhos de super-heróis, a criança ilustra uma personagem do gênero feminino com poderes especiais. Não encontramos em desenhos, filmes ou gibis esta personagem. Acreditamos que a criança, ao desenhar, cria sua própria personagem, incluindo elementos apreendidos dos super-heróis divulgados nas animações, filmes etc. Ela cria o nome da personagem e muitos dos leitores interpretarão esse personagem à semelhança dos que veem. Assim como os outros heróis, o seu usa máscara, uma tiara, uma capa, uma logo estampada na camiseta que o identifica.

Ao abrir várias possibilidades de participação no *Folhinha Aplicada*, o projeto entende que a subjetividade de cada um será considerada, pois é em função de uma autoria, daquilo que o afeta que o aluno vai produzir. Alguns se sentirão convocados a desenhar, outros a compor poemas e outros a contar histórias. O importante é ampliar o acesso a essa possibilidade e elaboração com os vários dispositivos que estão disponibilizados.

Acreditamos que o *site* promove essa inserção de exercício de autoria, permite o diálogo com os leitores e, como desde o início se coloca como um veículo em construção, está aberto para acompanhar os alunos e as escolas, ajudando-os a contribuir com uma formação que privilegie o sujeito, tal como é constituído, com as vicissitudes que marcam sua existência.

4.2. Acessibilidade e interatividade do site *Folhinha Aplicada* em números

Após concluir a construção do *site*, foi iniciada sua divulgação no dia 16 de novembro de 2017. Para averiguar sua acessibilidade e interatividade, analisaremos um período de dois meses (até 16 de janeiro de 2018), a primeira edição *on-line*. Para termos esses dados, cadastramos o *site Folhinha Aplicada* no *Google Analytics*, que é oferecido gratuitamente pelo *Google*. Assim, recebemos estatísticas de visitação, localização geográfica dos visitantes, como chegou à página, que ferramentas os usuários acessaram etc.

Durante este período, tivemos acessos em alguns países: Brasil, Estados Unidos, Rússia, Espanha e França. Isto se deu devido à divulgação por meio das redes sociais, ultrapassando os limites dos muros da escola. Com isto, podemos então ter a hipótese de que o *Folhinha* pode ser lido em qualquer lugar do mundo, bem como receber produções de crianças diversas.



Figura 18. Países onde foi acessado o site *Folhinha Aplicada*.

No Brasil, tivemos acessos nos seguintes estados: Goiás (com número maior de usuários acessados), Distrito Federal, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Minas Gerais, Pará, Paraná, Mato Grosso e Tocantins, totalizando 207 acessos.

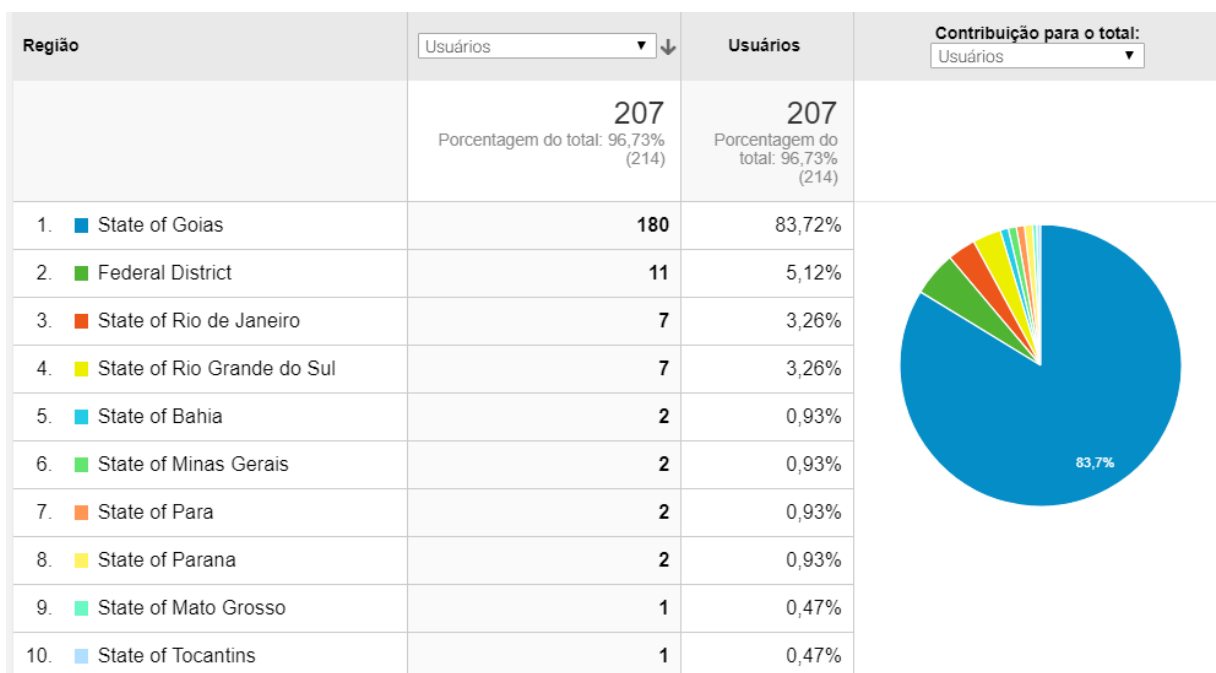


Figura 19. Gráfico dos lugares acessados em alguns estados brasileiros.

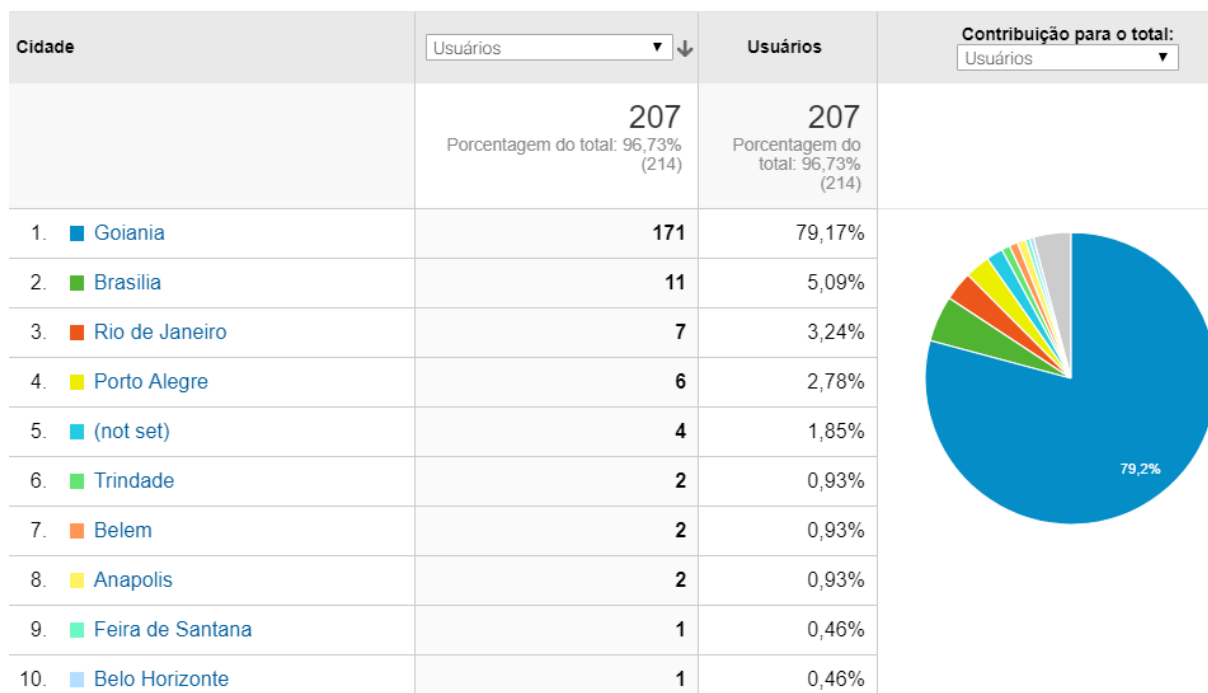


Figura 20. Gráfico dos lugares acessados em algumas cidades brasileiras.

Nos Estados Unidos, tivemos três acessos: São Francisco (Califórnia), Buckingham (Flórida) e Mayville (Nova Iorque). Na Rússia, tivemos dois acessos em Samara Oblast, na Espanha um acesso na cidade de Valência e também na França em Ilde-de-France. Totalizando o número de acessos, foram de 214 usuários, dos quais 76,2% são novos visitantes e 23,8% são usuários que retornaram ao *site*.

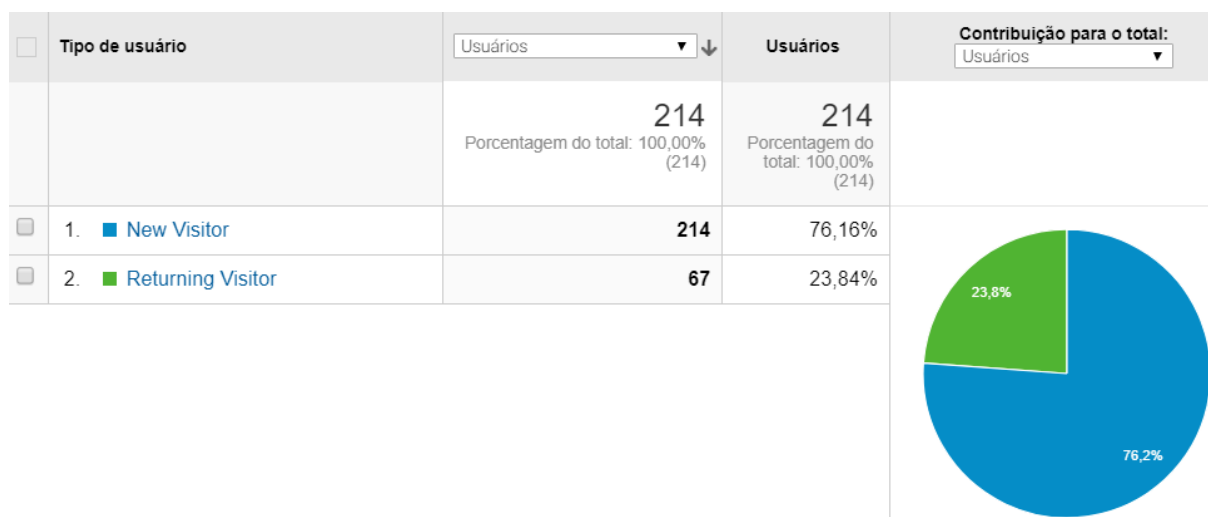


Figura 21. Gráfico de novos visitantes e de retorno ao site *Folhinha Aplicada*.

Esses usuários, no caso, são os números de dispositivos que foram acessados. As

peças usaram celular, computador de mesa e *tablet* para visitar o *Folhinha Aplicada*, ou seja, não se trata do número de pessoas. Como afirmei anteriormente, o jornalzinho foi apresentado para várias turmas das escolas do Cepae/UFG e Escola Municipal Nossa Senhora da Terra. Exemplo: se um dispositivo foi acessado (*notebook*), ele será contado como usuário. Se ele foi acessado na sala de aula para que os alunos leiam o jornal através do *datashow*, como fiz na escola onde trabalho, imagina-se que haja uma média de 25 a 30 alunos por sala. Neste caso, em um dispositivo, houve várias pessoas visualizando o jornal. Com este trabalho, podemos afirmar que houve mais de 600 pessoas lendo o periódico *on-line*. Houve mais acessos nos dispositivos móveis (celular), com 52,8%, em seguida o computador/*notebook* (*desktop*), com 45,33%, e por fim o *tablet*, com 1,87%.

Percebemos através desta análise que os usuários estão acessando a internet mais nos celulares. Talvez seja a comodidade que o dispositivo traz e de tê-lo sempre em mãos, podendo acessar em qualquer lugar, diferentemente dos computadores e *notebooks*, que precisam de um espaço para acessar, bem como internet disponível, além de não ter a mobilidade que um celular tem.

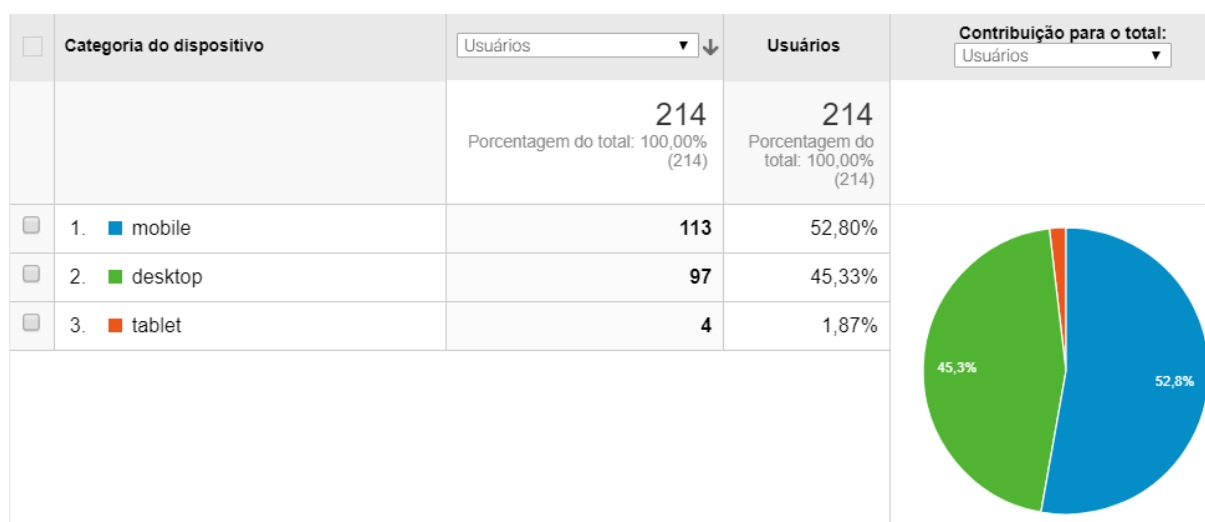


Figura 22. Gráfico dos dispositivos mais utilizados pelos usuários ao acessar o site *Folhinha Aplicada*.

Abaixo, mostram-se os principais dispositivos móveis acessados. Os 56,4% apresentados no gráfico de cor cinza remetem a outros modelos, porém com um acesso cada. Somando, foi um total de 60 dispositivos móveis.

<input type="checkbox"/>	Informações sobre dispositivo móvel	Usuários	Usuários	Contribuição para o total: Usuários
		117 Porcentagem do total: 54,67% (214)	117 Porcentagem do total: 54,67% (214)	
<input type="checkbox"/>	1. (not set)	15	12,82%	
<input type="checkbox"/>	2. Apple iPhone	7	5,98%	
<input type="checkbox"/>	3. LG F670S K10	5	4,27%	
<input type="checkbox"/>	4. LG LG-M250 K10 2017	4	3,42%	
<input type="checkbox"/>	5. Motorola Moto G Play Moto G4 Play	4	3,42%	
<input type="checkbox"/>	6. Motorola MotoG3	4	3,42%	
<input type="checkbox"/>	7. Lenovo A6020136 Vibe K5	3	2,56%	
<input type="checkbox"/>	8. Motorola Moto G (4) Moto G4	3	2,56%	
<input type="checkbox"/>	9. Motorola XT1033 Moto G	3	2,56%	
<input type="checkbox"/>	10. Motorola XT1069 Moto G (2nd Gen)	3	2,56%	
<input type="checkbox"/>	11. Samsung SM-J120F Galaxy J1 2016	3	2,56%	
<input type="checkbox"/>	12. Samsung SM-J320F Galaxy J3	3	2,56%	
<input type="checkbox"/>	13. Samsung SM-J500M Galaxy J5	3	2,56%	
<input type="checkbox"/>	14. Samsung SM-J700M Galaxy J7 2015	3	2,56%	
<input type="checkbox"/>	15. Lenovo K33b36 Vibe K6	2	1,71%	
<input type="checkbox"/>	16. LG X240 K8	2	1,71%	
<input type="checkbox"/>	17. Samsung SM-G531H Galaxy Grand Prime	2	1,71%	
<input type="checkbox"/>	18. Samsung SM-G570M J5 Prime	2	1,71%	
<input type="checkbox"/>	19. Samsung SM-G610M J7 Prime	2	1,71%	
<input type="checkbox"/>	20. Samsung SM-G900MD Galaxy S5 Duos	2	1,71%	
<input type="checkbox"/>	21. Samsung SM-G955F Galaxy S8+	2	1,71%	
<input type="checkbox"/>	22. Samsung SM-J710MN Galaxy J7 (2016)	2	1,71%	
<input type="checkbox"/>	23. Apple iPhone 6s	1	0,85%	
<input type="checkbox"/>	24. Asus ASUS_Z00AD ZenFone 2	1	0,85%	
<input type="checkbox"/>	25. Asus Z017DC Zenfone 3 ZE520KL	1	0,85%	

<input type="checkbox"/>	26. ■ Asus ZE551ML ZenFone 2	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	27. ■ Feiteng GT-i9300	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	28. ■ Lenovo A7010a48 Vibe K4 Note	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	29. ■ LG D385 L80	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	30. ■ LG H222 Joy	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	31. ■ LG K130 K4	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	32. ■ LG K350 K8	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	33. ■ Motorola XT1025 Moto E	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	34. ■ Motorola XT1068 Moto G (2nd Gen)	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	35. ■ Multilaser MS45S	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	36. ■ Nokia Lumia 635	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	37. ■ Nokia Lumia 820	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	38. ■ Samsung GT-I8552B Galaxy Grand Quattro	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	39. ■ Samsung GT-I9063T Galaxy Grand Neo	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	40. ■ Samsung GT-I9100 Galaxy S II	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	41. ■ Samsung GT-P3100 Galaxy Tab 2 7.0	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	42. ■ Samsung GT-S5312B Galaxy Pocket Neo	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	43. ■ Samsung GT-S6293T Galaxy Young Duos	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	44. ■ Samsung SM-G360BT Galaxy Core Prime	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	45. ■ Samsung SM-G530BT Galaxy Grand Prime	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	46. ■ Samsung SM-G531H Galaxy Grand Prime Value Edition	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	47. ■ Samsung SM-G531M Galaxy Grand Prime	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	48. ■ Samsung SM-G532MT Galaxy J2 Prime	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	49. ■ Samsung SM-G900T1 Galaxy S5	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	50. ■ Samsung SM-G920I Galaxy S6	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	51. ■ Samsung SM-G930F Galaxy S7	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	52. ■ Samsung SM-G935F Galaxy S7 Edge	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	53. ■ Samsung SM-G950F Galaxy S8	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	54. ■ Samsung SM-J120H Galaxy J1 2016	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	55. ■ Samsung SM-T113NU Galaxy Tab 3 Lite	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	56. ■ Samsung SM-T310 Galaxy Tab 3 R0	1	0,85%

<input type="checkbox"/>	57. ■ Samsung SM-T560 Galaxy Tab E	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	58. ■ Sony D2303 Xperia M2	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	59. ■ Sony E2363 Xperia M4 Aqua Dual	1	0,85%
<input type="checkbox"/>	60. ■ Xiaomi Mi Note 2	1	0,85%

Figura 23. Demonstração dos principais dispositivos móveis por meio dos quais os usuários acessaram o *site*.

Para finalizar, percebemos que o produto educacional que propusemos poderá potencializar o exercício de autoria, convidando mais crianças a participar, e comprovamos isso com os dados que obtivemos durante as análises de acesso ao *site*. As crianças leram, escreveram, alunos de outras escolas enviaram trabalhos, o jornal saiu das quatro paredes da escola, ultrapassando os limites continentais e, com isso percebemos a potencialidade desse *site*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos considerar a linguagem meramente como uma ferramenta, um instrumento qualquer. Ela nos constitui desde antes de nascermos, quando somos idealizados por nossos pais, quando ganhamos nome e somos inseridos na cultura. Como lembra Dolto (2006, p. 87), “o humano não é redutível a seus vínculos biológicos. É na cultura e na linguagem que as relações se tornam estruturantes”.

A escola é mais um dos espaços privilegiados para convocar esse trabalho no e com o campo simbólico, e o professor comprometido com essa ideia deve reconhecer esse papel e procurar meios de explorar suas diversas manifestações. Os alunos poderão ser convocados a expor suas argumentações, suas visões de mundo (por mais novos que eles sejam), a elaborar o que vivem, apontar outros modos de percepção do mundo. Assim, estarão se posicionando e colaborando para construir uma sociedade democrática.

Infelizmente, as políticas nacionais de educação assumidas pelo governo não têm essa preocupação, e isto vem sendo construído historicamente, ao privilegiar uma dimensão curricular cujo foco não é o aluno e/ou sua formação. Apesar dos protestos, ainda insiste em sistemas avaliativos que mais excluem do que inserem os sujeitos. Assim, é preciso propor projetos alternativos a essa situação. Acreditamos que o *site Folhinha Aplicada* pode ser um espaço de resistência ao projeto em curso do Ministério da Educação e Cultura.

O aluno, ao se posicionar como produtor de textos, em suas mais variadas formas, verbais e não verbais, pode não só ser reconhecido como tal, portador de elaborações, mas também apontar possibilidades de percepção de si, do outro e também do mundo. Instigar uma autoria, é esse o objetivo principal do *Folhinha Aplicada*. Como já dizia Rodari (1982), o sujeito não é passivo, mas intervém constantemente, seja para aceitar, rejeitar, relacionar, concordar, discordar, construir e destruir.

As marcas deixadas pela linguagem que o sujeito carrega consigo, marcas do passado que se entrelaçam com as do presente, constituem o nosso “Inconsciente”, e se manifestam não apenas em nosso meio familiar, mas também na escola, em nossas produções. Negar essa “autoria” que acompanha o humano é negar o efeito sujeito.

Todas as informações adquiridas por meio da linguagem constituem o Inconsciente, conforme a psicanálise. Mas como o Inconsciente se manifesta em uma escrita autoral de uma pessoa? Na exposição de ideias, gestos, sonhos, chistes, desenhos, pinturas, escritos etc. Quando permitimos a um aluno expor sua subjetividade, sem inibi-lo com

padrões e modelos, estamos promovendo o exercício de uma autoria.

Por isso, é muito importante que, nas aulas, as crianças possam discutir, ler, discordar, opinar, relembrar fatos etc. Para que elas tenham elementos suficientes para a escrita, é preciso, por meio da fala ou por outro meio de linguagem, acessar os resíduos de sua memória, acessar elementos, promover associações. Quanto mais elementos acessados, mais condições terão para produzir suas leituras, suas escritas, seus desenhos, sua autoria.

É esse exercício que o *Folhinha Aplicada* persegue ao publicar o que as crianças escrevem, respeitando o que elaboraram, mesmo que apresentem contradições, lapsos, equívocos. Como diz Rocha (2011a, p. 33), o Inconsciente “comparece em todos os atos empreendidos pelo sujeito”. Não temos o controle total.

No momento da escrita, a criança pode esquecer palavras, pontuações, o início da história pode não ter nexos com o meio e/ou final, devido ao fluxo de associações. Saussure explica esta questão a partir da linearidade, apontando-a como um dos aspectos funcionais da língua. Essa lógica, muitas vezes, não consegue ser seguida, pois as associações vêm dinamicamente. Isso acontece tanto com a criança quanto com um adulto.

Sobre isto, não devemos descartar as relações sintagmáticas e associativas que há na linearidade. Saussure (2006) explica que, enquanto a primeira faz combinações para gerar sentido, a segunda faz associações na memória, formando vários grupos no pensamento que fazem relações diversas. Por isso, o papel importantíssimo do professor para auxiliar o aluno em suas produções, instigando-o a perceber essas questões de emaranhamento que permeiam o seu texto autoral, ou seja, complementar informações, acrescentar outras, rever algumas, sem com isso desvalorizar o que o aluno está produzindo.

Quando também se escreve para um leitor específico, por exemplo, para o público do *Folhinha Aplicada*, essas questões também compõem e motivam o aluno a procurar formas de resolver. Longo (2006) explica que, para o nosso pensamento ser conhecido, é necessário restringir pela linearidade o que não é natural do pensar. Por isso, os tropeços na fala e na escrita.

O fato de muitas escolas trabalharem com a Língua Portuguesa enfatizando um caráter instrumental nas aulas de leitura e produção de textos limita o exercício da reflexão e acaba por não fazer com que os alunos sejam protagonistas de sua experiência com o saber. Muitos livros didáticos ainda reforçam isso, pois são elaborados em razão das prescrições curriculares oficiais que, como mencionamos antes, parecem ter indicadores de pouco interesse em colaborar com a formação humana do aluno.

O governo está investindo em grande escala em livros, por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), e em cursos de formação voltados para essa instrumentalização. Como analisa Rocha (2011b), essas iniciativas apenas cumprem a função de mascarar a desqualificação do ensino público, incentivando a expansão do ensino particular, num viés mercadológico, ou seja, parece utilizar o ensino como forma de profissionalizar pessoas para o mercado de trabalho e expandir negócios.

Durante a divulgação do *site* para professores de outras escolas, recebemos publicações de duas instituições escolares. Uma escola foi da cidade de Goiânia (Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira) e a outra foi de uma instituição particular da cidade de Aparecida de Goiânia (Colégio Expressão Jr.). Constatamos que o *Folhinha Aplicada* tem condições para ampliar seu alcance, congregando diferentes instituições, cabe à equipe realizadora promover sua divulgação para que mais escolas possam participar.

Recebemos textos e desenhos dos alunos que muitas vezes não se encaixaram em nenhuma das editorias propostas para o *Folhinha*. Foi preciso elaborar outras para que o texto fosse publicado. Isto também mostra que as produções dos alunos não ficam presas a um modelo editorial, não são moldados a um tipo de escrita de gênero textual etc. Eles podem escrever à vontade sem se preocuparem em qual editoria deve escrever, tornando-os co-participantes de elaboração das categorias do *site*.

Os alunos, ao escreverem para o *site*, expressam opiniões e observamos que se sentem reconhecidos ao verem seus trabalhos publicados. Sobre essa questão de reconhecimento, vale lembrar que o aluno se põe no lugar de autor quando escreve sobre o vivido, e assim, como diz Riolfi (2008), o aluno

passa a ser o objeto de reflexão, dando àquele que escreve a responsabilidade por seu dizer. Obviamente, os limites das experiências vividas carecem ser ultrapassados, pois eles precisam ser simbolizados a ponto de se transformarem em categorias que possibilitem ao sujeito compreender e promover deslocamentos na linguagem e na sua posição no mundo em que está inserido. (p. 124).

Outro ponto interessante é que os próprios alunos apontaram a importância do *Folhinha*, eles disseram:



Eu gosto muito do Jornal Folhinha Aplicada porque tem muitas leituras, desenhos e também brincadeiras de adivinhação. Eu me divirto muito lendo.

Júlia Pinheiro Paniago - Turma DI Esc. Mun. Nossa Senhora da Terra
Goiânia, Goiás



Eu gosto muito porque pode escrever várias coisas importantes e também ensina muitas pessoas que tem dificuldade em ler. Aprender a ler e escrever. Eu gosto muito mesmo.

Dhully Gabrieli Marques Dias - Turma DI Esc. Mun. Nossa Senhora da Terra
Goiânia, Goiás

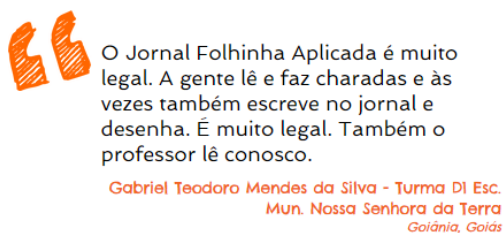


Figura 24. Opiniões dos alunos sobre o *Folhinha Aplicada*.

Conforme opinaram, é pela linguagem que o sujeito se constitui e, para isto, é necessário relacionar “o *eu* diante de um *tu*, falando de um terceiro elemento, *ele* (pessoa ou assunto)” (LONGO, 2006, p. 52). Este trabalho, com o recorte de estudo que diz respeito à linguagem e à autoria nos anos iniciais, ainda é novo na área de ensino. Espero que esta proposta da concepção do *site Folhinha Aplicada*, tendo como base conceitual referenciais da psicanálise e das tecnologias digitais, possa influenciar positivamente outras experiências de ensino na educação básica.

6. BIBLIOGRAFIA

ALCÂNTARA, Regina Godinho; STIEG, Vanildo. “O que quer” a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Brasil: o componente curricular língua portuguesa em questão. *In: Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf*. Vitória, ES, v. 1, n. 3, p. 119-141, jan./jul. 2016.

BARBOSA, Leonarley Rodrigo Silva; CARVALHO, Maria Alice de Sousa; COSTA, Sônia Santana da; MOTA, Telma Maria Santos Faria; SOUZA, Andrea Alves da Silva. *Jornal na escola: um exercício para pensar o mundo. In: Veredas Escolares: partilhando experiências criativas de ensino e aprendizagem do Cepae/UFG – 1ª ed.* Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.

BECSKEHAZY, Ilona. **Análise crítica da 3ª versão da BNCC – Língua Portuguesa no ensino fundamental**, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

DOLTO, Françoise; HAMAD, Nazir. **Destinos de crianças**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FARIA, K. Tem jornal na escola também. *In: O Popular*. Goiânia, março, 2013, O Almanaque, p. 4-5.

FREUD, Sigmund. **O eu e o ID, “Autobiografia” e outros textos (1923 – 1925)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. A domesticação dos agentes educativos: há alguma luz no fim do túnel. *In: Inter-Ação. Revista da Faculdade de Educação, UFG*, v. 37, n. 1, p. 37-50, jan./jun. 2012 – Goiânia – FE/UFG.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação, educação e novas tecnologias; tríade do século XXI. *In: Revista Comunicação & Educação. Revista do Departamento de Comunicação e Artes da Eca/USP*, n. 23, p. 57-70, ano VII, jan./abr. 2002 – São Paulo, Salesiana, 2002.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **Base Nacional Comum Curricular: comentários críticos**. *In: Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf*. Vitória-ES - v. 1, n. 2, p. 174-190, jul./dez. 2015.

IBICT, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. **Sobre o ISSN**. Disponível em: < <http://www.ibict.br/informacao-para-ciencia-tecnologia-e-inovacao%20centro-brasileiro-do-issn>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

KENSKI, Vani Moreira. Aprendizagem mediada pela tecnologia. *In: Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 4, n. 10, p. 47-56, set./dez. 2003.

LACAN, Jaques. A instância da letra no Inconsciente ou a razão desde de Freud. *In: Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

_____, Jacques. Metáfora e Metonímia. *In: O Seminário: livro 3 as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de Wanderley Geraldi. *In: Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./abr., 2002.

LENZA, Aroldo Júnior. A informática educativa e o cotidiano dos laboratórios de informática. *In: Os laboratórios de informática e os softwares educativos*. – Goiânia, 2009: FE-UFG, 2009. Dissertação de Mestrado em Educação.

LONGO, Leila. **Linguagem e psicanálise**. Coleção passo-a-passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MENDONÇA, Alzino Furtado de. **Docência online: comunicação mediada por computadores em rede na prática docente**. – Goiânia, 2009: FE-UFG, 2009. Tese de Doutorado em Educação.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Manuais para ensinar a ensinar leitura e escrita (1940 – 1950) na história da alfabetização no Brasil. *In: História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático*/Maria do Rosário Longo Mortatti, Isabel Cristina Alves da Silva Frade; Roger Chartier... [et al.]. – São Paulo: Unesp; Marília: Oficina Universitária, 2014. p. 200-221.

NASCIMENTO, Neuvani Ana. **As mídias digitais como instrumentos culturais no desenvolvimento infantil**. – Goiânia, 2014: PUC-Goiás, 2014. Dissertação de Mestrado em Educação.

OLIVEIRA, Eva Aparecida. A técnica, a techné e a tecnologia. *In: Itinerarius Reflectionis: Revista Eletrônica da Pós-Graduação em Educação/UFG – Regional Jataí*. Jataí-GO – v. II, n, 5 p. 01-13, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/20417/19175>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

PERINI, Mário. **Ensino da gramática deve abandonar dogmas e respeitar o português falado**. UFMG, 2010. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/015374.shtml>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

RIOLFI, Claudia et al. **Ensino de Língua Portuguesa**. Coleção Ideias em Ação. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

ROCHA, Maria Alice de Sousa Carvalho. **Escrita, repetição e elaboração** [manuscrito]. – Goiânia, 2011: FE-UFG, 2011a. Tese de Doutorado em Educação.

_____. Ações avaliativas oficiais: para que avaliar? *In: Revista Polyphonia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Cepae/UFG*, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 235-245, jan./jun. 2011b.

RODARI, Giani. **Gramática da Fantasia**. Tradução de Antonio Negrini; direção da coleção de Fanny Abramovich. São Paulo: Summus, 1982.

RODRIGUES, Cleide Aparecida Carvalho. Crianças e adolescentes e a cultura digital: caminhos e descaminhos. *In: Formação: um desafio cultural*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

_____; TEIXEIRA, Ricardo Antônio Gonçalves. Tecnologias em processos de inclusão. *In: Inter-Ação. Revista da Faculdade de Educação da UFG*, v. 31, n. 2, p. 261-273, jul./dez. 2006. Goiânia: Editora UFG, 2006.

SAUSSURE, Ferninand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Ananias Agostinho da; SILVA, Francisco Vieira da. Posicionamento de docentes de Língua Portuguesa acerca do ensino de gramática no documento da BNCC. *In: Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, v. 3, n. 7, p. 53-64, jan./2017. Mossoró-RN: UERN, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/RECEI/article/view/2318/1242>> Acesso em: 01 ago. 2018.

SOARES, Magda. Alfabetização: o método em questão. *In: Alfabetização: a questão dos métodos*. 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017. p. 15-53.

SOUZA, Agostinho Potenciano. Todas as áreas se dizem pela linguagem: práticas pedagógicas necessárias. *In: Revista Inter-Ação. Revista da Faculdade de Educação da UFG*, Goiânia, v. 37, n. 1, p. 51-65, jan./jun. 2012.

TOSCHI, Mirza Seabra. Tecnologia e educação: contribuições para o ensino. *In: Revista Série-Estudos – Periódico do Mestrado em Educação da UCDB*, n. 19, p. 35-42, jan./jun. 2005. Campo Grande-MS: UCDB, 2005.

_____. Contribuições das teorias da comunicação para o ensino crítico. *In: Revista Inter-Ação. Revista da Faculdade de Educação da UFG*, v. 19, n. 01/02, p. 89-100, jan./dez. 1995 – Goiânia: Editora UFG, 1995.

TRINDADE, Iole Maria Favieiro. Caminhos e descaminhos investigativos na área da alfabetização. *In: Alfabetização no Brasil: uma história de sua história?* Maria do Rosário Longo Mortatti (org.). – São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011. p. 221-242.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae/UFG). **Projeto de Ensino de Língua Portuguesa: ouvindo, falando, lendo e escrevendo o mundo**. Goiânia: Cepae/UFG, 2011.

_____. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. **Projeto de Extensão: jornalzinho da 1ª fase**. Goiânia: Proec/UFG, 2006.

WIX. Disponível em: <<https://pt.wix.com/>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

7. ANEXOS

ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Seu filho/sua filha está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “JORNAL *FOLHINHA APLICADA ON-LINE*: UM EXERCÍCIO DE AUTORIA”. Meu nome é LEONARLLEY RODRIGO SILVA BARBOSA, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você autorizar seu filho/sua filha a fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação do seu filho/da sua filha, ele/ela não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se autorizar que ele/ela participe, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail (leonarlleYRODRIGO@hotmail.com) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (062) 99272-4855. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu filho/da sua filha como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

Informações Importantes sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem por título “JORNAL *FOLHINHA APLICADA ON-LINE*: UM EXERCÍCIO DE AUTORIA” tem como justificativa elaborar um jornal *on-line* que busca explorar a palavra que é essencial na vida de um sujeito, além da dimensão social da escrita, permite apresentar aos alunos os diversos gêneros textuais que existem na sociedade, exemplo: carta, fábulas, contos, artigo de opinião, resumo, resenha, charges, tirinhas, entre outros. Incentivar reflexões do que acontece a nossa volta e contribuir para que o aluno amplie e entenda as várias formas de comunicar com as pessoas e os vários tipos de textos que podem ser encontrados na sociedade. É convidado a estar no mundo da escrita e da leitura com objetivo de exercer uma autoria, aumentar seu vocabulário, usar corretamente sinais de pontuação, aprender novos significados, interpretar charges, quadros, fotografias, emitirem opiniões, entre outras coisas. Propõe como objetivos: incentivar o exercício de uma autoria; proporcionar reconhecimento às produções de textos da comunidade escolar; contribuir para a

elaboração de novas práticas de ensino de Língua Portuguesa; inserir novas linguagens e ampliar o acesso ao *Folhinha Aplicada*.

Como procedimento de pesquisa será de modo qualitativo, ou seja, voltada para o processo, observação e análise de dados coletados, tende analisar o exercício de autoria dos alunos com o objetivo de comprovar tais questões bem como um estudo de como usar a internet para elaborar uma *homepage* do Jornal *Folhinha Aplicada*. Os materiais coletados dos participantes serão as produções de textos para fins de publicação no *site* do *Folhinha Aplicada* e depois divulgar para a comunidade escolar e interessados. Essas produções são selecionadas pela equipe editorial. Os participantes serão os alunos da Primeira Fase do Ensino Fundamental das seguintes escolas: Cepae/UFG e Escola Municipal Nossa Senhora da Terra com aproximadamente 500 alunos de 6 a 10 anos de idade. A divulgação da *homepage* do jornal será pelas redes sociais como, *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp*, *e-mails* e por meio de comunicados impressos entregues para os alunos. Pretendemos verificar se a *homepage* do *Folhinha Aplicada* foi ampliada, ou seja, analisar a taxa de exibição (localização geográfica do visitante), quais formas que a página chegou para os visitantes (links de outros sites, buscador, direto pelo endereço eletrônico), entre outros bem como os períodos diários, semanais, mensais e anuais. Não serão utilizadas entrevistas, cópias gravadas de conversa e captura de filmagens. As fotografias dos envolvidos podem ser utilizadas para fins de complementar textos como: passeios, atividades feitas em sala, eventos escolares, entre outras coisas.

Os participantes envolvidos não terão riscos físicos, uma vez que serão utilizadas as produções dos alunos realizadas na sala de aula, ou seja, não modificará os conteúdos do plano de ensino das séries envolvidas. Iremos trabalhar o exercício de escrita e autoria dentro dos conteúdos programáticos das instituições escolares. Os possíveis riscos psicossociais e/ou emocionais: o constrangimento pela forma que foi publicado o material no *site* do *Folhinha Aplicada* e/ou pela recepção do público do jornal. Os benefícios acadêmicos e sociais decorrentes a participação do aluno durante a pesquisa será: contribuir na formação dos estudantes na leitura, escrita, exercendo uma autoria, bem como oferecer reconhecimento e valorização das atividades feitas pelos alunos ao ver seu trabalho publicado na *homepage*. Assim como em jornais que circulam na sociedade, é necessário que o nome seja publicado como forma de reconhecimento e identificação da autoria.

Tanto os alunos quanto os responsáveis deles não haverá gastos com a pesquisa realizada. O projeto garante o custeio dos materiais utilizados na pesquisa.

Para assegurar os possíveis riscos da pesquisa o participante terá a garantia expressa de liberdade de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma caso o responsável acredite que haja constrangimentos.

Os resultados do referido trabalho de campo serão tornados públicos em forma de dissertação de mestrado, disponibilizada na forma impresso e *on-line*, sejam eles favoráveis ou não.

O participante possui o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da participação na pesquisa. Toda a pesquisa a ser feita com os dados que foram coletados deverá ser autorizada pelo responsável do (a) aluno (a) e também será submetida novamente para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG). A pesquisa realizada será armazenada no banco de dados por, no mínimo, cinco anos devido à exigência da legislação.

Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, inscrito (a) sob o RG/CPF....., abaixo assinado, concordo em autorizar meu filho/filha a participar do estudo intitulado “JORNAL *FOLHINHA APLICADA ON-LINE: UM EXERCÍCIO DE AUTORIA*”. Informo que sou responsável legal e destaco que a participação nesta pesquisa do meu filho/minha filha é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador responsável Leonarley Rodrigo Silva Barbosa sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a participação do meu filho/minha filha no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

- Permito a identificação do meu filho/da minha filha através do uso de seu nome nos resultados publicados da pesquisa;
- Não permito a identificação do meu filho/da minha filha através do uso de seu nome nos resultados publicados da pesquisa;
- Permito a divulgação da imagem do meu filho/minha filha nos resultados publicados da pesquisa;
- Não permito a publicação da imagem do meu filho/minha filha nos resultados publicados da pesquisa.

Assinatura por extenso do (a) responsável

Assinatura por extenso do (a) pesquisador (a) responsável

Testemunhas em caso de uso da assinatura datiloscópica



ANEXO II – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Você/ Sr./ Sra. está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “JORNAL FOLHINHA *APLICADA ON-LINE*: UM EXERCÍCIO DE AUTORIA”. Meu nome é LEONARLLEY RODRIGO SILVA BARBOSA, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação, você não será penalizado de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail (leonarlleYRODRIGO@hotmail.com) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (062) 99272-4855, ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62) 3521-1215.

Informações Importantes sobre a Pesquisa:

A pesquisa se chama “JORNAL *FOLHINHA APLICADA ON-LINE*: UM EXERCÍCIO DE AUTORIA”, busca explorar a palavra, que é importante na vida de um sujeito, além da dimensão social da escrita, permite apresentar aos alunos os diversos gêneros que existem na sociedade (carta, fábulas, conto, artigo de opinião, resumo, resenha, etc.), incentiva reflexões do que acontece em nossa volta e contribui para que o aluno amplie e entenda as várias formas de comunicar com outras pessoas e os vários tipos de textos que pode ser encontrado na sociedade. É convidado a estar no mundo da escrita e da leitura com objetivo de exercer uma autoria, aumentar seu vocabulário, usar corretamente sinais de pontuação, aprender novos significados, interpretar charges, quadros, fotografias, dar suas opiniões, etc. Propõe como objetivos: incentivar o exercício de uma autoria; proporcionar reconhecimento às produções de textos da comunidade escolar; contribuir para a elaboração de novas práticas de ensino de Língua Portuguesa; inserir novas linguagens e ampliar o acesso ao *Folhinha Aplicada*.

Como o procedimento de pesquisa será de modo qualitativo, ou seja, voltada para o processo e a análise dos dados, tende a analisar o exercício de escrita e autoria dos alunos,

recolher informações para comprovar tais questões, bem como um estudo de como usará internet para criar uma *homepage* do *Jornal Folhinha Aplicada*. Os materiais coletados dos participantes serão as produções de textos para fins de publicação do *site* do *Folhinha Aplicada* e depois divulgar para a comunidade escolar. Essas produções são selecionadas pela equipe editorial, ou seja, as pessoas responsáveis pelo jornal que selecionam quais textos vão ser publicados. Os participantes serão os alunos da Primeira Fase do Ensino Fundamental das seguintes escolas: Cepae/UFG e Escola Municipal Nossa Senhora da Terra com aproximadamente 500 alunos de 6 a 10 anos de idade. A divulgação da *homepage* do jornal será pelas redes sociais como, *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp*, *e-mails* e por meio de comunicados impressos entregues para os alunos. Pretendemos verificar se a *homepage* do *Folhinha Aplicada* foi ampliada, ou seja, analisar a taxa de exibição (quantas pessoas visitaram a *homepage*), localização geográfica do visitante (de que lugar a pessoa acessou), quais formas que a página chegou para os visitantes: links de outros sites, buscador, direto pelo endereço eletrônico, e entre outros. bem como quantas pessoas visitaram o site durante o dia, semana, mês e ano. Não serão utilizadas entrevistas, cópias gravadas de conversa e captura de filmagens. As fotografias dos envolvidos podem ser utilizadas para fins de complementar textos como um jornal que circula na sociedade: passeios, atividades feitas em sala, eventos escolares, entre outras coisas.

Os participantes não terão riscos físicos, uma vez que serão utilizadas as produções dos alunos, entretanto poderá haver riscos no momento em que o trabalho for publicado. As possibilidades são: constrangimento pela forma que foi publicado e/ou pela recepção do público do jornal. Como benefício, pretende-se contribuir na formação dos alunos na leitura, escrita, exercendo uma autoria, bem como oferecer reconhecimento ao ver seu trabalho publicado na *homepage*. Assim como em jornais que circulam na sociedade é necessário que o nome seja publicado como forma de reconhecimento e identificação da autoria.

Não haverá gastos por parte dos alunos. O projeto garante o custeio dos materiais utilizados na pesquisa.

Para assegurar o possível risco da pesquisa o participante terá garantia expressa de: liberdade de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma; recusar a publicação de suas produções que lhe causem constrangimento.

O participante possui o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da participação na pesquisa. A pesquisa realizada será armazenada no banco de dados por, no mínimo, cinco anos devido à exigência da legislação.

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu,....., inscrito (a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “JORNAL FOLHINHA APLICADA ON-LINE: UM EXERCÍCIO DE AUTORIA”. Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador (a) responsável Leonarley Rodrigo Silva Barbosa sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia,..... de de

- Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;
- Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;
- Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;
- Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

Assinatura por extenso do (a) participante

Assinatura por extenso do (a) pesquisador (a) responsável



ANEXO III – TERMO DE COMPROMISSO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/CEP



TERMO DE COMPROMISSO

Declaro que cumprirei os requisitos da *Resolução CNS n.º 466/12* e/ou da *Resolução CNS n.º 510/16*, bem com suas complementares, como pesquisador (a) responsável e/ou pesquisador participante do projeto intitulado “JORNAL FOLHINHA APLICADA ONLINE: UM EXERCÍCIO DE AUTORIA”. Comprometo-me a utilizar os materiais e os dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo da pesquisa acima referido e, ainda, a publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto, considerando a relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração de todos os interesses envolvidos.

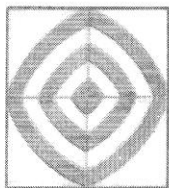
Data: 14/02/17

Nome do(a) Pesquisador(a)	Assinatura Manuscrita ou Digital
1. Deonirley Rodrigo Silva Barbosa	
2. Maria Alice de Sousa Carvalho	
3.	
4.	

Comitê de Ética em Pesquisa/CEP

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/PRPPG-UFG, Caixa Postal: 131, Prédio da Reitoria, Piso 1,
 Campus Samambaia (Campus II) - CEP:74001-970, Goiânia – Goiás, Fone: (55-62) 3521-1215.
 E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com

**ANEXO IV – OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DA REALIZAÇÃO DE PESQUISA À
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E ESPORTE DE GOIÂNIA**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



Ofício nº 001/2017

Ilmo.: Sr. Diretor Pedagógico

Prof. Manoel do Bonfim Rodrigues de Sousa

Assunto: Realização de pesquisa de Mestrado

Solicitamos por meio deste a autorização para realizar um estudo em nível de mestrado profissional em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás. Trata-se de uma pesquisa intitulada: *Jornal Folhinha Aplicada online*: um exercício de autoria que tem como objetivo principal criar uma *homepage* do *Jornal Folhinha Aplicada*.

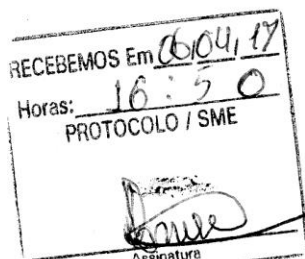
A pesquisa será realizada no 1º e 2º semestre de 2017 com carga horária de 120 horas na Escola Municipal Nossa Senhora da Terra. Os participantes serão os alunos do Ciclo II do Ensino Fundamental, Turma D1, do turno matutino, com aproximadamente 30 alunos entre 9 e 11 anos de idade.

Segue anexo o projeto de pesquisa para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

Orientadora PPGEEB/Cepae/UFG



Prof. Leonarley Rodrigo Silva Barbosa

Orientando

**ANEXO V – AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E
ESPORTE DE GOIÂNIA PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA**



**PREFEITURA
DE GOIÂNIA**

Secretaria Municipal de Educação e Esporte
Diretoria Pedagógica

Ofício Nº. 111/2017-DIRPED

Goiânia, 2 de maio de 2017.

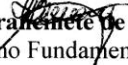
Prezada Senhora,

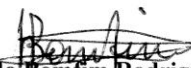
Em resposta à solicitação de Vossa Senhoria, informamos que foi autorizado o acesso do mestrando Leonarley Rodrigo Silva Barbosa, do Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica dessa Universidade, na EM Nossa Senhora da Terra, para o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa intitulado *Jornal Folhinha Aplicada online: um exercício de autoria*, sob a sua coordenação.

Esclarecemos que, mesmo com a autorização dada por esta Secretaria, é necessário o consentimento de profissionais, educandos, pais e/ou responsáveis, para a obtenção dos dados.

Informamos que esta Diretoria entrou em contato com a unidade escolar, informando sobre a referida atividade. Porém, recomendamos que a realização do trabalho seja precedida de contato telefônico e/ou visita ao local, para agendamento das atividades.

Atenciosamente,


Prof. Alcione Franinete de Carvalho Camargo
Gerente de Ensino Fundamental da Infância e da
Adolescência


Prof. Manoel do Bomfim Rodrigues de Souza
Diretor Pedagógico


Profa. Ampara Ferreira de Barros
Superintendente Pedagógica e de Esportes

Ilma. Sra.

Profa. Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

Orientadora do Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica
Universidade Federal de Goiás

Nesta

**ANEXO VI – TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA MUNICIPAL NOSSA
SENHORA DA TERRA**



PREFEITURA MUNICIPAL DE GOIÂNIA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E ESPORTE
ESCOLA MUNICIPAL NOSSA SENHORA DA TERRA
RUA JC – 66 S/N APM – QUADRA 30/31 - JARDIM CURITIBA III
CEP Nº 74.481.390 TELEFONE: 3298-4090 – 3595-1835
Endereço Eletrônico: nossasenhoraterra@hotmail.com

TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

A Escola Municipal Nossa Senhora da Terra da Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado JORNAL FOLHINHA APLICADA *ONLINE*: UM EXERCÍCIO DE AUTORIA, coordenado pelo pesquisador Leonarley Rodrigo Silva Barbosa, desenvolvido em conjunto com a pesquisadora Profa. Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha na **Universidade Federal de Goiás**.

A Escola Municipal Nossa Senhora da Terra da Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados durante os meses de abril de 2017 até dezembro de 2017.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa, e requeremos o compromisso do pesquisador responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados.

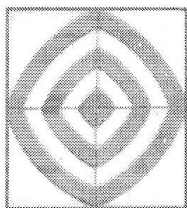
Goiânia, 13 de fevereiro de 2017...

Maria de Fátima A. de Souza Gomes
Assinatura/Carimbo do responsável pela instituição pesquisada

M^{de} Fátima Alves de Souza Gomes
Diretora
Decreto nº 030.081/2015

ESCOLA MUNICIPAL NOSSA SENHORA DA TERRA
Rua: Jc 66 APM Qd. 30/ 31 S/Nº Jardim Curitiba III
Goiânia- Go Fone: 3595- 1835
Lei de Criação Nº 7366 de 01/ 11/ 1994
Lei de Den Nº 7.991 de 06/ 06/ 2000
Res. Aut. Func. CME Nº 197 de 13/ 10/ 2014

ANEXO VII – TERMO DE ANUÊNCIA DO CEPAE/UFG



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



O Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado JORNAL FOLHINHA APLICADA ONLINE: UM EXERCÍCIO DE AUTORIA, coordenado pelo pesquisador Leonarley Rodrigo Silva Barbosa em conjunto com a pesquisadora Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha da Universidade Federal de Goiás.

O Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados durante os meses de abril de 2017 até dezembro de 2017.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa, e requeremos o compromisso do pesquisador responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados

Goiânia, 06 de maio de 2017.

Assinatura/Carimbo do responsável pela instituição pesquisada

Prof. Dr. Alcir Horácio da Silva
Diretor do CEPAE/UFG
Port. Nº 2204 de 02/07/2014
Mat. SIAPE 01127049

ANEXO VIII- REPORTAGEM DO JORNAL *O POPULAR* NA SESSÃO
ALMANAQUE SOBRE O FOLHINHA APLICADA

Zuhair Mohamed

jornal na la também

o *Almanaque* está em clima nal **O POPULAR** faz aniversário ril: são 75 anos, galera!

Karen Farias

idade de vovô, mas fala com gente de todas as idades, raro. É que durante todo esse tempo ele passou por várias

Fala de reforma, não vá logo imaginando piso, cimento, vale, como ao mudar de sede, construir novas salas. Mas exemplo, o jornal passou por mudanças no jeito de falar com apresentar as matérias. Afinal de contas, com tanta coisa nestes últimos 75 anos, o jornal não podia ficar para trás. Você sabe dizer como funciona um jornal? Quem é ele e ele fique pronto toda manhã? E quando será que história de observar o que está acontecendo, registrar e e o maior número de pessoas possa ficar bem informada? Melhor essa história!

ou na internet?

pre teve a municar e de sua história. A o as pinturas enhos edes das cavernas. ma, por volta de 59 é conhecido como ressa. Um tipo de era escrito com o e chumbo, em papiro. China, surgiram os escritos à mão e na Europa, em

1447, com a invenção da prensa por Johann Gutenberg, que surgiu o jornal como conhecemos hoje ou, pelo menos, parecido com ele. Com essa máquina foi possível produzir um número maior de exemplares impressos, como jornais e livros. Há quem a chame de "mãe da impressora". Hoje, os jornais estão espalhados por todo o mundo, em edições de vários tipos. Em folha única ou com várias páginas, em papel ou na internet, com circulação nacional, internacional ou apenas em uma cidade ou região. E por que não na escola?

João Gabriel, Filipe e Débora participam do jornal da escola

Ele ajuda a pensar

Para que o jornal serve? Qual é o papel dele? De um jeito resumido, podemos dizer que é levar às pessoas informações e descobertas importantes e interessantes para elas.

Débora Lígia da Silva, de 11 anos, diz que o jornal tem o papel de informar e de permitir às pessoas conhecer coisas novas mas, acima de tudo, ele faz com que as pessoas pensem e formem suas opiniões sobre o mundo. Então, tá.

Quem nunca conheceu redação de jornal deve se perguntar como é que tudo funciona ali e como as pessoas que trabalham naquele lugar conseguem reunir tanta informação.

Para começar, o processo de produção envolve muita gente - desde quem pensa conteúdo e o formato das matérias e as escreve, até quem vende os anúncios e próprio jornal. Isso sem falar nas equipes de fotografia, arte, diagramação, impre

Farr com!



Uma aventura jornalística

Alunos e educadores do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepac), da Universidade Federal de Goiás (UFG), vivem uma experiência bacana. Eles publicam o jornal mensal *Folhinha Aplicada* – desta forma alunos, pais e professores têm a oportunidade de conhecer melhor essa história de fazer jornal.

Débora Lígia da Silva, 11 anos, Filipe Araújo, 8 anos, João Gabriel Rinaldi, 8 anos, e Ana Luiza Pena, 7 anos, estão nesta aventura jornalística. O *Folhinha Aplicada* circula pelos corredores da escola e até por outras escolas do bairro.

Segundo a professora Maria Alice

Carvalho, a ser um projeto de professores quem dá os alunos. “Eles repórteres, entrevistas, resenhistas. Produzem publicitários, comentários que a produção divertida de gêneros literários”.

Quanto mais jornal, melhor

Débora Lígia, hoje no 5º ano, já escreveu para o jornal da escola algumas vezes, mas o material que ela mais gostou de produzir foi um texto sobre Joaquim Salvador Lavado, o Quino, autor e desenhista das tirinhas da Mafalda. “Gosto muito dessa personagem e sei que várias crianças curtem também. Então, poder pesquisar e escrever sobre seu criador foi bem interessante”, conta.

Já Filipe e Ana Luiza escreveram uma resenha sobre o livro *O Patinho Feio*. No começo, era apenas um trabalho para a aula de português, mas eles trataram de enviar o texto para os responsáveis por selecionar o material do *Folhinha*. “Quando vi a publicação, levei um exemplar para casa e mostrei para todo mundo”, conta, orgulhoso, Filipe. Segundo o garoto, quando se escreve pensando em publicar no jornal fica muito mais interessante aprender a ler e a escrever melhor.

Já João publicou em 2012, uma Segundo e bom mesmo escola é es coisas que turmas. Já que também joguinhos publicados

A profes lembra que alunos têm apenas o jo jornais que Ela defende como eles t que aquele de coisas q gente e não escreve.

Já Débo jornal esco qual a gale lado crítico do *Folhinha* colocar mi coisas”, fin

e distribuição, que fazem de tudo para que o jornal saia bonito, informativo e chegue na hora certa.

Tem mais: jornalismo não é só sentar e escrever o que vem à cabeça ou o que os outros falam e fazem. A rotina de um jornal é agitada e requer, além de cuidado, muita dedicação. Em um jornal diário (que sai todos os dias), por exemplo, os primeiros repórteres que chegam à redação, logo pela manhã, recebem suas pautas do editor. As pautas nada mais são que os temas sobre os quais eles terão de pesquisar, entrevistar e escrever. Já o editor é o jornalista responsável por pensar nessas pautas e articular como elas

serão desenvolvidas.

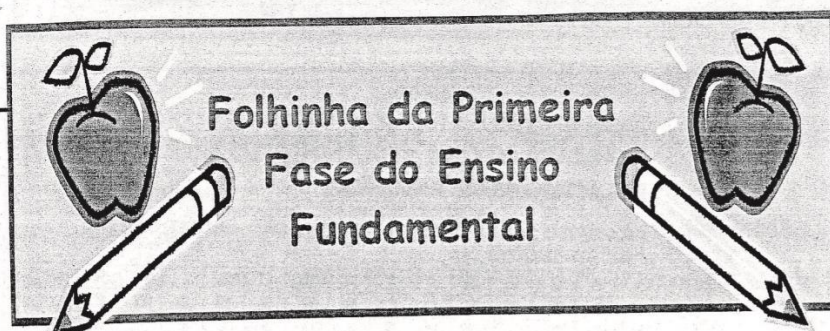
As pautas podem ser, por exemplo, sugestões que os leitores enviaram para o jornal, podem surgir da observação dos repórteres e dos editores ou estar relacionadas a acontecimentos do dia a dia, como jogos de futebol e eleições. Há ainda aquelas que são fruto de denúncias, que devem ser apuradas pelo jornalista que, nesse caso, age quase como um investigador.

Na maioria das vezes as pautas viram notícias ou reportagens, mas um jornal também tem artigos de opinião, crônicas, resenhas, charges, quadrinhos, jogos, serviços e, claro, espaço para o leitor.

Também de Ser

No dia seguinte

ANEXO IX – EDIÇÕES IMPRESSAS DO FOLHINHA APLICADA E SUAS MODIFICAÇÕES



Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação CEPAE/UFG
Coordenação de Curso da 1ª Fase do Ensino Fundamental
Vol. 1, Nº 01, Abril/2006

Um presente para você

Criança, você está recebendo um presente, o primeiro número de nossa "Folhinha", escrito especialmente para você. Ele foi elaborado pela Coordenação Pedagógica em parceria com os professores. Hoje, você é apenas uma leitora, mas nos próximos números será também redatora, porque na folhinha haverá espaço para publicação de suas histórias, causos, pesquisas, poemas, jogos, brincadeiras, etc.

Por isso, desde já esteja convidada a participar do concurso para escolha do nome da "Folhinha" e a dar sugestões, para que esta semente que ora é lançada entre os alunos da Primeira Fase, nasça com vigor e seja alimentada com suas produções.

Procure a Coordenação Pedagógica para maiores informações!



Tarefa de Casa

Estudar nunca foi fácil porque se trata de uma atividade complexa que envolve atenção, interesse, envolvimento, persistência, vontade, etc. Estudar para aprender é mais difícil ainda, pois requer que o aluno complemente seu estudo com as tarefas de casa. Assim, estudar para aprender torna-se cada vez mais uma necessidade básica. Embora seja difícil, você pode fazer de seu estudo uma atividade prazerosa. Eis algumas dicas:

1. Escolha o melhor horário e ambiente para realizar as atividades de casa. Procure um lugar agradável e sem barulho. Coloque ao seu lado todos os objetos que você vai usar, como: livros, cadernos, dicionário, lápis, borracha, etc.

2. Capriche em suas tarefas: escreva letras legíveis, releia o que escreveu e faça a revisão de forma cuidadosa.

3. Peça auxílio aos pais, se você tiver dificuldades, mas o ideal é você fazê-las sozinha.

4. Coloque dentro da mochila todos os objetos que você precisa para a aula do dia seguinte, após a realização da tarefa. Procure não esquecer nenhum.

5. Procure não encher a mochila com objetos desnecessários por causa do peso. Lembre-se que a mochila pesada causa dores na coluna.

Os materiais abaixo **DEVERÃO SER TRAZIDOS TODOS OS DIAS:**

1. Cadernos (disciplinas do dia)
2. 2 lápis
3. 1 borracha
4. 1 régua
5. Lápis de cor
6. Garrafinha com água

Torne-se leitor

Nossa biblioteca tem um sistema de empréstimo que permite à criança levar para casa três livros por semana. Procure ler os livros que você pede emprestados. Aproveite a oportunidade para desenvolver o hábito prazeroso da leitura e tornar-se um grande navegador no mundo das palavras, das idéias e das informações.

Leia silenciosamente, mas também é importante aperfeiçoar a leitura oral. Nela, você deve fazer como se você estivesse lendo para alguém, atentando para os sinais de pontuação porque eles dão expressão e sentido à leitura.

Jornalzinho da 1ª Fase do Ensino Fundamental - página 2

Algumas Dicas. . .

Sobre o ônibus - CUIDADO!!!!!!!!!!
Criança que pega rabeira pode se machucar! Jamais pendure nos ônibus!

Fora do ônibus - Aguarde que o ônibus pare totalmente; não empurre os colegas durante a entrada - o motorista deve esperar até que todos os passageiros entrem.

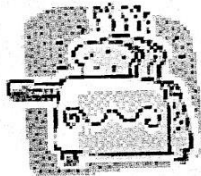
Dentro do ônibus - Respeite os passageiros fazendo sua viagem em silêncio. Dispense os gracejos e as brigas entre colegas dentro do coletivo!

ÔBA, CHEGOU A PÁScoa! VAMOS ENCONTRAR NO DIAGRAMA AS SEGUINTE PALAVRAS RELACIONADAS À PÁScoa.

FRATERNIDADE - AMOR - RENOVAÇÃO - LIBERDADE - PAZ - AMIZADE

J	O	V	E	A	P	A	R	E	C	L	I	N	R	U
U	E	E	T	E	L	I	B	E	R	D	A	D	E	L
V	E	F	L	R	U	N	I	L	A	T	E	R	N	A
E	D	R	L	T	A	R	N	M	M	P	U	O	O	U
N	C	O	H	F	E	C	V	U	E	H	H	M	V	R
T	K	M	A	Y	K	N	A	S	D	H	T	U	A	T
F	R	A	T	E	R	N	I	D	A	D	E	H	Ç	P
S	K	Y	A	T	U	D	T	Ç	Z	E	T	Y	Á	A
O	U	H	E	A	O	U	R	L	I	H	H	U	O	I
N	Y	H	O	T	K	P	A	A	M	N	I	S	P	O
Â	H	W	O	S	A	A	M	R	A	C	M	L	P	I
O	G	S	A	X	T	M	A	Ç	T	O	D	O	I	
D	R	S	E	P	A	Z	O	P	O	Y	P	U	L	E
L	F	Z	E	P	I	O	L	H	U	O	Q	I	E	U

Lembrete:



1. Tome o café da manhã reforçado antes de vir para a escola.
2. Quinta-feira feira é dia do Projeto Ponto de Apoio.
3. Toda terça-feira há o Projeto Cultura e Movimento e o Inglês.

Agenda de Abril:

PERIADOS:

Páscoa

13 a 14 de ABRIL

Dia de TIRADENTES

21 de ABRIL

Conselhos de Classe

17 a 27 de ABRIL

Cantinho de leitura

Ovinhos de Páscoa

Lenise Resende

Amigo coelho, me diga:
- "Ovo de Páscoa,
dá dor de barriga?"

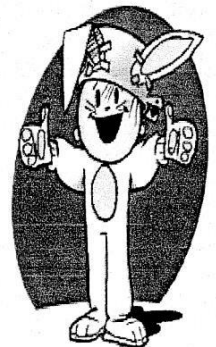
A mamãe me diz que sim
e sempre guarda os ovinhos
Ziraldo
pra que eu coma aos pouquinhos.

Guardados na geladeira,
eles somem como poeira.
A minha família inteira,
parece formiga doceira.

Amigo coelho, lhe peço:
- "Faz um favor pra mim,
esse ano, esconde os ovinhos
num cantinho do jardim.

Prometo que serei bonzinho
e vou comendo aos pouquinhos,
assim minha mãe não briga
e não tenho.

Fonte: Retirado de um site da internet.



Ziraldo

Meio Ambiente

Ao movimentar, os carros queimam combustíveis e soltam gás carbônico, que poluem o ar. Neste contexto a "mãe" natureza foi benevolente criando as árvores.

As árvores são muito importantes para ajudar a combater a poluição, pois elas absorvem o gás carbônico.

Você sabia que pode ajudar a natureza na importante tarefa de preservação ambiental? Como? É simples. Plantando árvores e conservando as que já existem, afinal de contas, você também é responsável pela continuidade da vida no planeta Terra!

Silvia Lyra
Técnica Educacional CEPAE/UFG

Ôooba! Que legal! Estamos de agenda nova!

Lembre-se sempre de trazê-la para a escola, pois é por seu intermédio que a escola comunica com seus pais.

Além disso, é nela que você anota:

1. As tarefas de casa;
2. Nome e número de telefones de seus cofeguinhas;
3. Datas de aniversários, inclusive, a sua.

Aproveite bem dela!

Organização: Professora Sirley Aparecida de Souza.
Revisão: Maria Alice de Sousa Carvalho e Lusinete Vasconcelos de Souza
Colaboração: Professores da 1ª Fase e Técnicos Administrativos

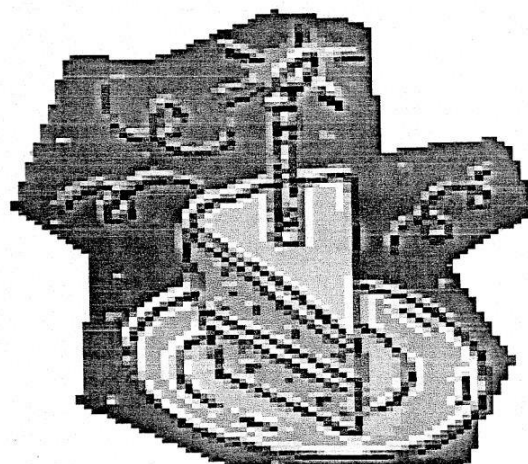
Você sabia?

UMA BOA LAMBIDA

- Que o gato mantém seu pêlo bem limpo, lavando-se e penteando-se com a língua e os dentes?
- Que ele umedece o pêlo com a língua, e engole qualquer sujeira encontrada. E mais, que a língua do gato é recoberta de espinhos que agem como um pente?
- Sabia também que o gato usa os dentes para desfazer os emaranhados dos pêlos?

Fonte: Mamíferos. David Burnie. Coleção Ver de perto a natureza. São Paulo, Ática, 1993, p.27

Este pedaço de bolo vai para todos os aniversariantes de Abril!



Espaço reservado aos patrocinadores - página 4

Folhinha Aplicada

Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Vol. 1, Nº 02, Setembro/2006
Primeira Fase do Ensino Fundamental



Aos Leitores

Como você já deve ter percebido, nosso querido jornal Folhinha Aplicada está de cara nova e conteúdo novo. As alterações foram feitas para que ele fique agradável de ser lido. Você vai encontrar diversas informações sobre os esportes, artes, natureza, entre outras. Além de se divertir com dobraduras, experiências científicas, desenhos e muito mais. Boa leitura e bom divertimento!



Para saber mais

Pela Não Internacionalização da Floresta Amazônica

A Floresta Amazônica é um imenso tapete verde formado por árvores. É assim que se vê a Amazônia do céu.

Mas se formos chegando mais perto, mais perto e mais perto (devagarzinho para não assustar ninguém), teremos surpresas entre as árvores da floresta: ali moram macacos, onças, tucanos, cobras, aranhas. Ali nasceram plantas e flores raras. Ali existem rios enormes, cheios de peixes.

É tanta riqueza natural, que o homem ainda nem conseguiu descobrir tudo que existe na Amazônia.

A Amazônia é muito importante para toda a Terra. Por isso todos os países

do mundo querem nossa Amazônia, para destruí-la.

Minha idéia é: quando eu crescer, vou mandar pintar a bandeira do Brasil em cima das árvores da Amazônia, para que todos os aviões e helicópteros que sobrevoarem a floresta saibam que ela é nossa, do Brasil.

Se a Amazônia, sob uma ética humanista, deve ser internacionalizada, internacionalizemos também as reservas de petróleo do mundo inteiro. O petróleo é tão importante para o bem estar da humanidade quanto a Amazônia para o nosso futuro!

Vitor Augusto - 2ª A

Fonte: Canal Kids – Viagem Brasil, entrevista de Cristóvam Buarque nos E.U.A.

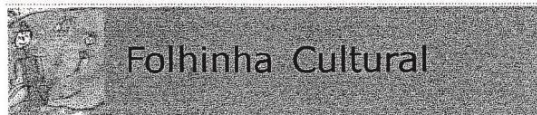


Agenda de Setembro

- 05 - Dia da Amazônia
- 07 - Independência do Brasil
- 08 - Dia Internacional da Alfabetização
- 21 - Dia da Árvore
- 22 - Início da Primavera
- 25 - Dia Nacional do Trânsito
- 26 - Dia de Teatro. Às 7:30 da manhã vamos ao Teatro Rio Vermelho para assistir a apresentação da peça Anastasia - A princesa esquecida.
- 27 - Dia de Apresentação. Às 15 horas terá apresentação do Musical "Se as crianças governassem o Mundo" do Grupo de Produções artísticas do CEPAE na Creche da Irradiação Espírita do Setor Vila Nova.

Folhinha Aplicada

Vol. 1, Nº 02, Setembro/2006



Você Sabia?

Qual o país que mais faz filmes no mundo?

Adivinhe qual é a maior indústria cinematográfica do mundo? Aposto que você pensou nos Estados Unidos por causa de Hollywood, não é? Pois saiba que você está totalmente enganado... Na verdade, a maior indústria cinematográfica do mundo pertence à Índia!

E os números são impressionantes: ela produz uma média de 700 filmes todos os anos! Só para se ter uma idéia, Hollywood produz de 300 a 400 filmes por ano. E, com tanto filme assim, é lógico que a mão-de-obra tem que ser muito maior, né? Pois bem, 2 milhões de pessoas trabalham



nessa indústria, que atrai 70 milhões de espectadores por semana!

Mas, apesar de fazer Hollywood comer poeira, a indústria indiana ganhou um nome parecido: Bollywood!

Quem se dá bem nessa história toda é o governo indiano que fica com 60% da verba dos filmes graças aos impostos cobrados...

Mas o que importa de verdade é que os indianos sabem fazer bons filmes para o mundo inteiro prestigiar!

Fonte: Canal Kids.
www.canalkids.com.br

Você sabe qual foi a primeira revista infantil?

Foi a revista Tico-Tico e foi lançada em 1905 e vendida até 1957.

A revista completou 101 anos nesse ano de 2006.

Ela servia para ensinar as crianças a gostarem de ir à escola e respeitarem os mais velhos.

Você sabia também que ela ajudou na formação da nação brasileira e na de vários escritores como Carlos Drummond de Andrade, Lygia Fagundes Telles, Jorge Amado e várias outras crianças?

Uns dizem que a revista tem esse nome porque o autor criava Tico-tico, e outros dizem que foi das primeiras escolas primárias, que de tão pequenas chamavam Tico-tico.

Lorena Albernaz - 4ª B



De Olho na Natureza

Você sabe quanto tempo vive uma libélula? Nós também não sabemos até encontrar esta lista:

- Abelha - 30 dias
- Aranha-de-chão - 2 a 3 anos
- Borboleta (verão) - 4 a 6 semanas
- Borboleta (inverno) - 7 a 8 meses
- Camundongo - 2 anos
- Canguru - 4 a 6 anos
- Cascavél - 20 a 25 anos
- Cavalo - 20 a 25 anos
- Chihuahua - 16 anos
- Cobra garter - 8 anos
- Coelho - 6 a 8 anos
- Coioite - 14 anos
- Crocodilo - 75 anos
- Minhoca - 4 a 8 anos
- Elefante (zoológico) - 15 a 20 anos
- Esquilo - 8 a 9 anos
- Esturjão - 80 anos
- Formiga - 5 a 7 anos
- Gato - 11 anos
- Hipopótamo - 30 anos



- Jacaré - 35 a 50 anos
- Libélula - 1 dia
- Marmota - 4 a 9 anos
- Elefante - 50 a 60 anos
- Morcego - 17 anos
- Ornitorrinco - 10 a 15 anos
- Ostra - 6 anos
- Ovelha - 12 anos
- Pato - 10 anos
- Peixe-boi - 60 anos
- Porco - 10 anos
- Preá (doméstico) - 12 anos
- Preá (selvagem) - 3 anos
- Cervo - 10 a 15 anos
- Rena - 5 a 8 anos
- Sapo-boi - 7 a 9 anos
- Tarântula (fêmea) - 25 a 30 anos
- Tarântula (macho) - 5 a 7 anos
- Tartaruga-gigante - 150 anos
- Urso-polar - 25 a 30 anos
- Vaca (confinada) - 5 a 7 anos
- Vaca (solta) - 18 a 22 anos



Fonte: Bathroom Reader's Institute. Fotos do site www.google.com.

CURIOSIDADE

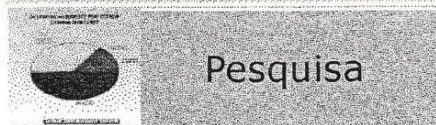
Não mexa com um hipopótamo



Quando um hipopótamo abre a boca, ele não está bocejando. Ele está fazendo um gesto de ameaça exibindo seus longos e afiados dentes caninos. Eles podem partir um pequeno barco ao meio.

Mariana de Almeida Sousa - 4ª B

Fonte: Almanaque O Popular.



Pesquisa

A arte de fazer histórias em quadrinhos

Os alunos da segunda série do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicação à Educação (CEPAE) pesquisaram a respeito das histórias em quadrinhos.

Inicialmente, leram e observaram várias dessas histórias: a turma da Mônica, o Menino Maluquinho, Luluzinha e o Cabeça Oca. Eles verificaram que essas histórias sempre têm quadrinhos e que se tornam necessárias olhar com atenção a **expressão** facial das personagens, todas as **ilustrações** e as partes **escritas** para compreensão do enredo da história. Perceberam também que as falas das personagens vêm escritas dentro de diferentes tipos de **balões**:

- **balão da fala** (próximo à cabeça das personagens);
- **balão do pensamento** (indicando que as palavras são pensadas pela personagem e não pronunciadas);
- **balão do cochicho** (a personagem está falando bem baixo);
- **balão de rabichos** (várias pessoas falando);
- **balão com rabicho fora do quadrinho** (alguém está falando fora do quadrinho).

Ainda aprenderam que o **narrador** conta à história escrevendo dentro de um retângulo, na parte de cima, à

esquerda do quadrinho. E que as falas nos **balões** devem ser lidas começando pela parte de cima, à esquerda, representando a fala inicial de um diálogo.

Examinaram atentamente e notaram que são usadas várias palavras imitando os sons das coisas, as **onomatopéias**, e que, essas palavras são escritas com letras maiúsculas, fora dos balões, perto do local onde ocorre o som. Exemplos: TRIMM, som do telefone; TOC TOC, batida na porta; PLEC, PLEC, PLEC, barulho da chuva etc.

Além disso, leram e resumiram os parágrafos de vários **textos informativos**, explicando o trabalho que dá para construir histórias em quadrinhos, até chegar ao leitor.

Começando com o roteirista que cria a história, os ilustradores, os letristas e o arte-finalista que faz o acabamento. Também leram textos em **prosa**. O texto em prosa não apresenta quadros, nem balões e nem figuras. Os textos lidos apresentavam muitas onomatopéias e foram transformados em história em quadrinhos. Como também transformaram muitas histórias em quadrinhos em textos em prosa, algumas escritas coletivamente, outras individualmente.

A turma elaborou e aplicou pesquisas entre os colegas e seus familiares para saber quais eram as personagens e os gibis preferidos, etc. Essas pesquisas foram transformadas em **texto informativo**. Especial cuidado foi dado na elaboração de cada etapa do desenvolvimento do texto: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão.

Além disso, pesquisaram também sobre a vida de Maurício de Sousa e as

personagens da turma da Mônica. Os alunos puderam ampliar seus conhecimentos lendo e debatendo as entrevistas de diferentes autores.

Como término dessa unidade de ensino os alunos construíram uma história em quadrinhos para que todos pudessem conhecer o estudo realizado. Primeiro, **planejaram** a história em quadrinhos: pensaram em um problema que fosse interessante para chamar a atenção do leitor e como ele seria resolvido; as personagens fisicamente e no jeito de ser; o local onde a história aconteceria, as ações que as personagens iriam realizar; as ilustrações, o começo, o meio e o final da história, o título...

A turma gostou de participar desse trabalho, demonstrando interesse e esforço pessoal. Conseguiram assim, melhorar um pouco mais na leitura e escrita, compreendendo com mais facilidade as leituras de histórias em quadrinhos e outros tipos de textos que puderam vivenciar nesse tempo de estudo.

Autores: Alunos e alunas da 2ª série de 2006.

Organização: Professora Mirene Fonseca Moulin

Disciplina: Português



Cantinho de Leitura

Entre duas rochas

Entre duas rochas pode nascer uma flor e por que entre dois amigos não pode nascer um amor?

Dia de sexta-feira

Sexta-feira faz um ano em que meu coração fechou.
Quem morava dentro dele pegou a chave e levou.

Luan Amaral - 3ª B

Quem faz o Folhinha Aplicada

Coordenação: Maria Alice de Sousa Carvalho

Colaboração: Professores da Primeira fase, Sílvia Maria Gama Lyra, País e alunos.

Diagramação: Vinicius Batista Rocha

Revisão: Maria Alice de Sousa Carvalho

Fontes das matérias: Alunos da Primeira Fase do Ensino Fundamental, site Canal Kids

www.canalkids.com.br; Almanaque O Popular.

Va(ler)



Um rato na biblioteca

O livro, "Um rato na biblioteca", conta sobre ratos que gostavam de roer livros. Entre eles, existia um diferente, chamado Asponsito. Asponsito era miope, tímido, magrinho e era o mais vagaroso do grupo. Por causa disso, ele começou a observar as páginas dos livros dos contos de fadas. Ficava maravilhado pelos livros e só roia as pontas deles.

Dona Rute, era a bibliotecária, a pessoa responsável pelos livros. Ela já estava muito preocupada com tantos ratos na biblioteca e com os estragos que eles estavam fazendo.

Um dia, a bibliotecária descobriu um gato que iria livrar os livros dos ratos. Este felino foi levado para passar uma temporada na biblioteca com o guarda que morria de medo dos ratos.

O gato chegou, comeu alguns ratos, espantou outros e Asponsito conseguiu

escapar do bichano. Em uma noite, o gato pegou Asponsito de surpresa, olhando o livro "O gato de botas", ficou encantado com aquela história e ao invés de comer o rato ficou olhando o livro com ele.

Depois disso, os ratos, sabendo que na biblioteca existia um bicho muito feroz, resolveram comer na vizinhança. Enquanto isso, Asponsito aprendeu a ler, foi reconhecido como o mais corajoso dos ratos menores. O gato e Asponsito se tornaram bons amigos.

O gato foi devolvido para o seu dono, o senhor Ivo. Nesta história de ratos e gatos, dona Rute conheceu melhor o dono do gato, se casaram e viveram felizes para sempre.

□ Autor: Carlos Augusto Segato

□ Onde encontrar: Livrarias e Biblioteca do CEPAE

□ Editora Atual 31 Páginas

Fonte: Texto coletivo dos alunos da 3ª série A

Fala Leitor



Eu adoro o jornal da escola. Eu queria que ele fosse colorido. O jornal é muito legal. Tchau.

Stefany Martins - Alfabetização A

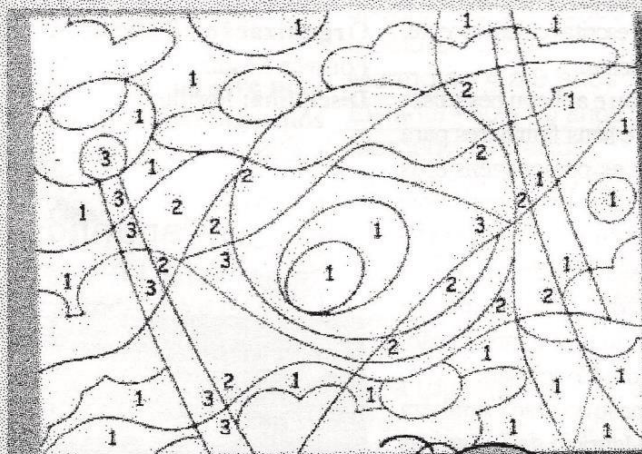
Eu gostei muito do jornalzinho. Nele eu posso desenhar e também escrever. Um abraço.

Vitor Castro Braga - Alfabetização A

Os alunos que quiserem enviar suas sugestões e críticas ou tirarem suas dúvidas sobre como participar do "Folhinha Aplicada", devem escrever suas cartas e entregar aos professores reponsáveis.



Mãos à Obra



PINTE
COM AS CORES
INDICADAS E DESCUBRA
ALGO QUE É MOTIVO PARA
TODOS NÓS!

- 1 - Azul
- 2 - Verde
- 3 - Amarelo



Dicas da Folhinha

Livro
Bicharada solta

Rato, pato, ganso, tatu, leitão, anu, mariposa... No sítio que o menino visita tem todos esses bichos e muitos mais. É uma descoberta atrás da outra. Depois de ler a história de Maurício de Sousa (pai da turma da Mônica, dos quadrinhos), você fica com vontade de estar no sítio também.

Gibiteca Jorge Braga

Para você conhecer gibis populares e raros vale a pena ir na Gibiteca Jorge Braga. Ela tem mais de 6 mil gibis. Você pode ir de segunda a sexta-feira, das 8 às 18 horas e ler bastante.

□ **Endereço:** Centro Cultural Marietta Telles, na Praça Cívica, número 02.

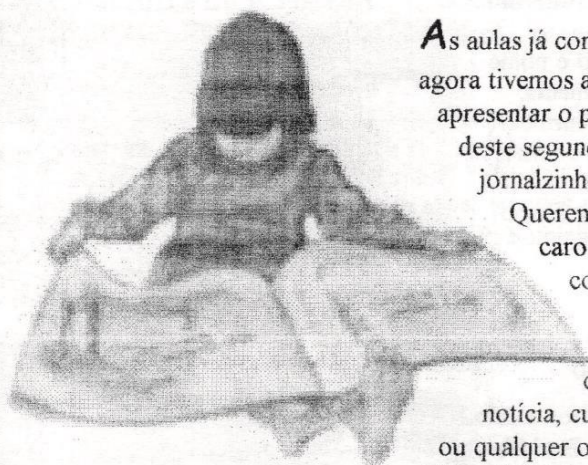
□ **Telefone:** 3201-4640.

Folhinha Aplicada

Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Vol. 2, Nº 03, Abril/2007
Primeira Fase do Ensino Fundamental

Aos Leitores



As aulas já começaram, mas só agora tivemos a oportunidade de apresentar o primeiro número deste segundo ano do nosso jornalzinho Folhinha Aplicada. Queremos convidar você, caro leitor, a continuar a colaborar nas próximas edições. Mande sua história, resenha, desenho, carta, notícia, curiosidade, pesquisa ou qualquer outra coisa que achar útil ao Folhinha. O jornal é seu e teremos o maior prazer em publicar sua produção. Boa leitura e ótimo divertimento.

Início das aulas. Uma sensação de...

Eu senti um pouco de medo, de não conhecer novas amigas, mas quando cheguei vi que não preciso ter medo, mas sim alegria. Giovanna

Uma sensação boa de passar de ano e rever os amigos na 4ª série, de brincar, de aprender e estudar. Beatriz

Que se trabalharmos juntos, em equipe, resolveremos, se não todos, a maior parte dos problemas do dia a dia; somos fortes quando pensamos em fazer o melhor...

A sensação de que a tranquilidade da escola passa pela paz que devemos buscar em nós e oferecê-la uns aos outros.

Ataide, vice-diretor e coordenador.



Dicas da Folhinha

Teatro

Bugiganga

Xô vacas magras!
Xô olho gordo!
Xô cinzas da quarta-feira!
As águas de março já fecham o verão e a Cia Trapaça está de volta com animadíssima temporada do espetáculo
Incrível!...
Inenarrável!...



Data: Domingo, às 17 horas
Local: Zabriskie Teatro - Rua 148 n 248 - Setor Marista. Fone: 3093-5542
Para todas as idades

Preço único para todos os espetáculos R\$ 7,00 (sete reais) -Meia entrada para todos.



Agenda de Abril

05 e 06 - Recesso da Semana Santa
08 - Páscoa
21 - Tiradentes
22 - Descobrimto do Brasil
30 - Recesso do Dia do Trabalho



Vá(ler)

O menino maluquinho

O livro mostra o dia a dia do "Menino Maluquinho". O autor se chama Ziraldo.

Ele tem o olho maior do que a barriga, fogo no rabo, tem vento nos pés, umas pernas enormes que dão para abraçar o mundo. Na turma, ele era o menorzinho e o mais bonitinho. Ele era tudo com "inho". O menino maluquinho sabia de tudo, a única coisa que ele não sabia era ficar quieto.

Esse livro é muito bom, você pode encontrar na biblioteca do CEPAE.

Editora: Melhoramentos

Victoria Andrade Duarte Silva

Pirulito que bate, bate..

Esse livro fala sobre musiquinhas que você vai conhecer algumas delas: Eu vi uma barata na careca do vovô. Assim quando ela me avistou, bateu asas e voou.

Dó, ré, mi, fã, fã fã; Dó, ré, mi, fê, fê, fê; Dó, ré, mi, fi, fi fi; Dó, ré, mi, fô, fô fô.

Eu vou cantar a principal: Pirulito que bate, bate. Pirulito que já bateu; Quem gosta de mim é ela. Quem gosta dela sou eu!

Autor: Eliardo França

Karolayne Damázio Rodrigues

Marcelo, Marmelo, Martelo

Esse livro fala de um menino chamado Marcelo. Ele fazia perguntas a todo mundo. Às vezes as pessoas respondiam. Quando não sabiam, diziam - Ah Marcelo, sei lá!

Um dia, Marcelo cismou com as coisas:

- Mamãe, por quê eu me chamo Marcelo?

- Ora Marcelo, foi o nome que eu e seu pai escolhemos! - respondeu a mãe.

- Mas por quê não escolheram Martelo?

- Ora menino, martelo não é nome de gente. É nome de ferramenta.

- E por quê não escolheu Marmelo?

- Porque marmelo é nome de fruta.

- Então por quê eu não posso chamar Marmelo e a fruta chamar marcelo?

A história é muito bacana.

Editora: Scipione

Autora: Ruth Rocha

Disponível na biblioteca do CEPAE

Gustavo Alves Fernandes

O equilibrista

Os autores são: Fernanda Lopes de Almeida e Fernando de Castro.

O equilibrista foi o livro que eu li. Ele morava em uma casa que ficava na linha. O livro tem 34 páginas e se vocês quiserem ler, devem ir à biblioteca. Eu, como sempre, gostei muito do livro e vale a pena ler.

Editora Ática

Sarah Emannuely

O pato Donald

Eu vou te contar sobre um livro. O personagem dele é o Donald e quem escreveu foi a Walt Disney.

Nessa estória, Donald vai a uma festa mexicana. Ele passeou de barco pelas ruas do México. O livro tem 34 páginas e pode ser encontrado na biblioteca do CEPAE.

Editora: Abril

Wenglyson de Moura

O menino do nariz esperto

A estória é muito boa, ela fala sobre o nariz. Eu gosto de ler livros de outras coisas e muito mais. No início, ela fala sobre a importância do nariz. Ele indica tudo: o lugar onde quer ir, sente o perfume das flores e das comidas. O livro tem 24 páginas e ilustração bonita.

Autor: Ricardo Azevedo

Editora: Ática

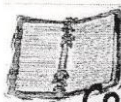
Felipe de Oliveira Silva

Macaquinho

Eu vou falar sobre o livro macaquinho. O autor é o Ronaldo Simões Coelho, ele tem 15 páginas e fala sobre um macaquinho que sempre passava para a cama de seu pai. Ele é colorido e bonito.

Editora: Lê

Aldria Barros Michelom

**Depoimentos****Como você estuda?**

Eu estudo assim, numa escrivaninha, não gosto de barulho. Antes de estudar tomo leite com café, deixo uma garrafa de água perto de mim. Tenho uma imã, mas não é problema. Ela brinca e eu faço tarefa.

Beatriz A. Magalhães - 9 anos

Eu começo a estudar 3:39, depois que acaba a minha novela chamada "O Diário de Daniela". Então eu desligo a TV porque não dou conta do barulho. sento na cadeira ou deito na minha cama. Gosto mais de sentar na cadeira, porque eu fico mais reta e não fico com dor nas costas. E gosto muito de estudar, ler, imaginar e brincar.

Wendylla

Eu estudo em meu quarto ou no jardim, que são os lugares mais calmos. Depois que eu termino de fazer as minhas tarefas eu leio um livro e estudo mesmo se não vai ter prova no dia seguinte. Por isso eu estou dando esse depoimento.

Ruth Hevellyn - 9 anos



Semana Nacional Do Livro Infantil



	18/04/07 (Quarta-feira)	19/04/07 (Quinta-feira)	20/04/07 (Sexta-feira)
9:45 às 10:15	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Abertura ◆ Sessão de histórias. ◆ Conversa sobre leitura (Leonora) 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Sessão de histórias ◆ Contadores na Primeira Fase e na Biblioteca. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Show de magia com o Palhaço Sapequinha. (Participação FACOMB)
7:30 às 9:30 (1º ao 5º ano)	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Visita às exposições: livros novos; fotos, standes das editoras RHJ e IBEP; Folhinha da 1ª fase 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Apresentação de vídeo de animação; casa de bonecos e histórias (conversa com os criadores do vídeo) – no auditório 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Conversa com o autor da história em quadrinhos: Cabeça Oca (Cristian) e a ilustradora Adriana Mendonça (do Jornal O Popular).
7:30 às 9:30 (6º e 7º ano)	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Apresentação de vídeo de animação- casa de bonecos e histórias (conversa com os criadores do vídeo) - no auditório 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Visita às exposições: livros novos; standes das editoras RHJ e IBEP; Folhinha da 1ª fase. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Conversa com os autores: Newton Murce e Cléidna Landivar
10:30 às 11:30 (1º ao 5º ano)	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Leitura compartilhada – família lendo e falando de leitura – Yone e Laura - no auditório 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Leitura compartilhada – família lendo e falando de leitura – Andréa e Larissa - no auditório 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Leitura compartilhada – família lendo e falando de leitura – Victor Augusto e Anileide - no auditório
10:30 às 11:30 (6º e 7º ano)	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Leitura compartilhada – família lendo e falando de leitura – Yeda e Adriano. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Leitura compartilhada – família lendo e falando de leitura – Fátima e Carolina 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Leitura compartilhada – família lendo e falando de leitura – Ataíde, Lucas e Sônia.

Observação: Todos os nomes estão em fase de confirmação. Em breve enviaremos a programação definitiva. Contamos com a participação entusiasmada de todos. Equipe de Educadores da Biblioteca do CEPAE

Você quer ser um bom aluno?

Se sim, então siga estas dicas:
 Não conversar na hora da aula, preste atenção nas aulas.
 Fazer as tarefas de casa bem caprichadas.
 Deixe o seu caderno sempre limpo.
 Sempre capriche na letra, no seu caderno e deixe ele sempre limpo.

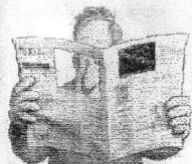
Ana Clara Rodrigues

Então comece a estudar já, não perca tempo nem mais um segundo. Mas primeiro organize seu horário, depois vá a algum lugar bem tranquilo, sente-se em uma mesa bem confortável e faça suas tarefas. Depois, reserve um tempo para ler e estudar. Agora sim é hora para você se divertir. Ah! E se lembre de não dormir tarde para não vir à escola com fome e sono.

Leticia Lopes

Quem faz o Folhinha Aplicada:

Coordenação: Maria Alice de Sousa.
Colaboração: Professores da Primeira fase; Sílvia Maria Gama Lyra; Pais e alunos; Professores e alunos da Escola Municipal Amâncio Seixo de Brito.
Diagramação: Vinicius Batista Rocha
Revisão: Lusinete Vasconcelos de Souza, Andrea Alves da Silva Souza e Mirene Fonseca Moulin.



Notícias do CEPAE



22 de março: Dia Mundial da Água

As turmas da 3ª série e as professoras Flávia, Maria Alice e Célia foram ao Espaço de Artes Vitória no dia 24 de abril.

Os alunos foram comemorar o Dia Mundial da Água e aproveitaram também para festejar os aniversários dos colegas que nasceram nos meses de janeiro, fevereiro e março.

Os alunos plantaram mudas de árvores do Cerrado, no espaço chamado Vitrine do Cerrado. Lá, já existem várias árvores, inclusive uma que foi plantada pela aluna Victória, da turma da 3ª série B.

As crianças aprenderam que a água depende das árvores e estas dependem da água, conforme explicou João Marcelo P. Guimarães (3ª A). Se não tiver espaço verde, a água escoar para os rios e os lençóis d'água, que ficam debaixo da terra, vão acabar.

Gabriel César Mendes Bastos (3ª A) disse: "Nós temos que preservar a natureza senão a água acaba". De acordo com Geovanna Martins Sampaio (3ª A), o Espaço de Artes Vitória é um lugar maravilhoso.

Museu

Fomos no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG) no dia 22 de março, com os alunos do 4º ano A e B.

Vimos fotos de índios na aldeia, pedras que antigamente usavam para fazer fogo, talheres antigos, o corpo de um homem, uma canoa, um vestido antigo, artesanato, etc.

A importância é saber do nosso passado para saber viver o futuro e descobrir sobre as coisas antigas.

Carolina de Almeida Silva



Fala Leitor

Veja a carta que as professoras Clêidna e Marizete enviaram à escritora famosa Roseana Murray e a seguir, sua resposta às professoras e aos alunos do CEPAE:

Procura-se vivo ou morto...

Querida Roseana, na primeira semana de aula aqui no Colégio de Aplicação da UFG, crianças e adultos procuraram o seu sapo de estimação! Não o encontramos, mas dentro de seus "classificados poéticos" muitos sonhos foram revisitados!

Somos contadoras de histórias e cada poema do livro foi recontado e deliciosamente "sentido" entre as linhas de nossos horizontes e equilibristas imaginários! Seria muito bom receber um carinho seu para os 668 alunos que frequentam a biblioteca (1 ano do ensino fundamental até Ensino Médio). Abraços...

Ah! Não deixe de conhecer meu livro: *Iluminando Histórias* RHJ.

Clêidna Landivar e Marizete

Resposta:

Meninos e meninas: entrar e sair de dentro de um livro é a aventura mais incrível da existência. Os livros são máquinas de sonhos e máquinas do tempo. Mil beijos da Roseana.

Roseana Murray

Os alunos que quiserem enviar suas sugestões e críticas ou tirarem suas dúvidas sobre como participar na Folhinha Aplicada, devem escrever suas cartas e entregar aos professores responsáveis.



Folhinha Aplicada

Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Vol. 3, Nº 04, Fevereiro/2012
Primeira Fase do Ensino Fundamental

Aos leitores



É com muita alegria que começamos o ano letivo de 2012 retomando um projeto muito interessante e apreciado por todos que participaram dele, o nosso jornal, o Folhinha Aplicada. Ele começou a ser editado em 2005 e por razões diversas foi interrompido. Agora, a partir deste ano, esperamos que prossiga mensalmente.

Queremos convidar você, caro leitor a continuar a colaborar nas próximas edições. Mande sua história, resenha, desenho, carta, notícia, curiosidade, pesquisa ou qualquer outra produção que achar útil ao Folhinha. O jornal é seu e teremos o maior prazer em publicar.

Enquanto esperamos sua participação, boa leitura e até a próxima edição!

Agenda de fevereiro

13 - Início das aulas/ Início da 1ª escala
20, 21, 22 - Feriado Carnaval e Recesso

Professora Flávia e alunos dos 5ºs anos 2011 CEPAE/UFG saíram na Capa "Especial Projetos" da Revista Nova Escola deste mês!



Parabéns a Professora Flávia por mais esse trabalho realizado no CEPAE e pelo reconhecimento do projeto em nível nacional. Professores, pais e alunos da instituição desejam sucesso e que seu filho seja mais uma alegria em sua vida. Já estamos com saudades e esperamos ansiosamente sua volta no 2º semestre.

Quer saber como foi a investigação científica sobre a doença de Chagas? Segue o link com a sequência didática no site da Nova Escola e refaça você também a pesquisa de Carlos Chagas:

<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/investigacao-cientifica-doenca-chagas-674670.shtml>


MÚSICA

Você gosta de música? Os alunos dos 3ºs anos/4ºs anos gostam muito e conheceram o repertório da cantora Adriana Calcanhoto. Dele, a música "Fico assim sem você" de Abdullah e Cacá Moraes foi a mais apreciada. Com ela elaboraram outras possibilidades para expressarem o "fico assim sem você". Observem o quanto foram criativos e originais.

Fico Assim Sem Você

Avião sem asa, fogueira sem brasa	Amor sem beijinho	E a solidão é o meu pior castigo	Por que é que tem que ser assim
Sou eu assim sem você	Bucheche sem Claudinho	Eu conto as horas	Se o meu desejo não tem fim
Futebol sem bola,	Sou eu assim sem você	Pra poder te ver	Eu te quero a todo instante
Piu-piu sem Frajola	Circo sem palhaço	Mas o relógio tá de mal comigo	Nem mil alto-falantes vão poder falar por mim
Sou eu assim sem você	Namoro sem amasso	Por quê? Por quê?	
	Sou eu assim sem você		Eu não existo longe de você
Por que é que tem que ser assim	Tô louca pra te ver chegar	Neném sem chupeta	E a solidão é o meu pior castigo
Se o meu desejo não tem fim	Tô louca pra te ter nas mãos	Romeu sem Julieta	Eu conto as horas pra poder te ver
Eu te quero a todo instante	Deitar no teu abraço	Sou eu assim sem você	Mas o relógio tá de mal comigo (2x)
Nem mil alto-falantes	Retomar o pedaço	Carro sem estrada	
Vão poder falar por mim	Que falta no meu coração	Queijo sem goiabada	
	Sou eu assim sem você	Sou eu assim sem você	

Alunos			
Minhoca sem terra	Magali sem comida	Estojo sem lápis	Mãe sem filho
Ano sem mês	Macaco sem banana	Erro sem rasura	Quadro sem giz
Tela sem cor	Noite sem estrela	Filho sem mãe	Mãe sem pai
Vídeo game sem jogo.	Noite sem Lua	Cama sem colchão	Estrela sem brilho
Tênis sem cadarço	Frasé sem palavra	Aquário sem peixe	Lápis sem ponta
Macaco sem árvore	Espelho sem reflexo	Lápis sem ponta	Bairro sem casa
Dezembro sem natal	Arroz sem carne	Trem sem trilho	Faca sem corte
Banco sem dinheiro	Sexo sem camisinha	Natação sem piscina	Comida sem gosto
Quadro sem giz	Balão sem ar	Noite sem luar	Noite sem lua
Mês sem semana	Arroz sem feijão	Dia sem sol	Borracha que não apaga
Aluno sem estudar	Coração sem amor	Prédio sem janela	Chão sem terra
Fazer contas sem calculadora	Vídeo-game sem controle	Café sem açúcar	Televisão sem imagem
Princesa sem príncipe	Jorge sem Matheus	Fada sem varinha	Professor sem aluno
Caderno sem folha	Casa sem Família	Mônica sem Cebolinha	Porta sem fechadura
Dia sem mês	Cinema sem filme	Farol sem luz	Remédio sem solução
Galinha sem ovo	Pamonha sem milho	Chuveiro sem água	Loja sem roupa
Arco-íris sem cor	Escola sem professor	Côco sem água	Rio sem água
Biblioteca sem livro	Festa de aniversário sem aniversário	Boca sem batom	Cama sem colchão
Calendário sem dias	Plano sem estratégia	Refrigerante sem gás	Caderno sem margem
Nome sem sobrenome	Cabeça sem cérebro	Televisão sem canal	Chuteira sem crava
Neném sem mamadeira	História sem acontecimento	Prédio sem janela	Lapiseira sem grafite
Brincar sem brinquedo	Salada sem tempero	Café sem açúcar	Caderno sem linhas
Luar sem estrela	Cemitério sem mortos	Quadro sem bola	Circo sem palhaço
Mar sem navio	Saturno sem sol	Som sem música	Carro sem estrada
Pão sem manteiga	Deus sem poder	Hospital sem paciente	Estojo sem lápis
Lápis sem papel	Anjo sem asa	Escola sem professor	Tênis sem meia
Carro sem roda	Matemática sem número	Aluno sem materiais	Livro sem capa
Macarrão sem molho	Português sem palavra	Porta sem maçaneta	Escrita sem letra
Tartaruga sem casca	Antena sem sinal	Óculos sem lente	Dinheiro sem validade
Floresta sem árvore	Crachá sem nome	Ventilador sem ar	Janela sem carteira
Mundo sem pessoa	Carro sem placa	Aniversário sem presente	Travesseiro sem fronha
lago sem água	Farmácia sem remédio	Escola sem aluno	Violão sem corda
bucha sem sabão	Pop sem Michael Jackson	Livro sem letra	Abelha sem mel
dragão sem fogueão	Educação Física sem esporte	Caderno sem folha	Gibi sem história
relógio sem hora	Relógio sem horas	Formiga sem formigueiro	Nome sem sobrenome
	Quadro sem giz	Dedo sem unha	Caderno sem folha
		Dia sem sol	Escola sem professora



Para entrar no clima do jornal que vai nascer de novo e lembrando que natal é antes de tudo nascimento, apresentamos uma poesia do Marcos Elias exposta por ele na Festa da Família, cujo tema era natal.

Nasce o natal

Nasce bebê nasce natal
 Nasce você nasce eu
 Nasce ela nasce ele
 Nasce 1, 2, 3
 Natal com arroz
 3 e 4
 Natal no prato
 5 e 6
 Natal francês
 7 e 8
 Natal com biscoito
 9 e 10
 Natal com papais noéis
 Feliz natal!

Marcos Elias Ramalho e Elias
(3º ano/4º ano)



Pesquisa aplicada

PNAE significa Programa Nacional de Alimentação Escolar. Foi implantado em 1955 com o propósito de garantir a alimentação escolar dos alunos de toda a educação básica matriculados em escolas públicas e filantrópicas. A responsabilidade técnica do programa cabe ao nutricionista que possui a função de coordenar o diagnóstico e o monitoramento do estado nutricional dos estudantes, planejar o cardápio da alimentação escolar, acompanhar a aquisição dos gêneros alimentícios, propor e realizar ações de educação alimentar e nutricional nas escolas, certificar o fornecimento de alimentação segura aos escolares, dentre outras.

Foi realizado o primeiro diagnóstico do estado nutricional dos estudantes do CEPAE e o resultado foi:

Estado Nutricional	1ª fase	2ª fase	Ensino Médio
Baixo Peso	10%	11%	4%
Eutrófico (normal)	64%	52%	66%
Sobrepeso	13%	12%	8%
Obesidade	07%	11%	01%

As nutricionistas responsáveis pela implantação do programa no CEPAE, Juliany Moreira Lemos e Maria Amélia de Oliveira Falqueto, desde já agradecem pela colaboração de todos.

Juliany M. Lemos e Maria A. de O. Falqueto

Dicas do Folhinha



Você deve ter observado que na área externa do Cepae não existem latas de lixo. Qual será o motivo? Já sabe? É por causa dos nossos companheiros, os macaquinhos do Campus 2. As latas viraram atração para eles: nelas procuram alimentos. Entretanto, esse atrativo não é saudável para eles. Pensando nisso as latas foram retiradas. Então nossa dica é: jogue lixo apenas nas latas da área interna e não circule pela área externa com comida. Lanche sempre na sala de aula, no horário reservado para isso. Desse modo, estamos evitando lixo na escola e doenças para os macaquinhos. Como diz a Campanha da AMMA e UFG: “Tudo o que ele precisa está na natureza”.



Recadinho da Coordenação da 1ª Fase

Prezados pais e alunos.

É com muita alegria que iniciamos mais um ano letivo! Novo ano, ou não, colegas novos e antigos, professores novos e já conhecidos... Gostaríamos de agradecer a todos os pais e alunos que retomam as atividades conosco, pois demonstram que confiam em nosso trabalho. Aproveitamos, novamente, para reforçar a importância da parceria escola, pais e alunos, razão da existência do CEPAE.

A coordenação da 1ª fase agradece a todos.

Abraços e bom retorno.

Neise Maria da Guia Silva

Você sabia que ...

As abelhas têm uma família?
A rainha é a mamãe das abelhas e as operárias são os irmãos e o zangão é o pai.
As abelhas colhem o pólen e o néctar para fazerem o mel, elas têm tronco e abdômen.
Também tem muitas abelhas diferentes e casas também.

João Gabriel Rinaldi Pereira (1º ano/2º ano)



Resenhas

Filme: Rio
Diretor: Carlos Saldanha
Local: Cine UFG

Vá(ler)



“Rio” é uma animação que junta aventura e romance, dirigido pelo brasileiro Carlos Saldanha, o mesmo que dirigiu a Era do gelo.

Rio conta a história de Blu, uma arara azul, vítima do contrabando de animais. A animação foi lançada em 2011 pela Fox e sua música Real in Rio de Carlinhos Brow, Sérgio Mendes e Siedah Garrett concorreu ao Oscar de Melhor Canção Original.

Achei muito legal e gostei de ir com meus colegas. O filme foi muito bom. Eu gostei da parte que a arara azul aprendeu a voar e depois gostei que o casal de araras azul tiveram três araras. As araras azuis são muito bonitinhas.

Yasmim Moreira Ribeiro Dinísio (1º ano/2º ano)

Papo sério

A alegria de sempre

Entrar no Cepae foi bom, embora deixar meus amigos foi uma decepção. Entrei na escola no terceiro ano. Lembro que um grupo de meninas queriam me conhecer e fui correndo em busca de novas amizades. Me diverti muito no parquinho que na época era meu lugar preferido de toda a escola. As aulas eram ótimas, cada uma mais divertida do que outra, aprendíamos cada coisa! Os professores então eram como fundadores da Escola da Diversão.

No quarto ano, novos professores, novas aulas e alunos. Todo mundo gostava, não posso dizer que tudo era perfeito, tinha confusões e bagunças, mas tudo era encantador.

O quinto ano foi bom, mas minhas melhores amigas eram da outra turma e ainda por cima estavam brigadas, pareciam desconhecidas, com cada mudança que me tirava uma lágrima, posso dizer que foi difícil vê-las assim.

Agora vou para o sexto ano e espero encontrar a mesma alegria do meu primeiro dia de aula na escola: dia 16 de fevereiro de 2009. Um dia inesquecível. Aqui vai uma dica para todos que estiverem lendo este texto, não deixem que suas amizades escapem tão facilmente. A escola é um dos lugares

mais alegres do mundo, não deixem isso mudar, na escola você faz amigos. Meu desejo é que vocês não percam seus amigos e mesmo se eles mudarem de turma ainda sim é seu amigo.

Durante o tempo da 1ª fase aprendi muitas coisas, dentre elas o que são animais vertebrados e invertebrados, divisão (achei super legal), os estados e capitais do Brasil (um máximo), verbos e adjetivos (tão interessante), notas musicais (muito divertido), tipos de dança (ótimo conteúdo), conheci grandes artistas e fiquei sabendo das navegações oceânicas. Tudo isso eu amei estudar, é isso que a escola faz, transmite conhecimentos, mas é preciso atenção nas aulas. As aulas são ótimas, esse é um dos motivos para eu acordar cedo, me aprontar e andar de carro meia hora para chegar à escola. Aproveitem bem o tempo na escola, pois é muito legal aprender.

O sexto ano é uma nova oportunidade para mim e para muitos e aguardo a alegria e a felicidade com muita esperança. As vezes penso que a alegria não vai chegar porque já estou com ela e

vou espalhar ela para todos. Que vocês consigam pegá-la! Que este ano seja um dos melhores!

Sofia Carvalho Rocha (5º ano/6º ano)

Como foi estudar no Cepae?

Eu aprendi a escrever muita palavra legal, a ler bastante, a pintar, a contar histórias, a arrumar a sala. Também ganhamos uma caixa de livros super legal e brinquei de caça ao tesouro. A fazer o cabeçário inteiro, a ser educado (a), a jogar dominó, memória e bingo.

Mell Sousa Ponce Leon (1º ano/2º ano)

Quem faz o Folhinha Aplicada:

Coordenação: Profa. Maria Alice de Sousa Carvalho.

Colaboração: Profas. Andrea Alves da Silva Sousa, Neisi Maria da Guia Silva e Sônia Santana da Costa.

Diagramação: Prof. Leonarley Rodrigo Silva Barbosa

Revisão: Profa. Maria Alice de Sousa Carvalho e Prof. Leonarley Rodrigo Silva Barbosa.



Essa Carta vai para...

Diretora Maria José

Obrigado. Você ensinou muitas coisas legais e a gente gostou muito da abelha jataí e da abelha frango. E a gente gostou muito de vocês e eu te amo muito mesmo.

Beijoca com pipoca.

Yasmim Rodrigues DomicianoDias

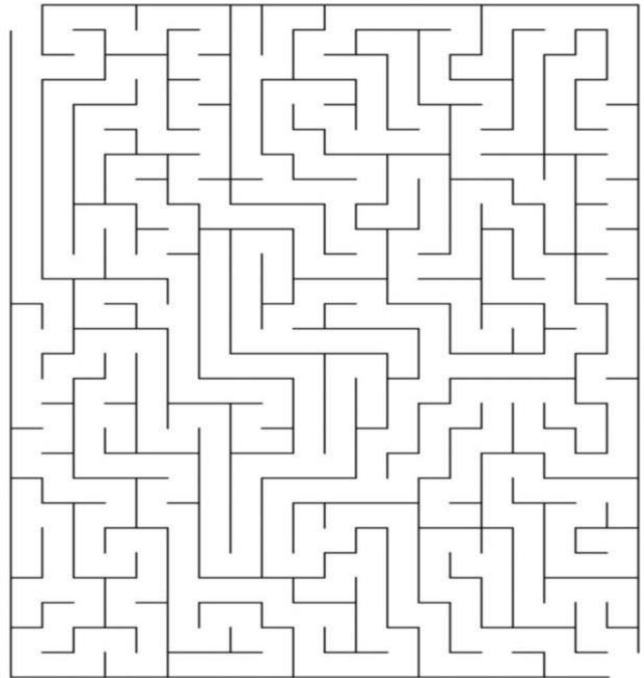
Olá, professoras da Aspaan!

Professoras, eu gostei da apresentação das senhoras e eu aprendi que não podemos maltratar os animais. Eu gosto de animais, cachorros e gatos gosto muito. Vou cuidar dos bichinhos. Um beijo,

Maria Clara Ferreira Salgado



Encontre a saída do labirinto



Fonte: <http://www.a77.com.br> Acessado em 04/02/2012

Vamos colorir?



Fonte: <http://bandaweb.blogspot.com/2011/05/desenhos-do-filme-rio-paiz-colorir.html> Acessado em 04/02/2012

Tirinha



Fonte: <http://ribeirobr.blogspot.com/2011/06/mafalda-tirinhas.html> Acessado em 04/02/2012

MÃOS OBRA!

Experiência: faça a água escorrer por cima do barbante sem derramar nada.

1º passo: Umedeça o barbante e amarre uma pontinha dele na alça da jarra.

Que tal desafiar a gravidade com uma experiência bem legal? Para isso, você vai precisar de:

Materiais:

- * Um copo
- * Uma jarra pequena com alça
- * Pedaco de barbante com cerca de 60 cm
- * 300 ml de água



2º passo: Encha o copo com 3 dedos de água e coloque o restante da água na jarra.



3º passo: Mergulhe a ponta livre do fio no copo com água. Deixe um pedaço de cerca de 8 cm mergulhado no copo.



4º passo: Distancie a jarra do copo e estique o barbante, atravessando-o sobre a boca da jarra.

Você deverá segurar o fio dentro do copo, como mostra a figura.

5º passo: Com cuidado e bem devagar, vá despejando a água da jarra sobre o barbante. É importante ir devagar porque pode ser que caia um pouco de água no início.

Quando a água parecer ficar grudada ao fio, derrame a água sobre ele mais rápido. Você vai ver que o fio vai "conduzir" a água até o copo, sem derramar.



Fonte: http://criancas.uol.com.br/album/atividade_fiodeagua_album.htm Acessado em 04/02/2012

Folhinha Aplicada

Universidade Federal De Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Vol. 6, Nº 22, Agosto/2015

www.copao.ufg.br

Os textos das crônicas são publicados na íntegra, para que seu exercício de escrita e autoria seja respeitado



Aos leitores

Mais uma edição do Folhinha! Desta vez, com um texto bastante interessante sobre o consumismo, destaque da primeira página. Vale a pena lê-lo e fazer uma reflexão sobre esse assunto, afinal, grande parte dos problemas mundiais é efeito de um certo modo de lidar com o consumo. Além dele, os alunos da Escola Municipal Nossa Senhora da Terra, apresentaram muitos trabalhos: dicas, relatos, cartinhas, etc. Que tal, já começar a ler o Folhinha Aplicada? Boa leitura e até a próxima.

Pensar o Consumo

Ignácio de Loyola Brandão, em seu pequeno livro "Manifesto Verde", mostra que a ambição da vida "confortável" e a necessidade do "lucro imediato" faz com que vivamos um vergonhoso "presente que desfaz o futuro (...) derrubamos as matas, poluímos as águas, envenenamos o ar, arruinamos a atmosfera, intoxicamos a produção de alimentos, estamos tornando a vida impossível. Mas ainda há retorno". Qual a relação do consumo com a nossa vida? Digamos que ele tem uma relação natural com a sua vida, você come e bebe, de modo que esta relação originária de sobrevivência constitui-se com naturalidade.

Imaginem por exemplo, que tudo pode ser observado, compreendido, refletido, pensado sob o ponto de vista do consumo, ou a partir do consumo. O consumo como um ritual que se vincula aos nossos hábitos, a todos eles em geral. Imaginem agora que o consumo se vinculasse a poesia, a fotografia, imaginem que por isso ele selecionasse uma personalidade e produzisse um efeito sobre nossas mentes. Que o consumo seja capaz de influenciar pessoas que admiramos, afinal neste exemplo, o consumo se liga a tudo. As obras de arte, as telas criadas, as esculturas feitas e as músicas que cantamos, bem como nos filmes que assistimos e na sua produção há consumo e dispêndio. O consumo se liga as nossas escolhas, pode-se encontrar o consumo por trás de cada ato humano segundo alguns antropólogos, filósofos e sociólogos.

Mas apesar disso, não temos necessariamente de assumir uma atitude consumista, que contribui para o caminho errado que já estamos seguindo, a saber, o caminho do lucro imediato e da ambição. Cabe a nós, às nossas escolhas – profissionais e éticas – as nossas decisões que individualmente e politicamente mudam e criam um novo quadro, constrói a nova realidade que desejamos, por meio de valores que construiremos, e não dos que herdamos, mas sim dos que serão criados a partir de nossa capacidade de tornar nossos sentimentos e ideias em realidade.

Texto por: Yuri Artiaga - Cepae - UFG

Pensar o Consumo

1

Você sabe - dicas do folhinha

Veja como as crianças aplicaram a matemática em seu cotidiano e as dicas de passeio para o Memorial do Cerrado.

LER MAIS NA PÁGINA 09

Essa carta vai para...

Cartas enviadas dos nossos leitores, leia, vá que tem algum recadinho especial para você!

LER MAIS NA PÁGINA 09

vá(LEER)

Gosta de uma boa leitura? Esse é o espaço certo! Conheça algumas críticas e sugestões de livros infantis.

LER MAIS NA PÁGINA 04

Passeio à pecuária

Você já foi à pecuária? Veja depoimentos de crianças que foram lá visitar, um mais interessante que o outro, vale a pena ler!

LER MAIS NA PÁGINA 08

Passatempo - Desafios no Folhinha

Desafios enviados para você leitor, tente decifrá-los e veja as produções artísticas de nossos leitores.

LER MAIS NA PÁGINA 06



Desenho de: Professor Santiago - Cepae-UFG

Você sabe quantos somos na 1ª fase?

Turma do Ponto de Apoio 4º Ano - Cepae - UFG

Nós alunos do Ponto de Apoio de Ciências e Matemática realizamos uma pesquisa para verificar quantos meninos e quantas meninas estão matriculados na 1ª fase do CEPAE, UFG, no ano de 2015.

Nós programamos uma forma para coletar os dados. Fizemos 4 grupos de duas pessoas e 1 grupo tinha três pessoas e cada grupo foi a duas salas para ver a quantidade de meninos e meninas. Para isso, nós olhamos as listas que estão na porta de cada sala.

Após a coleta de dados, voltamos para a sala e construímos uma tabela com as informações do 1ºA até o 5ºB.

Depois nós fizemos uma interpretação, ou seja, a análise dos dados. Descobrimos que:

* 265 alunos estão matriculados na 1ª fase do CEPAE, UFG. Desse total, 151 são meninos e 114 são meninas;

* de 10 salas, seis tem mais meninos, 1 tem a mesma quantidade de meninos e meninas e em 3 salas há mais meninas.



Crianças do 4º Ano - Cepae -UFG



Crianças do 4º Ano - Cepae -UFG

$$9-1=8$$

$$4+5=9$$

$$4 \times 4 = 16$$

$$9-0=9$$

$$1+3=4$$

Utilizando papel milimetrado, cada aluno construiu um gráfico de barra. No eixo vertical indicamos a quantidade de alunos e no eixo horizontal as turmas. O gráfico recebeu o título "Quantidade de meninas e meninos da 1ª fase do CEPAE" e a fonte de dados foi "Lista de alunos da 1ª fase do CEPAE de 2015".

Esta atividade foi muito divertida porque nós descobrimos coisas que quase ninguém sabia. Tivemos um pouco de dificuldade para separar meninos e meninas da lista pregada nas portas.

Autores: Amanda Ferreira, Ana Clara Gomes, Beatriz Pimentel, Fernanda Calixto, Gabriel Rocha, Gustavo Nunes, Hellen Ferreira, Iasmim Rodrigues, João Victor Garcia, Karine Ricarte, Lucca Silveira, Luan Vitor, Luiz Guilherme, Maria Eduarda Rodrigues, Professoras Luciana Parente e Flávia Lima.

Q DICAS DO FOLHINHA

Quer conhecer um lugar que retrata o surgimento do Planeta Terra até a chegada dos portugueses aqui no Brasil? Ou então saber as diversas formas de ocupação do Cerrado e as relações natureza e sociedade? Você precisa ir ao Memorial do Cerrado. Este museu fica localizado no Campus II da PUC Goiás e você encontrará tudo isso que apresentei e muito mais como: Vila Cenográfica de Santa Luzia, Aldeia Indígena, Quilombo, Trilhas Ecológicas, Espaço de Educação Ambiental Dalila Coelho Barbosa...

Os alunos da Escola Municipal Nossa Senhora da Terra foram ao Memorial, fizeram um belo passeio e, é claro, aprimorando os seus conhecimentos que até mesmo aprenderam na sala de aula e puderam conferir de pertinho lá no museu. Cada lugar que passava e as explicações dos guias eles descobriram muitas coisas. Se eu fosse você faria uma visitinha ao Memorial do Cerrado que fica na Avenida Bela Vista, Km 02 – Jardim Olímpico em Goiânia. Contato (62) 3946-1711/(62) 3946-1723.

Autor: Professor Leonarley Rodrigo



Você sabe quantos somos na 1ª fase? - dicas do folhinha

2

*Essa carta vai para...***Goiânia, 24 de junho de 2015.**

Olá pessoal do jornal, tudo bem? Eu achei que o jornalzinho tem muitos desenhos. Eu gostei muito da parte do concurso da nova logo do Folhinha. Está muito interessante. Fim. Tchau tchau pessoal.

Isac Cardoso dos Reis – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra

Goiânia, 24 de junho de 2015.

Olá pessoal do jornal. Eu gostei muito do jornal principalmente do jogo dos sete erros porque ele é muito interessante. Steve é uma cristã gems e o nome dele é Periote. Abraços!

Thiago Dias Pereira de Sousa – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra

Goiânia, 24 de junho de 2015.

Olá pessoal que organiza o Folhinha Aplicada. Eu adoro o jornal da Escola. Eu vejo e leio os seus textos. Eu gostei do jogo dos sete erros foi bem criativo, vocês sabem desenhar muito muito bem. Qual o nome da pessoa que fez o desenho? Mil abraços e beijos.

Matheus Henrique B. de Sousa – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra

Goiânia, 24 de junho de 2015.

Oi pessoal do jornal. Eu gostei do jornalzinho porque tem uns desenhos muito bonitos, legais e saiu o meu desenho também. Os textos nem sempre gosto, mas esse jornalzinho agora gostei de verdade. Abraços!

Ítallo Negreiros dos Santos – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra

Goiânia, 24 de junho de 2015.

Olá organizadores do jornal. Eu gostei muito dos textos, temos muitas coisas para ler e aprender. Os jogos do jornalzinho é muito bom. Foi ótimo o jogo dos sete erros. Eu vou ganhar o troféu do concurso. Abraços!

Jonathan Venâncio da Silva – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra

Goiânia, 24 de junho de 2015.

Boa tarde pessoal do jornal. Eu mando esta carta para falar sobre o jornal. A parte que eu mais gostei foi o jogo dos sete erros. Quero mais passatempos. Tchau.

Carolina Vitória Pereira de Araújo – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra

Goiânia, 24 de junho de 2015.

Bom dia pessoal do jornal. Como vocês estão? Eu gostei muito da parte que meu texto foi para o jornal. Eu fiquei muito alegre. Gosto do jornal porque conta várias coisas divertidas, interessantes e vários desenhos legais e um monte de coisas como desenhos para pintar, etc. Obrigado e um abraço.

Fernanda Fernandes dos Santos – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra.

Goiânia, 24 de junho de 2015.

Como vai pessoal do jornal. Eu gostei do jornal porque ele é muito legal. Eu gostei da parte do jogo dos sete erros. É muito legal. Abraços. Tchau e até a próxima.

Erick Eduardo Graciano Rosa – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra.

Goiânia, 24 de junho de 2015.

Para o pessoal do jornal. Como é que vocês estão? Aposto que vocês estão bem né? Olha, eu gostei muito. Gostei não, amei. Esse jornal é muito bom a parte que eu mais gostei foi do concurso de fazer o desenho mais criativo que vai ganhar o prêmio de primeiro lugar. Bom não foi só eu que achei isso, todo mundo.

Obrigado por ler. Abraços!

Kethellen Carolyne Pires de Souza – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra

VÁ(LE)R

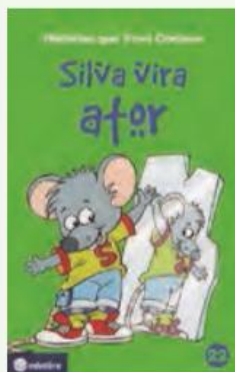
Nome do livro: O grãozinho de areia em cordel

Autor (a): Fernando Paixão
 Ilustrador (a): Mirela Spinelli
 Editora: Paulus
 Ano de publicação : 2010
 Cidade: São Paulo

Essa história é do grão de areia que contou do sonho de morar em outro lugar e sonhava em ver a natureza, as paisagens. Um dia ele contou para seus amigos o seu sonho e seus amigos disseram que nunca ia acontecer, mas veio a tempestade e ele não pensou e se jogou no vento e foi parar lá no mar dentro de uma concha e virou uma pérola e seu sonho foi realizado por ele nunca desistir.

A parte do livro que eu mais gostei foi quando ele vira uma pérola e vai para longe do deserto porque ele realizou o seu sonho.

Autor: Guilherme Correia Martins – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra

**Nome do livro: Silva Vira Ator**

Coleção : Histórias que vovó contava

Autor (a): Paulo Dias Fernandes

Ilustrador (a): Sérgio de Jesus Costa e Miriam R. da Costa

Editora: Edelbra

Ano de publicação :

Cidade: São Paulo

Era uma vez um ratinho que parte de um teatro, mas ele nunca conseguiu o papel porque ele ficava esquecendo o que ele decorou. Mas um dia ele foi para o teatro ver se ele conseguia o papel. A amiga dele estava lá e falou para ele:

-Vai lá e fala a primeira coisa que te dê na mente.

Ele fez o que ela mandou e conseguiu o papel.

Eu gostei do livro porque ele tinha uma amiga que ajudou a conseguir o papel no teatro. Ela é muito legal.

Autor: Matheus Henrique B. de Sousa – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra

Nome do livro: O melhor presente

Autor (a): Pedro Bandeira

Ilustrador (a): Osnei

Editora: Melhoramentos

Ano de publicação : 2005

Cidade: São Paulo

Era uma vez uma menina chamada Melissa e um extraterrestre chamado Xuxu. Um dia era aniversário de Xuxu e Melissa fez um bolo de bolachas de maisena com calda de groselha e grudadas de leite condensado e Melissa colocou uma vela em cima.

Xuxu gostou tanto que disse que no seu aniversário ia dar o melhor presente do mundo. Chegou o aniversário de Melissa e ela estava dormindo e Xuxu colocou um minidestrambelhador e colocou debaixo da cama de Melissa e ela gostou muito.

Eu gostei quando Melissa fez o bolo para Xuxu. Eu gostei dessa parte porque é muito bonito e a gente dá um presente para um amigo e quando a gente dá um presente para uma pessoa a gente ganha outro.

Autora: Fernanda Aparecida – Turma D1 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra.



Passoio à pecuária

O dia na pecuária.

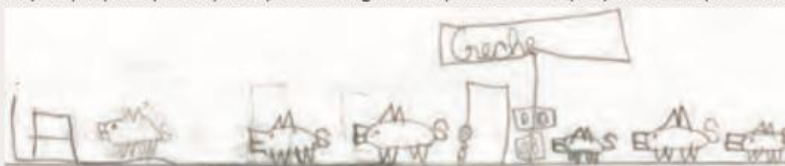
A gente foi na pecuária e vimos um monte de animais: porco, touro, vaca, boi até aprendemos como fazer skinny. A gente andou muito.



Matheus Henrique B. de Sousa – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra

O porquinho cheiroso

A pecuária foi muito legal. Lá eu conheci as ovelhas e um monte de coisas antigas. Eu vi os porcos, vacas e bichos empanhados. Eu fui ao museu e vi um povo cantando e tocando violão e até as mulheres costurando. Também eu vi eles fazendo rapadura, o rodeio, um parque, etc. A parte que eu mais gostei foi quando eu vi os porquinhos e eu passei a mão.



Fernanda Fernandes dos Santos – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra



Os porquinhos da pecuária fedidos
Os porquinhos eles são fedidos. Só que eu gostei deles e eles são muito fofos. Eles são bonitinhos. Gostei dos porquinhos. A pecuária é muito bom! Eu fui com a escola e me diverti e muito! Fim!!!

Nathália Clementino de Sousa – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra

A pecuária de Goiânia

Eu gostei muito da pecuária de Goiânia. Primeiro nós fomos ao museu e vimos coisas antigas tipo telefone, a cama, o fogão, as panelas, a televisão, o ferro. Depois nós vimos as pessoas tocando instrumentos antigos e batemos palmas e depois eu falei para eles:

-Vocês cantam bem. E eles agradeceram.

E a parte que eu mais gostei foi quando eu fui ver os touros e um estava fazendo as necessidades. Kkkk.



Gabriel Lima Rodrigues – Turma C4 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra



Jogo dos Sete Erros



Erick Junior Gregório Guedes – Turma C4 - E. M. Nossa Senhora da Terra



Aethur - 4ªA - Cepae - UFG

Tirinha

XAXADO / Antonio Cedraz



Disponível em: <http://gibitecom.blogspot.com.br/2010/08/tirinhas-da-turma-do-xaxado-com.html> Acessado em 27/08/2015

Desenhos no Folhinha



Amanda 4ªB - Cepae - UFG

Natanael Dourado Neves – Turma C4
E. M. Nossa Senhora da TerraJoão Victor Soares Jorge – Turma C4
E. M. Nossa Senhora da Terra

Quem faz o Folhinha Aplicada:

Coordenação: Maria Alice de S. Carvalho. Colaboradores: Santiago Lemos, Luciana Parente, Flávia Lima, Maria Alice de S. Carvalho, Leonarley Rodrigo S. Barbosa. Diagramação: Santiago Lemos. Revisão: Maria Alice de S. Carvalho, Santiago Lemos, Leonarley Rodrigo S. Barbosa.



Aos leitores

Apresentamos mais um número do Folhinha Aplicada. Nele, você encontrará algumas informações interessantes sobre a cultura dos Pataxós. Esperamos que elas possam incentivá-lo a estudar mais sobre outros povos e culturas. Esta edição também apresenta pesquisas, dicas e muito mais. Boa leitura e até a próxima edição!

Estilo musical do 5º ano A

Na aula de matemática nós fizemos uma votação para sabermos qual o gênero musical preferido da classe entre: Rock, Erudito, Rap, sertanejo e MPB (música Popular Brasileira). Fizemos uma tabela, depois fizemos uma coleta de dados, organizamos os dados, analisamos os dados e depois chegamos a conclusão que a preferência da turma é o Erudito com 20 votos. O segundo mais votado foi o Rock com 4 votos e o menos votado foi o Rap com apenas 1 voto. A aula foi bem legal, aprendemos mais sobre opiniões e foi divertido. Na aula nós vimos que todo gráfico precisa de título, data e fonte.

Gêneros Musicais	1ª Fil	2ª Fil	3ª Fil	Total
Sertanejo		L	1	3
Erudito	☑	☑	☑	20
Rap			1	1
Rock	1	☐	1	4
MPB	1	☐	1	2
Total				30

Fonte: 5º ano A - CEPAE - UFG/2017

Texto: Isabelle Maria Pinto Boaventura
Profa responsável: Luciana Parente Rocha.

Editoria: Folhinha Cultural

Você já ouviu falar da comunidade indígena dos Pataxós? Venha conferir nessa reportagem em que os estudantes da E. M. Nossa Senhora da Terra apresentam sobre sua cultura e hábitos. Além disso, aprenda algumas palavras na língua Patxôhã.

Leia mais na página 05 e 06

Notícias culturais

O cine UFG foi mais uma vez o palco dos projetos Cine Corujinha e Festival do Minuto, veja fotos. Confira como foi a apresentação do Corê Ca to da Terra no Evento da PUC/GO

Leia mais na página 08

Quadrinhos

Leia e divirta-se com a HQs "A era do rato".

Leia mais na página 09

Desafios - Desenho do Folhinha

O Folhinha Aplicada lança seu novo desafio, "O labirinto", tente resolvê-lo!

Leia mais na página 08



FOLHINHA CULTURAL

No calendário oficial há o Dia do Índio, 19 de abril. Neste mês estudamos um povo da etnia Pataxó. Aprendemos sobre seus costumes de alimentação, música, religião, pinturas corporais, etc. Refetimos também sobre as questões que os povos indígenas enfrentam, como perseguição, manutenção de suas terras, respeito às manifestações culturais, etc.

A etnia Pataxó fica no Sul da Bahia, na cidade Santa Cruz de Cabrália. Ela é a única etnia indígena reconhecida que continua a viver na chamada "Costa do Descobrimento", mas para eles essa região devia ser conhecida como "Costa da invasão européia". Eles dizem que sobreviveram a essa invasão porque moravam mais recuados da praia e eram nômades, não tinham um lugar fixo para viverem. Por terem conhecimento sobre a floresta e habilidades para usar fechas sabiam como se defenderem dentro da mata.

Segundo eles, depois da chegada dos colonizadores portugueses, a história da etnia Pataxó foi marcada por conflitos: dizimações, lutas pelas posses de terra e perda do direito à liberdade cultural. Seus costumes mudaram muito depois do ano de 1.500. Ainda hoje lutam por direitos e tentam resgatar sua cultura.

-Você quer aprender mais sobre a Tribo Pataxó? Leia as informações que selecionamos a seguir: A língua da Tribo é o patxôhá, que significa língua do guerreiro Pataxó. Leia a música "Arnã mê'a txihi (Sou índio)" e aprenda algumas palavras.

Arnã mê'a txihi	Sou índio
.Petôixó hãtô itsahákeb	Tenho uma lança!
,Arnã mê'a txihi	Sou índio
petôixó hãtô hamatê	Tenho uma dança!
.Tokerê tapuritú hãtô ikhã	Quero mais uma luta
.Axkexó i? âpuâg	Pra manter a esperança
Tokerê petôiré apêtxienã	Ter um amor e espalhar elegância
Uerimehe	
Dxahá êkworé âtxuâbatê	

Letra: Ladiane, Tamires e Viviane. Música: 6ª série matutina. Abril de 2004. CD Ihixú xôhá suniata'irá iôp pahâtê - Cantando sonhos de uma nação guerreira).

Akuã: flecha	Imamakã: mãe	Kapnetur: pai	Sirnã: arroz
Anderú: Jesus Cristo	Ita: pedra	Luar: bebida indígena	Sumiatã: cantar
Baiachú: bonito (a)	Jompeke: fogo	Merki: açúcar	Suninha: carne
Baikã: feio	Jonkate: carro	Mukunã: mandioca	Taputã: bem vindo
Baquira: doido (a)	Kakaribóya: canoa	Mukussuy: peixe	Foró: apagar
Bodiapê: pão	Kakuçecã: homem	Murici: cala a boca	Guarapijope: guaraná
Chukakai: galinha	Kakuçu: rapaz	Niamissum: Deus	Kanhambã: dinheiro
Crukê: comer	Ronré: amanhã	Nitinwã: frutas	Kanhandura: cobra
Hahãu: terra	Rontem: ontem		

Texto: Turma D1 – Escola Municipal Nossa Senhora da Terra.



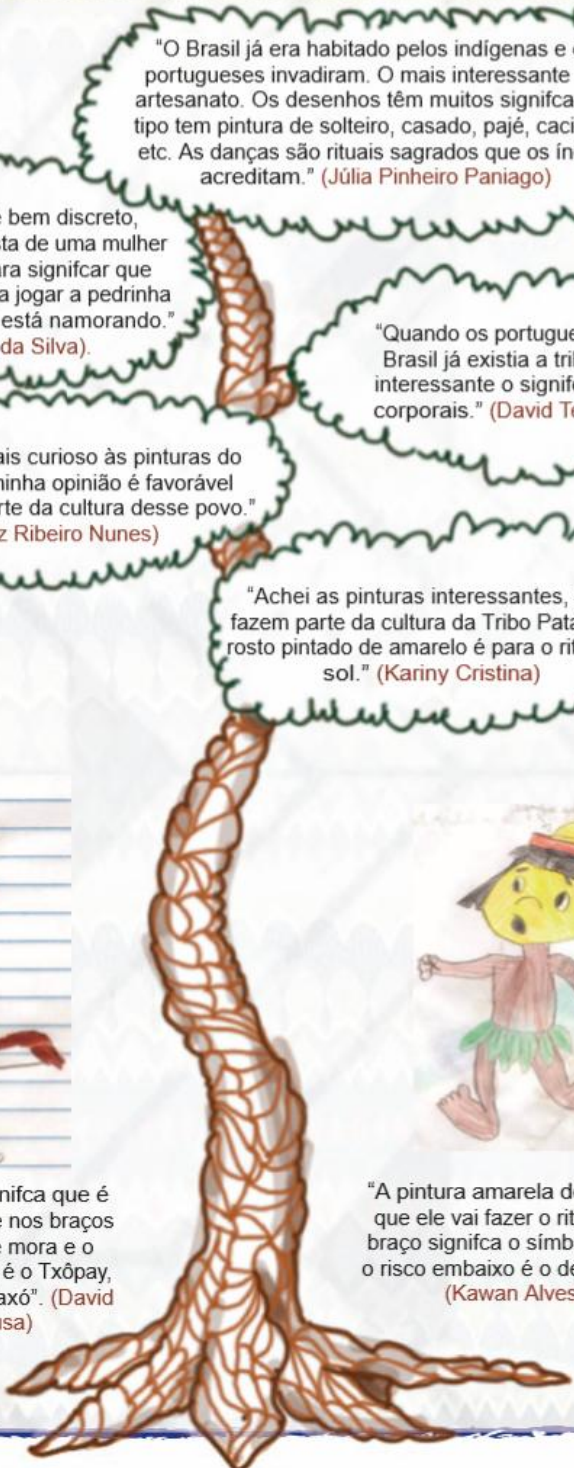

"O Brasil já era habitado pelos indígenas e os portugueses invadiram. O mais interessante é o artesanato. Os desenhos têm muitos significados, tipo tem pintura de solteiro, casado, pajé, cacique, etc. As danças são rituais sagrados que os índios acreditam." (Júlia Pinheiro Paniago)

"O namoro Pataxó é bem discreto, quando um homem gosta de uma mulher ele joga pedrinhas para significar que quer namorar. Se a índia jogar a pedrinha de volta significa que já está namorando." (Vitória Garcia da Silva)


"Quando os portugueses chegaram ao Brasil já existia a tribo Pataxó. Achei interessante o significado das pinturas corporais." (David Teixeira de Moura)

"Eu achei mais curioso às pinturas do rosto e na minha opinião é favorável porque faz parte da cultura desse povo." (Laiz Ribeiro Nunes)

"Achei as pinturas interessantes, pois fazem parte da cultura da Tribo Pataxó. O rosto pintado de amarelo é para o ritual do sol." (Kariny Cristina)

"A pintura do rosto significa que é de um homem solteiro e nos braços significa a aldeia onde mora e o risco embaixo da aldeia é o Txôpay, o protetor da Tribo Pataxó". (David Teixeira de Sousa)



"A pintura amarela do rosto significa que ele vai fazer o ritual do Sol e no braço significa o símbolo masculino e o risco embaixo é o de compromisso". (Kawan Alves Costa)

 **SESSÃO CORUJINHA**  **+ I MINUTO**
 Sessão Corujinha e Festival do Minuto - Mostra de filmes festival permanente do minuto

Estivemos mais uma edição do Projeto de Extensão Sessão Corujinha em maio. Dessa vez, apresentamos os curtas selecionados no Festival do Minuto no Cine UFG e no Museu Antropológico.

Em outubro, também faremos exibições de filmes e debates no Compex/UFG. Fique atento, pois como verá nas fotos abaixo, tem gente de olho na telona.



Coral Canto da Terra da Escola Municipal Nossa Senhora da Terra participa da Mostra Pedagógica da SME no evento da Jornada da Cidadania PUC Goiás.



O coral faz parte do projeto da disciplina de inglês sob direção da professora Rose. Os ensaios são realizados durante as aulas de inglês com todos os alunos do ciclo II (crianças de 9 a 11 anos), são 130 vozes que encantam com canções em inglês nos eventos promovidos pela escola como: Festa da Família, Mostra Pedagógica, Semana Cultural, entre outros.

A foto acima mostra o coral na apresentação "Perfect Life" (Vida Perfeita), na oportunidade os alunos cantaram três músicas em inglês que emocionaram a plateia: "The Perfect Life" (Moby), "93 Million Miles" (Jazon Mraz) e Million reasons (Lady Gaga). O respeito à inclusão é um dos objetivos principais do coral, pois todos os alunos, sem exceção participam das apresentações, incluindo alunos com deficiência. O objetivo é trabalhar a socialização, inclusão, cooperação, atenção, concentração, respeito e incentivar o estudo da língua inglesa.



Texto da Profa. Rosemeire Viviane de Oliveira Araújo.



C. Era do Rato



Luiz Fernando M. Nunes, LUIZ FERNANDO 5º A

Quadrinhos

51



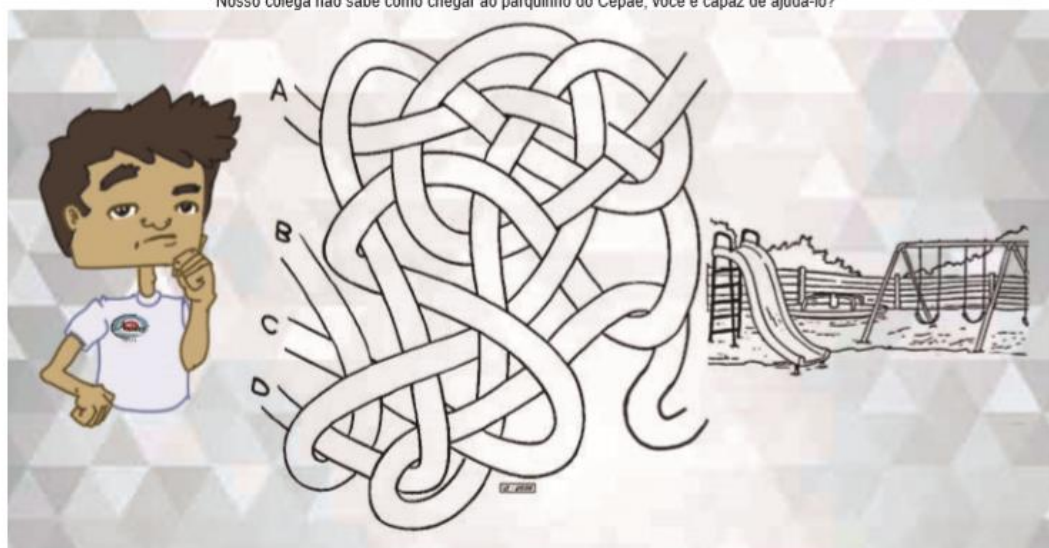
Adivinhas ?

- 1) Por que o pato tem ciúme do cavalo?
- 2) O que é, o que é? Tem 5 dedos, mas não tem unha?
- 3) O que é, o que é? Que é meu, mas meus amigos usam mais do que eu?
- 4) Por que algumas pessoas colocam o despertador debaixo do travesseiro?
- 5) O que é, o que é? Que tem no meio do ovo?
- 6) O que é, o que é? Destroí tudo com três letras?
- 7) Qual a única pedra que fica em cima da água?
- 8) Qual é o céu que não possui estrelas?

(Respostas: 1) -Porque o cavalo tem quatro patas! 2) A luva; 3) O meu nome; 4) Para acordar em cima da hora; 5) A letra 'u'; 6) o fim; 7) A pedra de gelo; 8) O céu da boca.

LABIRINTO

Nosso colega não sabe como chegar ao parquinho do Cepae, você é capaz de ajudá-lo?



Quem faz o Folhinha Aplicada

Coordenação: Maria Alice de S. Carvalho. Colaboradores: Maria Alice de S. Carvalho, Leonarley Rodrigo S. Barbosa, Luciana Parente Rocha e Rosemeire Viviane de Oliveira Araújo. Diagramação: Santiago Lemos. Revisão: Maria Alice de S. Carvalho, Santiago Lemos, Leonarley Rodrigo S. Barbosa e Sônia Santana da Costa.